

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DIANA LIZ REIS

O USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO:
UM ESTUDO FUNCIONALISTA SOBRE VERBO E MODALIDADE

Florianópolis
2010

DIANA LIZ REIS

**O USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO:
UM ESTUDO FUNCIONALISTA SOBRE VERBO E MODALIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski.

Florianópolis
2010

Dedico este trabalho aos meus.

À professora Edair M. Görski, pela orientação precisa em todo o percurso de desenvolvimento desta pesquisa; e pela constante aprendizagem que me permitiu, por ser minha orientadora.

Aos meus pais, Mariléia e Sérgio, pelo incentivo, dedicação e afeto.

Ao Wagner, pelo carinho, amor, atenção e disposição constante em me auxiliar.

Ao Mateus, pela alegria e paciência com a irmã.

À Talita e Josias, pela tolerância durante os últimos dias da escritura da dissertação.

À professora Izete L. Coelho, pelas ideias sugeridas durante a defesa do projeto.

À Célia, por todo o apoio.

Ao professor Felício W. Margotti, pela inspiração, na primeira disciplina que fiz na pós-graduação, e, as professoras Maria F. S. Espíndola e Maria M. Furlanetto, pelo incentivo à pesquisa durante a graduação.

Aos colegas pós-graduandos em linguística da UFSC, em especial, ao grupo do VARSUL.

Agradeço.

A pragmática como um fenômeno natural, uma perspectiva teórica, e um método empírico, é a chave para uma compreensão integrada da vida, do comportamento, da cognição e da comunicação.

(GIVÓN, 2005, p. 36)

RESUMO

Esta dissertação analisa o uso da forma verbal de futuro do subjuntivo no português oral, em amostras sincrônicas. Sob a perspectiva teórica do funcionalismo de vertente norte-americana, o futuro do subjuntivo foi visto como uma forma verbal *irrealis* que se inter-relaciona diretamente com a modalidade proposicional e com o contexto discursivo em que aparece, quase sempre sob o domínio *irrealis*.

Para a realização deste estudo, foram criados grupos de fatores que abrangem, desde o contexto discursivo mais amplo em que se insere o item verbal sob análise, passando pelo escopo do período sintático, pela oração subordinada que contém a forma verbal no futuro do subjuntivo, até a focalização do próprio verbo, examinando aspectos semânticos e morfológicos que o caracterizam. Com o controle desses fatores, buscou-se abordar o fenômeno de maneira articulada em seus diferentes níveis gramaticais, considerando a atuação de motivações em competição na caracterização de seu contexto de uso.

Em termos gerais, os resultados apontaram que o futuro do subjuntivo é um tempo/modo verbal que (i) atua como um dos meios de expressão da modalidade *irrealis*, instaurando, junto de outras expressões de natureza similar, um contexto harmonicamente modal; (ii) aparece frequentemente em orações condicionais; (iii) mantém estreita relação semântica com as noções modais de possibilidade, probabilidade, incerteza; e ainda (iii) apresenta alta recorrência de formas morfológicas irregulares, que suplantaram as regulares nos dados analisados.

Palavras-chave: futuro do subjuntivo; modalidade; funcionalismo.

ABSTRACT

This research analyzes the use of the future subjunctive verb in Portuguese oral samples synchronous. Through the theoretical perspective of the American functionalism, the future subjunctive was seen as an *irrealis* verb form that inter-relates directly to the modality propositional and the discursive context in which it appears, often under the domain *irrealis*.

For this study, we created groups of factors that include the larger discursive context in which the item verbal appear in analyzes, passing by scope of the syntactic construction, by the subordinate clause with the future subjunctive, until the focus of the verb itself, examining morphological and semantic aspects that characterize it. With control of these factors, we seek to approach the phenomenon in conjunction with different levels of grammar, considering the performance of competing motivations in the characterization of its context of use.

Overall, the results indicated that the future subjunctive is a tense/mood that (i) serves as a means of expression of *irrealis* modality, introducing, along with other expressions of similar nature, a harmonically modal context, (ii) often appears in conditional clauses; (iii) is closely linked with the semantic modal notions of possibility, probability, uncertainty, and (iii) has a high recurrence of irregular morphological forms, which supplanted the regular ones, in data analysis.

Keywords: future subjunctive; modality; functionalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – O futuro do subjuntivo em cantigas portuguesas.....	34
Quadro 2 - O futuro do subjuntivo em gramáticas normativas do português.....	36
Quadro 3 - Aserções: <i>realis</i> , <i>irrealis</i> , negativa e pressuposição.....	51
Quadro 4 - Distribuição da modalidade entre tempos e aspectos.....	57
Quadro 5 - Classificação semântica dos verbos, com base em Givón.....	60
Quadro 6 - Condicionais <i>irrealis</i> no passado e no presente.....	65
Quadro 7 - Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis (VAR SUL).....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Caracterização do discurso no contexto comunicativo.....	107
Gráfico 2 - Presença de expressões <i>irrealis</i> e predicções subjetivas.....	110
Gráfico 3 - Gradiente <i>irrealis</i> no contexto comunicativo.....	112
Gráfico 4 - Marcas de futuro e de habitual no contexto.....	115
Gráfico 5 - Modalidade Proposicional.....	116
Gráfico 6 - Tipo de oração subordinada com futuro do subjuntivo.....	119
Gráfico 7 - Traço (a)temporal no período.. ..	127
Gráfico 8 - Ordem das orações no período.....	131
Gráfico 9 - Tempo do verbo da oração principal.....	134
Gráfico 10 - Perfil semântico do verbo da oração principal.....	135
Gráfico 11 - Perfil semântico do verbo no futuro do subjuntivo.. ..	137
Gráfico 12 - Verbo no futuro do subjuntivo como auxiliar ou principal.....	139
Gráfico 13 - Morfologia (ir)regular do verbo no futuro do subjuntivo	140
Gráfico 14 - Item lexical do verbo no futuro do subjuntivo	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores concernentes ao contexto comunicativo.....	105
Tabela 2. Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores relativos à construção com FS	116
Tabela 3. Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores relativos ao verbo no FS.	132

LISTA DE ABREVIATURAS

- EI – expressão *irrealis*
- EI A – expressão *irrealis*: verbos
- EI B – expressão *irrealis*: advérbios
- EI C – expressão *irrealis*: itens lexicais
- EI D – expressão *irrealis*: tipos oracionais
- FI – futuro do presente do indicativo
- FS – futuro do subjuntivo
- [FUT] – futuro
- [HAB] – habitual
- [+I] – asserções mais *irrealis*
- INF – infinitivo
- IMP – imperativo
- PI – presente do indicativo
- PS – presente do subjuntivo
- PS - predicacões subjetivas
- [+R] – asserções mais *realis*
- [R-I] – asserções *realis* e *irrealis*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 OBJETO DE ANÁLISE.....	21
1.2 OBJETIVOS.....	26
1.2.1 Objetivo geral	26
1.2.2 Objetivos específicos	27
1.3 QUESTÕES.....	27
1.4 HIPÓTESES.....	28
2 REVISÃO TEÓRICA	31
2.1 O FUTURO DO SUBJUNTIVO.....	31
2.1.1 Origens	31
2.1.2 Descrições gramaticais	35
2.1.3 Delimitando as construções com futuro do subjuntivo	37
2.1.4 Forma gramatical e significado	38
2.1.4.1 Os morfemas.....	38
2.1.4.2 O significado.....	42
2.2 O COMPLEXO DOMÍNIO FUNCIONAL DA MODALIDADE.....	44
2.2.1 Os domínios tipológicos funcionais	44
2.2.2 O discurso multiproposicional	47
2.2.3 A modalidade	48
2.2.3.1 Definição.....	48
2.2.3.2 A interação modal.....	55
2.2.4 A distribuição da modalidade na gramática	56
2.2.4.1 Modalidade inerente de verbos lexicais.....	57

2.2.4.2	Modalidade e tempo-aspecto	57
2.2.4.3	Advérbios <i>irrealis</i>	58
2.2.4.4	Modalidade e tipos de oração	58
2.2.5	As orações adverbiais condicionais <i>irrealis</i>: os prováveis contextos principais de uso do FS em português	63
2.2.6	A distinção entre <i>realis</i> e <i>irrealis</i>: discussões	66
2.2.7	A relação entre futuro e <i>irrealis</i>	68
2.2.7.1	O futuro como tempo verbal.....	68
2.2.7.2	Futuro, subjuntivo e <i>irrealis</i>	70
2.2.8	Os contextos com FS: sobreposição de tempo, modo e modalidade no domínio <i>irrealis</i>	71
3	METODOLOGIA	73
3.1	AMOSTRA DOS DADOS	73
3.2	O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	74
4	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	104
4.1	GRUPOS DE FATORES CONCERNENTES AO CONTEXTO COMUNICATIVO.....	104
4.1.1	Caracterização do contexto discursivo com FS.....	106
4.1.2	A presença de expressões <i>irrealis</i> [EI] e outras predicções subjetivas [PS] nos contextos de uso de FS	110
4.1.3	Gradiente <i>realis-irrealis</i> no contexto	112
4.1.4	Marcas de futuro e de habitual no contexto	114
4.2	GRUPOS DE FATORES RELATIVOS À CONSTRUÇÃO COM O FS	116
4.2.1	Modalidade Proposicional.....	117
4.2.2	Tipo de oração subordinada com FS.....	120
4.2.3	Traço (a)temporal no período.....	127
4.2.4	Ordem das orações no período	130
4.2.5	Tempo do verbo da oração principal do período com FS	133
4.2.6	Perfil semântico do verbo da oração principal.....	135
4.3	GRUPOS DE FATORES RELATIVOS AO VERBO NO FS	136
4.3.1	Perfil semântico do verbo no FS.....	137
4.3.2	Verbo no FS como principal, auxiliar ou híbrido	139
4.3.3	Forma verbal do verbo no FS como regular, irregular ou regular 'regularizada'	140

4.3.4 Item lexical do verbo no FS.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
ANEXOS.....	160
ANEXO A – CANTIGAS MEDIEVAIS PORTUGUESAS	161

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação consiste em analisar e descrever o uso do futuro do subjuntivo (doravante FS) em português. Tal pretensão requer uma visão ampla dos contextos semântico-pragmáticos que circundam esses usos. Isso porque o FS é uma forma verbal que não aparece em orações simples: sua existência está atrelada a orações subordinadas, emergentes em contextos comunicativos quase sempre marcados pelo irreal, o não-fato, em que a modalidade está fortemente presente.

Como recorrer a descrições gramaticais tradicionais ou a teorias Linguísticas intra-sentenciais não satisfaz uma proposta de pesquisa que busque investigar a real motivação comunicativa do uso dessa forma verbal, optamos por utilizar uma abordagem teórica que contemple a análise das formas Linguísticas no discurso, o funcionalismo linguístico, e uma metodologia com ampla descrição dos dados, por considerar que a teoria ilumina a análise e que a empiria atesta ou põe em xeque a teoria.

Nessa mesma linha, consideramos também que a adoção de um método unicamente baseado no raciocínio dedutivo (que aplica uma lei a um caso e prediz um resultado) ou no indutivo (que procede dos casos observados e dos resultados para estabelecer uma lei), mostra-se um tanto incompleta para a compreensão das várias faces que se intersectam e se completam na produção de um fenômeno linguístico. Por isso, optamos por tentar uma abordagem metodológica que prioriza o raciocínio abduutivo (que procede de um resultado observado, invoca uma lei e infere que algo pode ser o caso)¹.

Admitindo que uma das funções mais importantes da linguagem seja possibilitar as interações verbais, e que o processo de comunicação é permeado por atos de fala indiretos, metáforas, etc., é preciso admitir também que parte da

¹ Hopper; Traugott (1993, p. 39) apresentam os seguintes exemplos para ilustrar os três tipos de raciocínio, com base em Andersen (1973):

- a) Dedutivo – *A lei*: Todo homem é mortal. *O caso*: Sócrates é homem. *O resultado*: Sócrates é mortal.
- b) Indutivo – *O caso*: Sócrates é homem. *O resultado*: Sócrates é mortal. *A lei*: Todo homem é mortal.
- c) Abduutivo – *Um resultado observado*: Sócrates é mortal. *Invocação de uma lei*: Todo homem é mortal. *Inferência de um caso*: Sócrates é homem.

Obs. No raciocínio abduutivo, mesmo que as premissas sejam verdadeiras, a conclusão pode não ser (Sócrates pode ser um lagarto, por exemplo).

habilidade humana de compreender e usar a língua é a habilidade de raciocinar sobre a forma do que é dito e sua relação com o que se pretende dizer. É essa expressividade que marca a linguagem, bem como as inferências que surgem durante a negociação entre os interlocutores de uma situação comunicativa, não é adequadamente recoberta por análises que evoquem apenas os raciocínios dedutivo e/ou indutivo. É preciso considerar as inferências abduativas, que são responsáveis, em grande parte, pelas mudanças Linguísticas. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 39)

Nesses termos, na presente pesquisa adotamos os pressupostos teóricos funcionalistas da linha norte-americana, pela abordagem integrada que esta perspectiva oferece, ao justapor pragmática, semântica e morfossintaxe na descrição dos fenômenos linguísticos, o que permitiu estabelecermos a base conceitual para a formulação de hipóteses e para a explicação do fenômeno em questão. Mais precisamente, destacamos os trabalhos de Givón (1984; 1995; 2001; 2002; 2005; 2009), como fonte central da fundamentação teórica da pesquisa. E se nossa leitura faz justiça ao autor, diremos que uma de suas preocupações principais é a de incorporar a significação/função comunicativa² como elemento central na organização do sistema linguístico. Assim, é colocada como função principal da gramática a codificação da semântica proposicional e da pragmática discursiva, através da integração do código gramatical (estrutura morfossintática) e do discurso multiproposicional.

A opção por priorizar os trabalhos de Givón como principal base referencial para o desenvolvimento da pesquisa se deve, prioritariamente, às seguintes razões: (i) sua abordagem funcionalista *moderada*³, admitindo que pressões funcionais e também estruturais atuam sobre a língua; (ii) sua concepção de gramática (cognitivo-funcional de base tipológica), codificando simultaneamente dois níveis: o da semântica proposicional (escopo da oração) e o da pragmática discursiva (escopo do discurso multiproposicional), a partir da operacionalização de um código gramatical⁴; (iii) sua proposta de tratamento

² Tentamos, com o termo ‘significação’, destacar a importância que o autor atribui à relação entre conceito lexical, semântica proposicional e pragmática discursiva na construção de significados em todos os níveis linguísticos, e que interfere no ‘ajustamento’ da estrutura da língua na performance.

³ O ‘moderada’ está sendo utilizado em relação a funcionalistas “emergencistas” extremos, como Hopper, por exemplo, mas não em relação a outras escolas funcionalistas, como a de Halliday ou de Dik.

⁴ Givón (2005, p. 95-96) concebe a gramática (i) como *estrutura* – um código simbólico complexo que envolve elementos mais concretos e elementos mais abstratos. Assim, o termo ‘código gramatical’ se refere ao conjunto de *dispositivos mais primários* – morfologia, entonação, ritmo e ordem sequencial de palavras ou morfemas; e *níveis mais abstratos* – organização hierárquica dos constituintes, relações gramaticais (sujeito, objeto), categorias sintáticas (nome, verbo; sintagma nominal, sintagma

escalar/gradiente das categorias vistas como um *continuum* e não como categorias discretas; (iv) seu empenho em trabalhar com a categoria modalidade, articulando-a com as categorias tempo e aspecto no complexo domínio funcional TAM (com a ressalva de que, dada a natureza do objeto desta pesquisa, sejam priorizadas as categorias de modalidade e tempo).

Destacamos, também, como fonte teórica desta dissertação, principalmente os trabalhos de Bybee (1985); Bybee, Perkins & Pagliuca (1994); e Fleischman (1982), por discutirem diretamente a inter-relação entre subjuntivo e modalidades não-fato nas línguas, e também os trabalhos de Bybee; Perkins & Pagliuca (1991; 1992), Bybee (1998; 2007), Bybee & Fleischman (1995); e Palmer (1979; 1986) – por estes autores discutirem forma verbal, tempo verbal, modalidade –, além de outros estudiosos nesta perspectiva funcionalista. De forma geral, Givón e esses autores vão subsidiar as discussões sobre modo, modalidade e domínio *irrealis*, categorias que permeiam a expressão do FS.

Salientamos que, neste trabalho, não há pretensão de descrevermos trajetórias históricas de uso do FS, uma vez que, nele, não haverá análise diacrônica. Eventuais especulações históricas sobre o uso do FS poderão ser feitas a partir da revisão bibliográfica. O foco da pesquisa é a análise de dados sincrônicos de fala, oriundos de contextos conversacionais, mais especificamente dados de fala de informantes de Florianópolis, Santa Catarina, provenientes do banco de dados Varsul⁵.

A organização interna desta dissertação segue a seguinte ordem: ainda neste capítulo apresentamos o objeto de análise seguido dos objetivos, questões e hipóteses que norteiam a pesquisa, e que também serão retomados no capítulo da metodologia.

No segundo capítulo, a revisão teórica: discorreremos brevemente sobre as origens do FS e sobre o que dizem as descrições gramaticais em relação ao seu uso, salientando o tipo de contexto sintático em que esse tempo/modo verbal

verbal), relações de relevância e escopo (como nome-modificador; sujeito-predicado) e relações de regência e controle (concordância, co-referência, modalidade, entre outras). Numa perspectiva evolucionista sobre a origem da linguagem humana, os elementos primários se desenvolveram antes dos elementos mais abstratos; e (ii) como uma *função adaptativa* que interage, por exemplo, com a memória semântica (léxico), com a semântica proposicional (estrutura argumental), com a memória episódica (coerência discursiva), com a memória de trabalho e atenção. A função comunicativa das construções gramaticais é observada no contexto discursivo.

⁵ O banco de dados Varsul, *Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil*, é composto de amostras de fala de informantes das principais áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Os dados estão organizados criteriosamente segundo a localização, a idade, a escolaridade e o sexo dos informantes, e estão disponíveis nas universidades federais das três capitais desses estados, bem como na PUC-RS.

costuma aparecer. Alguns questionamentos de ordem conceitual são, então, lançados. Apresentamos uma discussão sobre o complexo domínio da modalidade, classificações que envolvem essa categoria, e destacamos o funcionamento de modalidades *irrealis* e sua sobreposição com o tempo verbal futuro. Abordamos também a distribuição da modalidade na gramática, com ênfase nos dispositivos gramaticais que codificam o *irrealis*, pois isso se mostra relevante para a análise dos dados a que se propõe a pesquisa.

No terceiro capítulo, detalhamos a metodologia de suporte a esta pesquisa, apresentando os grupos de fatores desenvolvidos para atender aos objetivos propostos. No quarto, discutimos os resultados encontrados. Por fim, o capítulo em que traçamos as considerações finais sobre os resultados encontrados relacionando-os aos pontos teóricos apresentados.

Observamos que o estudo do uso do FS em português tem sido foco de trabalhos de alguns pesquisadores, dentre esses, destacamos como inspiração para esta pesquisa, os estudos de Gryner (1990; 1996)⁶ sobre o uso variável do FS com o presente do indicativo em prótases condicionais do português. Entretanto, o interesse em estudarmos este tempo/modo verbal sob a perspectiva do funcionalismo, pautado em Givón e Bybee, foi decorrente de discussões teóricas originadas na disciplina *Tempo-aspecto-modalidade*, ministrada por Edair Görski, em 2008, e que resultaram nas primeiras indagações sobre o fenômeno em estudo, registradas nos trabalhos de Reis (2008; 2009), sob orientação da referida professora. A partir de então, o desenvolvimento da presente dissertação⁷.

A pesquisa está vinculada ao projeto integrado *Modos verbais e verbos modais: uma abordagem sociofuncionalista*, coordenado pela professora Edair Görski, na linha de pesquisa *Variação/mudança linguística e ensino*, que se insere na área de Sociolinguística, do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁶ Ressaltamos também o trabalho de Macedo (1980) sobre o FS com ênfase na variação no uso das formas irregulares, de base sociolinguística; o estudo de Ferrari (2005) sobre o uso do FS e do presente do indicativo em condicionais, sob a perspectiva sociocognitivista; e as pesquisas de Pimpão (1999), sobre o a variação entre subjuntivo e indicativo, e Back (2008) sobre o domínio funcional do pretérito imperfeito do subjuntivo, ambas numa abordagem sociofuncionalista.

⁷ Esclarecemos que os resultados alcançados na presente dissertação nos remeteram a um novo desafio, o doutorado, com foco na expansão do *corpus*, para o refinamento dos dados, além da vinculação deles também à perspectiva diacrônica.

1.1 OBJETO DE ANÁLISE

O FS é uma forma verbal que aparece principalmente em orações subordinadas adverbiais expressando uma situação⁸ anterior necessária para uma outra situação, expressa pelo verbo da oração principal, ocorrer. Em termos de temporalidade, recobre situações futuras em relação ao momento de fala, sendo que, muitas vezes, essa ideia de futuridade advém de um sentido hipotético transmitido pelo FS mais a conjunção subordinativa. De fato, o conjunto, oração principal e subordinada, forma uma construção sintática modalizada que transmite a ideia do eventual, do possível, do incerto, do desejado ou indesejado, enfim, do não-fato, ou melhor, do *irrealis*.

Segundo descrições gramaticais tradicionais e de usos, um dos principais contextos de emprego do FS é o das orações adverbiais condicionais. Vejamos os exemplos abaixo, extraídos do Banco de dados Varsul, que podem ilustrar essas primeiras noções sobre o uso do FS:

(01) Se Deus **QUISER**, eu vou ainda. (FLN 16 L 1154)

(02) Se elas **ESQUITAREM** isso, ficarão apavoradas. (FLN 11 L 888)

(03) Se **TIVER** que fazer alguma coisa eu faço, né? (FLN 09 L 385)

De início, observamos que essas orações com FS mostram uma forte dependência do contexto⁹ no qual se inserem. Por exemplo, antes de proferir o enunciado *Se Deus quiser, eu vou ainda*, é preciso ter ocorrido na interação a construção de um contexto bem estabelecido para tal enunciado.

Apresentamos uma ilustração com parte da conversa entre entrevistador e informante, que mostra o longo percurso de estabelecimento de um contexto para o enunciado *Se Deus quiser, eu vou ainda*, na interação.

⁸ A palavra ‘situação’ recobre noções como evento, ação, ou estado, conforme a aspectualidade inerente de cada verbo.

⁹ Como ‘contexto’ estamos entendendo o conjunto de informações partilhadas pelos interlocutores na situação comunicativa.

(04)ENT: Tu não pretendes te mudar, morar em outro lugar?
INF: Itália [...].¹⁰
É um lugar que gostaria de ir [...].¹¹
Mas se fosse, é um lugar que eu gostaria de ir.
ENT: Não, mas podes ir pra visitar, né?
INF: É, visitar, [se Deus QUISER, eu vou ainda. Se Deus QUISER.
] Que eu sempre dizia assim: “Eu não vou morrer sem ir na Bahia.”
E eu já fui e estou aqui. (FLN 16 L 1117- 1154)

Percebemos que é difícil a compreensão das construções grifadas sem a recuperação de informações do contexto. Parte da interpretação desses enunciados vem da combinação dos elementos linguísticos neles presentes de maneira explícita, mas a maior parte da compreensão vem do contexto em que essas construções são usadas, e da nuance de sentido que a modalidade lhes transfere.

Nesses casos, o interlocutor precisa avaliar a adequação ou a verdade do que está sendo dito pelo falante, e, como não é possível a análise das condições de verdade de tais sentenças¹², o interlocutor precisará julgar o grau de comprometimento do falante com sua proposição. Tal comprometimento do falante está relacionado com a sua atitude frente à proposição, ou seja, com a modalidade. Esta, por sua vez, está associada a motivações pragmáticas¹³.

Sendo assim, podemos distinguir dois julgamentos básicos do falante em relação a sua proposição: o epistêmico (verdade, probabilidade, certeza, evidência, crença) e o deontico (desejo, preferência, intenção, obrigação). O epistêmico está mais relacionado aos fatos do mundo ao redor do falante, e o deontico ao que o falante quer para si, ou o que ele deseja que o outro faça por ele, conforme Givón (2009). Ambos são tidos como caracterizadores de duas modalidades (epistêmica e deontica), que surgem na interação discursiva e poderão estar propiciando o uso das orações com FS. Exemplifica-se:

¹⁰ A informante justifica longamente ao entrevistador o porquê da escolha pela Itália.

¹¹ A informante explica ao entrevistador por que não pode morar fora do Brasil.

¹² Essas orações condicionais são chamadas de *irrealis* por Givón, e, segundo o autor, caem sempre sob o escopo da modalidade não-fato. Mais do que outras orações *irrealis*, elas não têm valor de verdade, visto que a verdade delas depende da verdade das orações principais associadas a elas, as quais, mais tipicamente não têm valor de verdade também. Geralmente, condicionais *irrealis* têm uma futuridade implicada com a própria oração principal, que aparece frequentemente com um verbo no futuro, ou com um auxiliar modal.

¹³ Com o termo *pragmática*, estamos nos referindo a todos os aspectos que envolvem a necessidade do falante em expressar o que é mais relevante para ele no momento da enunciação, o “aqui e agora” da interação comunicativa “face a face”.

(05) EPISTÊMICA: O negro, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. [**Se ele não TIVER, ele é sempre marginalizado, né?**] (INF 17 1088)

(06) DEÔNTICA: Já pensou eu comprar um carro? Eu não. [**Se ela QUISER que ela compre.**] [INF 06L 730]

É importante ressaltar ainda a dificuldade de categorização desses contextos pela predominância do *irrealis*, que impossibilita a comprovação da veracidade da proposição do falante, seja em termos de fato no mundo ou de comprometimento do falante com aquilo que ele enuncia.

Vejam-se mais dois dados:

(07) É um assunto que não me sai da cabeça. [Seja com quem **FOR**, que eu esteja conversando,] ele me volta assim naturalmente, tu entendes? (FLN 11 L 737)

(08) Ele não ganha bem pra gente viver bem. [Se Deus **QUISER**, a gente ajuda a minha mãe.] (FLN 11 L 319)

A questão posta é: como avaliar a veracidade do que o falante está dizendo, posto que não há como comprovar factualmente. Como saber se tal assunto realmente ‘volta naturalmente na cabeça’ do falante em (07). Ou como julgar se o falante vai ‘realmente ajudar a sua mãe’, uma vez ele coloca sua asserção (oração principal) sob a condição da vontade de Deus, em (08). Isso mostra a dificuldade na interpretação das nuances de sentido dos termos envolvidos na construção sintática que expressa modalidade *irrealis*.

Sendo assim, ao partir de um olhar funcionalista sobre o uso da forma verbal de futuro do subjuntivo, tencionamos enfatizar o papel do contexto *irrealis* propiciando o surgimento dessas construções subordinadas com FS. Buscaremos mostrar que certos operadores *irrealis* (termos que desencadeiam o escopo do não-fato, nas proposições que o seguem) licenciam o uso de outras formas *irrealis* no discurso, pois o falante precisa construir sua perspectiva de forma coerente. Muitas vezes, ainda, o falante utiliza-se de modalidades *irrealis* intencionalmente, colocando sua proposição no nível da não-verificação pelo

ouvinte. E, nesse ‘jogo comunicativo’, o falante vai querer atribuir mais ou menos certeza a sua atitude epistêmica, ou mais ou menos valor a sua atitude deôntica.

Para melhor ilustrar essa ideia e a maneira como pretendemos trabalhar esses contextos comunicativos, apresentamos dois trechos de uma entrevista do Varsul. Os termos em destaque (negrito) podem ser considerados operadores *irrealis*. É nesse amplo domínio do *irrealis* que surgem as construções com FS.

(09) ENT: Tu **acreditas** que exista alguma razão religiosa para que se proíba o aborto?

INF: Olha, eu sou uma pessoa que eu só tenho fé no meu Deus, e na espiritualidade. Então, **acho** que [*tudo que você **TIVER** que fazer, melhor pra ti, pro ser humano, você **deve** fazer.*] Então, isso é a minha religião. (FLN 16 L 294)

(10) ENT: Tu não **pretendes** te mudar, morar noutra lugar?

INF: Não, eu **pretendo** assim, ‘ó’, [*quando me **APOSENTAR**, **VIAJAR** um pouco não tem?*] (L 1120) Descansar bastante, um pouco, depois voltar. Ajudar minha filha a olhar o meu neto. (FLN 16 L 1120)

No exemplo (09), percebemos que o entrevistador inicia a modalidade (*irrealis*) epistêmica a partir do verbo *acreditar*, um verbo não-factivo¹⁴ epistêmico que gera um escopo *irrealis* no seu complemento oracional. Como resposta, o informante precisa alinhar o seu discurso no *irrealis*, e produzir sua proposição de maneira a expressar uma opinião, um julgamento de crença ou probabilidade, como de fato ele o faz. E, ao se utilizar do verbo *achar*, outro não-factivo epistêmico, ele já coloca toda a proposição que se segue no domínio *irrealis*. Podemos ainda hipotetizar que o informante usa a oração com FS para atribuir certeza epistêmica ao seu enunciado, e usa talvez a forma de FS porque esta condiz com a expressão do *irrealis* na função¹⁵ ‘expressar uma situação necessária para outra futura ocorrer’.

¹⁴ Os verbos não-factivos são mais bem descritos na seção sobre a distribuição da modalidade na gramática.

¹⁵ Estaremos utilizando o termo *função* para se referir tanto a uma ‘função contexto’: uma construção Linguística que reflete um contexto e contribui para a organização do discurso, como a uma ‘função significado’: o significado alargado de uma forma (incluindo aspectos pragmáticos), numa construção

Na ocorrência (10), novamente o entrevistador insere a modalidade *irrealis* no discurso. Devido ao uso do verbo *pretender*, um verbo de modalidade¹⁶, todos os termos seguintes entram no domínio *irrealis*. No referido trecho, percebemos o predomínio da modalidade deôntica. Devido ao sentido do verbo *pretender* (intenção), o informante precisa codificar uma intenção, um desejo dentro de uma projeção futura. Mas como a sua intenção/desejo, no caso *viajar*, depende da ocorrência de outro fato antes, o falante expressa esse fato no FS junto com o advérbio *quando* (outro operador *irrealis*), formando uma construção modalizada que parece servir exatamente ao seu propósito comunicativo, expressando a função ‘condição anterior para uma situação futura ocorrer’¹⁷.

Essa abordagem semântico-pragmática que apresentamos está baseada, principalmente na hipótese de Givón (2002, p. 267), segundo a qual as codificações das expressões *irrealis* não aparecem isoladas no discurso, mas fundamentalmente elas surgem todas juntas, em ‘bando’, com uma licenciando o uso da outra.

Essa ideia de simultaneidade de marcas co-ocorrentes de modalidade parece estar em consonância com o que Lyons (1977) denomina de situações “modalmente harmônicas”, nas quais um verbo modal e um advérbio expressam o mesmo grau de modalidade num enunciado – noção que é expandida por Coates (1983), para incluir casos que reúnem, junto ao modal, outras palavras ou sintagmas que expressam o mesmo grau de modalidade (*apud* BYBEE *et al.*, 1994, p. 214). Considerando, pois, a hipótese givoniana acima, juntamente com a noção de contexto harmônico – que podemos alargar ainda mais incluindo outros elementos indutores do *irrealis*, além do verbo modal –, temos uma razão bastante plausível para acreditar que o FS tenderá a ocorrer em contextos fortemente marcados quando à modalidade *irrealis*.

Ao longo do trabalho serão mais bem esclarecidas essas questões que dizem respeito às modalidades *irrealis*, e como funcionam os operadores *irrealis*

Linguística. Observamos que essas duas ‘funções’ não são excludentes, mas muitas vezes se sobrepõem. E esclarecemos que essa dupla noção se baseia principalmente em Nichols (1997).

¹⁶ Os verbos de modalidade também serão tratados na seção sobre a distribuição da modalidade na gramática.

¹⁷ Chamamos a atenção para o fato de que a função ‘condição anterior para uma situação futura ocorrer’ recobre situações futuras em relação ao momento de fala, ou situações presentes com projeção futura. Então, não se incluem em nossa análise dados do tipo “Se ele tivesse estudado teria passado”, embora haja aí uma condição (ter estudado) para uma situação futura ocorrer (ter passado), já que essas situações são temporalmente pretéritas.

no discurso. Dedicaremos boa parte da revisão teórica à discussão sobre o amplo domínio da modalidade e sua distribuição na gramática.

Tais evidências, associadas à perspectiva teórica que vimos assumindo e ao fato de tomarmos como ponto de partida para a análise o contexto tipicamente esperado para a codificação do FS, nos levam a postular, ainda que preliminarmente, que o domínio funcional do FS é de expressar uma possibilidade, um desejo, atuando em conjunto com a oração subordinada em que se encontra para codificar essas noções. Dessa forma, o domínio funcional do FS se inter-relaciona logicamente com a modalidade proposicional (deôntica ou epistêmica) da proposição.

Por fim, vale, ainda, uma observação adicional acerca dos dados. Esse mesmo tipo de contexto *irrealis* exemplificado até o momento pode ser, em princípio, codificado por construções reduzidas, isto é, com uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio) no lugar do FS antecedido por um marcador de subordinação (*se, quando, quem, etc*)¹⁸. Esse tipo de dado, embora possa ser tomado como uma construção variante daquela que contém o FS, não será considerado nesta pesquisa (cf. GÖRSKI *et al.*, 2002).

Para atender à pretensão da pesquisa, traçamos os objetivos que seguem.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Descrever e analisar os contextos de uso do FS em português, em amostras do banco de dados Varsul, com ênfase nas forças semântico-pragmáticas, representadas principalmente pela gramática da modalidade, que se articulam na codificação das orações com FS.

¹⁸ Por exemplo: Amanhã, *quando acabar* a leitura do livro, eu saio.
(*acabando/tendo acabado/ao acabar*)

1.2.2 Objetivos específicos

Numa abordagem sincrônica:

- identificar um domínio funcional para o FS que descreva possíveis funções de marcação de tempo e de modalidade para essa forma verbal e para a oração subordinada em que o FS estiver;
- investigar os contextos discursivos mais amplos onde ocorram as orações com FS, caracterizando-os a partir de fatores pragmático-discursivos;
- analisar a atuação da modalidade *irrealis* presente no contexto correlacionada à codificação verbal do FS;
- discutir o papel: da modalidade, do tipo de construção sintática (adverbial, adjetiva), assim como, a influência do tempo e do perfil semântico do verbo da oração principal, nos sentidos expressos pelo FS no período;
- investigar se a morfologia (ir)regular do FS, assim como o perfil semântico, e o item lexical do verbo, pode influenciar no uso desse tempo/modo verbal.

1.3 QUESTÕES

Uma abordagem discursivo-pragmática para análise dos contextos de uso do FS requer um passeio por noções semânticas e pragmáticas que se sobrepõem no discurso. Assim, as principais questões que nos instigam são:

- como as noções semântico-pragmáticas que se imbricam na expressão da modalidade *irrealis* atuam, de forma isolada ou conjunta, nas motivações funcionais para o uso do FS?

- como equacionar o suposto valor modal atribuído ao FS (intenção, possibilidade, incerteza.. .) em face do contexto marcado pela modalidade *irrealis* já estabelecido na interação?

1.4 HIPÓTESES

As hipóteses primárias da pesquisa, de cunho mais interpretativo e ancoradas no contexto, são as de que o uso de *orações subordinadas com FS* ocorre:

- como resposta ao contexto *irrealis* iniciado na interação comunicativa, levando o falante a construir coerentemente seu discurso na perspectiva do ‘não-fato’;
- pela inserção da modalidade *irrealis* no discurso pelo próprio falante que coloca sua proposição num ‘bloco hipotético’, devido a necessidades pragmáticas, como, por exemplo, expressar uma atitude mais epistêmica ou deôntica;
- a partir das duas motivações acima, o falante, na construção do seu discurso *irrealis*, precisa codificar uma situação de modo tal que funcione como uma condição, uma situação necessária para um evento futuro ocorrer (ou apenas expressar incerteza). Para este(s) propósito(s), ‘nasce’ a oração com FS que, pela alta frequência de recorrência no discurso, surge de um uso já automatizado.

A partir disso, hipotetizamos também que, dentro dessas orações subordinadas, o uso do *FS* ocorre:

- para contribuir com a significação do não-fato ou atitude *irrealis*, reforçando sentidos como: dúvida, incerteza, desejo

(normalmente atribuídos ao subjuntivo), e projeção futura e hipotética para a situação (normalmente atribuídos ao tempo futuro). Esses sentidos não estão tão estabelecidos *a priori* na flexão do FS, mas principalmente surgem no contexto, por isso hipotetizamos que eles sejam codificados não tanto pelo FS, mas principalmente pelo nível proposicional (informação semântica), que por sua vez se inter-relaciona com o multiproposicional (coerência discursivo-pragmática), nos termos de Givón (2001).

Portanto, o uso do FS está sujeito a motivações discursivo-pragmáticas que determinam a função da construção oracional em que se encontra o FS, bem como à função do FS dentro dessa construção. Dessa forma, formulamos a hipótese geral de que, no domínio funcional do FS, deve haver forças semântico-pragmáticas interagindo para propiciar o uso das orações com FS. Tal interação pode ser verificada mediante o controle de grupos de fatores mais discursivo-pragmáticos e semânticos que se articulam com outros de caráter mais estruturais, os morfossintáticos.

Esses grupos de fatores serão investigados em três lócus:

1. **no contexto comunicativo maior:** caracterização do contexto discursivo; verificação da presença de expressões *irrealis*, de outras predicções subjetivas, de um gradiente *realis-irrealis* no contexto, e de marcas de futuridade, de habitualidade;
2. **no período sintático com FS:** investigação da modalidade proposicional, do tipo de oração subordinada, da expressão temporal da construção; da ordem das orações no período, do tempo/modo e perfil semântico do verbo da oração principal;
3. **na forma verbal no FS:** exame do tipo semântico do verbo, do papel como principal, auxiliar, da morfologia (ir)regular, e do item lexical do verbo no FS.

Essas hipóteses, de caráter geral, serão minuciosamente descritas no capítulo da metodologia, ao apresentarmos cada um dos grupos de fatores.

2 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo divide-se em duas seções: na primeira, abordaremos o futuro do subjuntivo: suas origens, descrições gramaticais, construções, e a questão da significação da forma gramatical (morfemas). Na segunda seção, abordaremos o complexo domínio funcional da modalidade: domínios tipológicos funcionais, discurso multiproposicional, modalidade (definição, interação modal, tipos de oração), orações adverbiais condicionais *irrealis*, distinção entre *realis* e *irrealis*, a relação entre *irrealis* e futuro, subjuntivo e, por fim, os contextos com FS na sobreposição de tempo, modo e modalidade no domínio *irrealis*.

2.1 O FUTURO DO SUBJUNTIVO

2.1.1 Origens

Dentre todas as línguas neolatinas, a forma verbal conhecida hoje como FS está em uso apenas na língua portuguesa, de acordo com Fleischman (1982, p. 139)¹⁹. No próprio latim não havia FS, usava-se o futuro do indicativo ao invés do FS, afirma Almeida (1980, p. 278):

(11) Si impiger fueris, messis tua larga erit.

(Se fores incansável, tua messe será abundante.)

(12) Si istam urbem deleverimos, neminem postea formidabimus.

(Se destruímos esta cidade, a ninguém temeremos depois.)

¹⁹ Fleischmann (1982) descreve o desenvolvimento de todas as formas verbais de futuro nas línguas românicas a partir dos tempos verbais do latim, sob a perspectiva funcionalista.

Dessa forma, algumas orações do português em que o verbo está no FS, como nos exemplos: *enquanto houver concórdia/se lerdes*, seriam traduzidas hipoteticamente e literalmente do latim como se fossem *enquanto haverá concórdia/ se lereis*, respectivamente.

Como o FS foi surgindo e se gramaticalizando no desenvolvimento do latim vulgar falado na Península Ibérica não se sabe ao certo, todavia, Fleischman (1982, p. 137) apresenta algumas sugestões pertinentes sobre o seu uso no antigo ibero-romance. Dentre elas, a hipótese de que o FS tenha sido criado no ibero-romance e no romênio, através da mistura do futuro perfeito do indicativo e do perfeito do subjuntivo do latim, como mostra o exemplo:

(13) Canta(vê)ro X canta(verim)
[futuro perfeito] [perfeito do subjuntivo]

O FS teria sido usado no ibero-romance, primariamente em orações temporais e condicionais, e funcionava para expressar a incerteza ou mera possibilidade de um evento já contingente, como um *subjuntivo dubiamente reforçado*, como podemos ver em (14):

(14) Si vos assi lo **FIZIERDES** e la ventura me **FUERA** complida, mando al vuestro altar buenas donas e ricas. (*Cid*)
(Se vós assim fizerdes e a fortuna me for cumprida, mando ao vosso altar, boas e ricas senhoras.)
(FLEISCHMAN, 1982, p. 138)

Entretanto, já nos textos medievais, encontramos o FS sendo substituído pelo presente do subjuntivo no espanhol, notavelmente em instâncias onde o evento predicado está sendo visto como um presente prospectivo avançando. Fleischmann (1982, p. 138) nos apresenta mais dois exemplos do *Cid*, muito semelhantes aos anteriores.

(15) Mientra que **VISQUIEREDES**. (Enquanto [que] vivires)
[futuro do subjuntivo]

(16) Mientra que **VIVADES**. (Enquanto [que] vivas)
[presente do subjuntivo]

É interessante observar acima, a ocorrência de duas variantes concorrendo no mesmo espaço sincrônico, uma no FS e outra no presente do subjuntivo.

Atualmente, no espanhol moderno, os significados do FS passaram a ser expressos pela forma verbal do presente do indicativo ou do presente do subjuntivo, sendo que o FS está restrito a ‘expressões congeladas’, documentos extremamente formais e alguns provérbios, conforme Fleischman (1982, p. 139):

(17) Sea lo que **FUERE**. (Seja o que for)

(18) Venga lo que **VINIERE**. (Venha o que vier)

Atualmente, segundo a autora, o FS está em uso pleno mesmo só em português, aparecendo, principalmente, em construções com orações condicionais, mas também em algumas orações temporais, e em alguns tipos de relativas, como nos exemplos citados por Fleischman:

(19) Se **PERGUNTAREM** por mim, diz-lhes que me não sentia bem.

(20) Quando eu **TIVER** a minha loja no Chiado, sou eu que o hei-de convidar para tomar chá.

No português antigo, conhecido como galego-português, acreditamos que o FS era bastante usado. Essa afirmação se baseia na análise que fizemos, inicialmente, para o desenvolvimento desta dissertação, em que analisadas cerca de 200 cantigas²⁰ portuguesas. Encontramos a presença dessa forma verbal em 51 delas e, em sua grande maioria, estavam em prótases condicionais. Ainda chamou a atenção o fato de o FS ter aparecido muitas vezes numa mesma cantiga, como em (21):

(21) Que trist’ anda meu amigo,
por que me querem levar

²⁰ Algumas dessas cantigas serão citadas ao longo do trabalho e algumas se encontram em anexo.

d'aquí, e, **sse** el falar
no **PODER** ante comigo,
nunca ia ledó será;
se m' el non **VIR**, morrerá.

Que trist' oie que ue seio!
e, par Deus, que pod' e val,
morrerá hu no iáz al.
se m'eu **FOR** e o no veio,
nunca ia ledó será;
se m' el no **VIR**, morrerá
(NUNES, 1984, p. 229)

Para oferecer uma visão mais ampla do uso do FS nos primórdios do português (pelo menos na modalidade escrita da língua), mostraremos então alguns outros trechos de cantigas medievais. Essas cantigas foram escritas entre os séculos XII, XIII, XIV, conforme Nunes (1982, p. 191-227):

(a) E nûca mi ben queirades, que me será de morte par, se SOUBERDES , meu amigo, ca poss' eu rê no no múd'achar.	(b) Mays dona que amig' OUPER des oie mays (crea, per Deus) non s' esforecen os olhos seus, ca des oi mais no lh' é mester,
(c) E, sse FEZER [bon] tenpo e mha madre non FÔR, querrey andar mui leda, por parecer melhor e por veer meu amigo logu'i, Fazede-mh ora quanto mal PODERDES , can non me guardaredes, pero QUISERDES , d'ir a San Leuter falar com me amigo.	(d) Baylemos nós ia todas tres, ay amigas, so aquestas aueleneyras froldidas e quen FOR velida, como nós, velidas, se amiga AMAR , so aquestas aveleneyras froldidas, verrá baylar.
(e) Tan coitado que morrerá, se me nō VIR ; id' ay, mha madre, vee-lo por lo guarir, e yrei eu cōvosco, se vós QUYSERDES .	(f) Hu estava connigo falando, dix-lh' eu: que farey se vcs non VIER ou se vosso mandad non OIR

Quadro 1. O futuro do subjuntivo em cantigas portuguesas.

O objetivo da ilustração desses exemplos de supostos primeiros usos do FS não foi de desenvolver um percurso histórico para essa forma verbal, mas, sim, de examinar, brevemente, os sentidos que o FS transmitia em seus primeiros usos. Disso, podemos destacar que as noções de dúvida, possibilidade e volição

estavam presentes na expressão do FS desde seus primeiros empregos, assim como a elevada frequência do FS em orações condicionais.

2.1.2 Descrições gramaticais

Para investigar qual o tratamento predominantemente dispensado ao uso do FS em português, por gramáticas de cunho histórico e/ou normativista, pesquisamos o fenômeno em questão em dez²¹ gramáticas do português, sendo uma delas a gramática histórica de Coutinho (1974). De fato, encontramos descrições efetivas, mesmo, em apenas quatro delas. O quadro abaixo ilustra sucintamente o que foi encontrado de mais significativo. Geralmente, quando há uma conceituação do FS, esta não é muito consistente, predominando definições curtas que o relacionam à questão do hipotético ou de um futuro anterior a outro futuro. Dentre os autores, Cunha (1980) é o que mais discorre sobre esse tempo/modo, inclusive delimitando sua ocorrência dentro de contextos de certas orações subordinadas, como nas adverbiais e nas adjetivas.

Classificação	Cegalla (2005), Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)
	Futuro simples e futuro composto
Futuro simples	Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)
– conceito	O FS simples marca a eventualidade no futuro.
Futuro simples	Cegalla (2005), Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)

²¹ As gramáticas pesquisadas foram: Almeida (1983); Almeida (1995); Bechara (1982); Coutinho (1974); Cegalla (2005); Cunha (1980); Cunha; Cintra (2001); Faraco; Moura (1996); Infante; Nicola (1997); Sacconi (1997).

Usos/ Exemplos	<p>1) Emprega-se em orações subordinadas:</p> <p>a) adverbiais condicionais, temporais, e outras, cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cegalla: Se TRANSPUSEREM a fronteira, serão capturados. Caso PERSISTIREM as chuvas, os rios transbordarão. Enquanto não a VIR, não descansarei. Quanto maior FOR a altura, maior será o tombo. • Cunha & Cintra: Se QUISER, irei vê-lo. Se QUISER vê-lo, vá a sua casa. Farei conforme MANDARES. Faça como SOUBER. Quando PUDER, passarei por aqui. Quando PUDER, venha ver-me. • Cunha: Se PUDER, voltarei. Se PUDER, volte amanhã. Agirei conforme DECIDIRES. Aja como lhe APROUVER. Quando QUISER, partiremos. Quando QUISER partir, diga-me. <p>b) adjetivas, dependendo de uma principal também enunciada no futuro ou no presente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cunha & Cintra: Direi uma palavra amiga aos que me AJUDAREM. Diga uma palavra amiga aos que o AJUDAREM. • Cegalla: Só poderão entrar os que TIVEREM ingresso. 			
Futuro composto – conceito	Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)			
	O FS composto indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do modo subjuntivo).			
Futuro composto Usos/ Exemplos	Cegalla (2005)			
	<p>1) Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro ou um fato passado, mas hipotético.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cegalla: Depois que TIVER visto o filme, darei minha opinião. Se TIVER acertado na loteria, comprarei uma fazenda. • Cunha & Cintra (2001): “Quando TIVERDES acabado, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.” (R. Braga, CCE, 250) • Cunha: “D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou se o HOUVER lido até aqui, abandone o resto.” (M. de Assis, OC, I, 855) 			
Formação do Futuro do Subjuntivo	Faraco & Moura (1996)			
	Constitui-se um tempo derivado do pretérito perfeito do indicativo. “O FS é formado pelo tema do perfeito mais as terminações, -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem”. E em seguida exemplificam com as conjugações de verbos regulares:			
		1ª. Conjugação	2ª. Conjugação	3ª. Conjugação
	Tema do perfeito	Fala-	Come-	Parti-
	FS	Falar Falares Falar Falarmos Falardes Falarem	Comer Comeres Comer Comermos Comerdes Comerem	Partir Partires Partir Partirmos Partirdes Partirem

Quadro 2. FS em gramáticas normativas do português.

Destacamos, dessas descrições, como mais significativo para esta pesquisa, a apresentação de certas orações adverbiais como os principais

contextos para o uso do FS, assim como a menção ao uso do FS em adjetivas, e a menção de Faraco & Moura (2006) sobre a derivação do paradigma do FS, a partir do pretérito perfeito do indicativo. Desse modo, compreendemos que a irregularidade de certas formas no FS é consequência da irregularidade dessas formas do perfeito do indicativo, como em *Se eu tiver/ eu tive, se eu souber/soube*. Isso explica por que o verbo *ver* no FS fica *vir*, e o verbo *vir* fica *vier*. Essa questão será melhor abordada no capítulo quatro, na análise e discussão dos dados.

Além disso, ressaltamos que, em algumas dessas gramáticas, falou-se na divisão entre futuro composto e futuro simples. Como não encontramos nenhuma ocorrência de futuro do subjuntivo composto em toda a amostra, não foi possível analisar melhor a diferença entre um e outro, porém, é interessante observar que o FS composto se afasta da ideia de futuridade, e se aproxima da noção do hipotético.

2.1.3 Delimitando as construções com futuro do subjuntivo

Em congruência com as descrições das orações subordinadas em que devem aparecer as formas de FS segundo as gramáticas tradicionais, delimitamos, a seguir, os principais contextos sintáticos onde encontramos FS em português, que também são ilustrados com exemplos do banco de dados Varsul, e comparados com os de certas cantigas portuguesas²²:

=> Orações adverbiais condicionais

(a) Se PUDER, voltarei. (CUNHA 1980)

(b) Se Deus me DER vida e saúde, eu não vou ficar, né? (FLP 16, L574)

(c) Yrei eu cõvosco, se vós QUYSERDES (NUNES 1984)

=> Orações adverbiais temporais

²² Nas três sequências de exemplos, a) foi extraído de uma gramática normativa, b) do banco Varsul e c) de cantigas portuguesas.

- (a) Quando PUDER, passarei por aqui. (CUNHA & CINTRA 2001)
- (b) Quando me APOSENTAR, viajar um pouco, não tem? (FLP 16, L1120)
- (c) Quand'el VÊER, com' eu serey. (NUNES 1984)

=> **Orações adjetivas (relativas):**

- (a) Só poderão entrar os que TIVEREM ingresso. (CEGALLA 2005)
- (b) Quem PERDER²³ vai ficando com oito. (FLP 10, L765)
- (c) E quem FOR louçana, como nós louçanas, se amigo amar (NUNES 1984)

Essa delimitação serviu como base na investigação da frequência do uso de FS em tipos de oração subordinadas.

2.1.4 Forma gramatical e significado

2.1.4.1 Os morfemas

Morfemas são definidos como unidades das palavras que não podem ser decompostas em partes menores, e que parecem contribuir com algum tipo de sentido, ou função, na palavra da qual eles são um componente, de acordo com Spencer (1991). Uma 'entidade' pode ser então tanto um morfema como uma palavra.

Sucintamente, diremos que morfemas lexicais codificam conceitos estabelecidos e culturalmente compartilhados, que representam o nosso universo físico e cultural. Já os morfemas gramaticais participam da construção da estrutura gramatical das sentenças.

²³ Orações desse tipo, com um pronome sem antecedente, são consideradas por Rocha Lima (1986, p. 243) como relativas, sendo que o pronome condensa em si duas funções: uma de um termo da oração principal, e outra de um termo da oração adjetiva (*quem = aquele que. Quem perder vai ficando com oito = aquele vai ficando com oito / que perder*). Por ora, vamos manter essa classificação. No entanto, ela poderá ser revista ao longo da análise.

Sobre a diferença de significados entre eles, Givón (1993, p. 48) diz que as palavras lexicais tendem a ser semanticamente complexas, pois resultam do encaixamento de muitos traços semânticos específicos. Cada palavra lexical é, então, um produto de muitos traços semânticos, enquanto os morfemas gramaticais tendem a ser simples, e frequentemente codificam um único traço, que parece ser bem genérico.

A fronteira dessa classificação binária pode não ser tão exata em alguns casos, como mostram Heine & König (2004). Com base em um estudo sobre a língua africana !Xun, eles afirmam que, salvas algumas exceções, todas as unidades morfológicas dessa língua são consideradas categorias híbridas: elas podem ter ambas as funções – gramatical e lexical.

Segundo Heine & König (2004, p. 81), ao longo da última década tem se alcançado um grande progresso na análise da estrutura gramatical, e um grande número de parâmetros taxonômicos têm sido propostos para classificar todas essas estruturas. Entretanto, os autores argumentam que a maneira como as funções gramaticais são categorizadas difere consideravelmente de uma língua a outra, e essas diferenças afetam a extensão de quais estruturas descritivas tradicionais convencionais são relevantes para organizar a categorização gramatical.

Esse problema também parece ser exposto por Traugott (2002, p. 37), quando ela afirma a necessidade de se buscar entender a real natureza das categorias, para que se possa razoavelmente identificar uma categoria como lexical ou gramatical. Por exemplo, é discutível o *status* de categorias como ‘particípio’ ou ‘morfema derivacional’.

No entanto, sem maiores discussões teóricas, a partir de Camara ([1969] 2007, p. 104), apresentaremos o FS como composto pelo ‘tema’: radical (um morfema lexical que dá a significação permanente do verbo) mais vogal temática; pela presença de um sufixo flexional modo-temporal; e pela presença de um sufixo flexional número-pessoal, como no exemplo:

Verbo cantar

Tema = Cant- (Rd) + a (VT)

SMT = -r (P1, P3, P4, P5) e -re (P2, P6)

SNP = P1 = Ø; P2 = -s; P3 = Ø; P4 = -mos; P5 = -des; P6

= -m

Observe-se que, no caso dos verbos regulares, o paradigma do FS coincide formalmente com o do infinitivo pessoal (*cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem*); e as formas de P1 e P3 coincidem também com o infinitivo impessoal. Apenas o contexto possibilitará o reconhecimento de qual tempo-modo está sendo usado²⁴. Sabemos que, historicamente, a origem do infinito pessoal e do FS se confundem, como afirma Coutinho (1974).

O infinitivo é tido como a forma mais indefinida do verbo, segundo Camara ([1969] 2007, p. 112), *a tal ponto, que costuma ser citado como o nome do verbo, a forma que de maneira mais ampla e mais vaga resume a sua significação, sem implicações das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo*.

Por fim, destaca-se que há uma grande diferença entre o paradigma dos verbos regulares e irregulares²⁵ no FS. Os regulares têm suas formas idênticas às do infinitivo pessoal. Já, as dos irregulares são bem diferentes das do infinitivo pessoal, o que gera uma grande confusão no uso delas pelos falantes.

Nesse sentido, é interessante citar que Macedo (1980)²⁶ descreveu uma forte ‘regularização’ no uso de algumas formas no FS de verbos considerados irregulares, pelos falantes do português do Brasil, talvez por fazerem comparação com os verbos ‘regulares’. Isso acontece porque, na grande maioria dos verbos, as formas de FS e de infinitivo pessoal são iguais.

Acreditamos que, nesse caso, esteja ocorrendo uma variação/mudança analógica devido ao fato de o falante desconhecer certas formas irregulares de FS e, como consequência, ele as ‘regulariza’, observando o paradigma dos verbos regulares no FS, que é igual ao do infinitivo pessoal.

No entanto, para uma melhor análise da variação/mudança nas formas verbais irregulares do FS, parece relevante observar a frequência de uso de cada verbo irregular, pois isso pode afetar na retenção de formas verbais irregulares mais frequentes na língua.

²⁴ Estamos, aqui, utilizando a terminologia tempo-modo para nos referir tanto ao FS quanto ao infinitivo. Reconhecemos, todavia, que o infinitivo, juntamente com o gerúndio e o particípio, são considerados ‘formas nominais do verbo’.

²⁵ Exemplos de formas verbais irregulares do FS: *tiver, estiver, for, prouver, contiver, vir, souber, retiver, quiser, compuser, propuser, mantiver, puser, vier, couber, fizer, houver, disser, trazer*.

²⁶ Macedo (1980), em sua tese de doutorado, realizou 197 testes escritos com adolescentes entre 12 e 19 anos, 42 testes com informantes de mais de 50 anos e 89 com crianças na faixa etária de 5 a 10 anos, no Rio de Janeiro, e relatou a existência de uma forte tendência de regularização dos ‘irregulares’, evidenciando um fenômeno em variação, no âmbito da sociolinguística.

Muitos autores, como por exemplo, Bybee (2001; 2007), sustentam a seguinte hipótese: a mudança sonora tende a afetar primeiro as palavras mais frequentes, enquanto a mudança analógica tende a afetar as palavras não-frequentes primeiramente. Os que defendem essa hipótese apontam como evidência o caso de certas formas verbais irregulares de passado em inglês, que não sofreram ‘regularização’ pelos falantes devido a elas terem alta frequência de uso na língua.

Para Bybee (2007, p. 29), os falantes adultos podem muito bem atuar no processo de nivelamento analógico, posto que, em paradigmas não-frequentes, os adultos podem não ter certeza sobre todas as formas desses paradigmas, sendo que, a mera não-frequência de um paradigma supletivo torna uma formação analógica mais aceitável. A autora exemplifica:

For instance [...], *creeped* is no standard, but I would not flinch if I heard it, and I might even produce it myself, although I know *crept* is “correct”. However, *keeped* would definitely cause a negative reaction, because the form *kept* is so solidly established, due to its frequency.²⁷

(BYBEE, 2007, p. 30)

Então, no caso da regularização de certas formas irregulares do FS, a hipótese seria de que o processo de mudança por analogia ocorra mais com os verbos de uso menos frequente, pois como a forma verbal irregular não está tão automatizada pelos falantes, é mais fácil nivelá-la pelo padrão regular. Como exemplo, citamos as formas de FS: *contiver*, *mantiver*, *propuser*, que geralmente são pronunciadas respectivamente como *conter*, *manter*, *propor* pelos falantes do português. Em contrapartida, as formas irregulares de FS de uso mais frequente, pela recorrência ou repetição desse padrão, parece que são mais resistentes à mudança que leva à regularização, como por exemplo: *quiser*, *for*, *estiver*, *tiver*, que parecem ser bem utilizadas pelos falantes. Em um primeiro olhar sobre os

²⁷ Por exemplo, [...], *creeped* (rastejou) não é uma forma padrão, mas eu não estranharia ao ouvi-la, e poderia até mesmo produzi-la, embora eu saiba que *crept* é a forma 'correta'. No entanto, *keeped* (mantido) iria causar uma reação negativa, porque a forma *kept* é bem solidamente estabelecida/firmada, devido à sua frequência. [Tradução autora]

dados do banco Varsul, percebemos que essas formas irregulares citadas foram bem recorrentes.

2.1.4.2 O significado

Apesar de o significado das formas gramaticais não ter atraído tanta atenção quanto os estudos sobre teorias sintáticas, por exemplo, tem havido grandes mudanças na maneira como ele tem sido visto, o que conseqüentemente afeta a descrição linguística, afirma Bybee (1998, p. 257).

Inicialmente, a maioria dos linguistas não estava preocupada com o significado gramatical em si, mas eles se concentravam no estudo da forma, influenciados principalmente por Saussure, Bloomfield e posteriormente por Chomsky (1957), que declarou serem as relações sintáticas autônomas do restante do sistema linguístico.

Um importante avanço na compreensão do significado gramatical foi trazido pelo desenvolvimento da teoria da gramaticalização, que trata do processo pelo qual o significado gramatical surge e muda com o tempo, conforme Bybee (1998, p. 260). Muitos estudos têm mostrado que a origem primária dos morfemas gramaticais são os próprios morfemas lexicais usados frequentemente em certas construções. Foi visto que é o conteúdo semântico dos itens lexicais que é moldado em sentidos gramaticais. Assim, o significado gramatical não é derivado somente por contraste com outros itens no sistema, como firmou o estruturalismo, mas ele é parte do significado retido de sua origem lexical.

Observamos ainda que o estudo da gramaticalização, ou seja, esse mecanismo explicativo para o desenvolvimento de formas lexicais em formas gramaticais (e de formas gramaticais em formas mais gramaticais) está da mesma forma preocupado com o desenvolvimento de construções e segmentos discursivos mais amplos, uma vez que o desenvolvimento de formas gramaticais não é independente das construções às quais pertence, segundo Heine & Kuteva²⁸ (2007, p. 32).

²⁸ Heine & Kuteva (2007), através de exaustivas reconstruções diacrônicas de línguas recentes africanas, demonstram como a sintaxe pode ter evoluído gradualmente de uma camada de gramaticalização a

No entanto, apesar de os estudos de gramaticalização terem clarificado a relação entre os diferentes sentidos e usos de uma única forma, e de construções maiores, eles não conseguiram resolver o problema de como os falantes lidam com a polissemia de certas formas gramaticais na sincronia, ressalva grande parte dos autores que tratam de gramaticalização.

Por exemplo, concordamos com Bybee (1998) na afirmação de que uma forma gramatical relacionada ao não-fato (*irrealis*) possa receber o significado da construção em que ocorre. E, quando estamos lidando com formas de subjuntivo, delimitar os sentidos dos morfemas modo-temporais que o constituem parece algo bem complicado. No caso do FS, não parece clara a marcação de futuro, nem de subjuntivo, nesse tempo/modo verbal.

Vimos, na seção 2.1.1, que Fleischman (1982) supõe ter o FS sido usado primariamente no ibero-romance em orações temporais e condicionais, para expressar a incerteza ou mera possibilidade de um evento já contingente, como um *subjuntivo dubiamente reforçado*. Parece que esse ‘sentido’ básico do FS persiste no seu uso atual também.

Mas poderíamos questionar, então, se a forma de FS em português, em termos de modalidade e projeção futura, acrescenta algum sentido diferente para a proposição, ou se essa projeção já é assinalada pelo contexto sintático-semântico-pragmático em que essa forma verbal está inserida. Em outras palavras, o significado de projeção futura está contido na desinência verbal sendo expresso, portanto, morfologicamente; ou o significado de projeção futura está presente no contexto?

Por exemplo, Bybee *at al.* (1991, p. 21) consideram que, em muitas formas/morfemas gramaticais de futuro, a semântica do morfema não contém explicitamente os traços de ‘predição’ ou de ‘tempo de referência futuro’, sendo que a interpretação de futuro acontece quando ela for suportada pelo contexto. Os autores até citam um caso bem parecido com o do FS em português, o futuro anterior do *tahitian*, e afirmam que a leitura do futuro anterior nessa língua só é possível com uma oração temporal que aponte o tempo futuro.

De fato, acreditamos que um estudo cuidadoso para a compreensão do uso do FS requer antes uma investigação acurada sobre os contextos comunicativos em que ele aparece, buscando uma motivação semântico-pragmática para sua significação e uso. Dessa forma, procuramos realizar uma

outra. Eles ilustram, com exemplos dessas línguas, que as orações subordinadas vão se desenvolvendo por ‘reinterpretação’ de orações simples e de orações coordenadas.

análise funcional das proposições (com FS) em diversos contextos reais de interação linguística oral.

Assim, busca-se justificar o uso de uma forma pela sua função discursiva na comunicação. A partir de uma visão funcionalista, a motivação para a escolha de uma construção morfossintática não se deve, em princípio, a restrições sintáticas pré-definidas arbitrariamente, mas a escolha da forma é definida, fundamentalmente, pelo contexto semântico-pragmático.

Conforme já antecipamos, os contextos de uso do FS não são simples, pois se caracterizam pelo não-fato, estando no domínio do *irrealis*, e estão estreitamente relacionados à modalidade (a atitude do falante), mais do que às condições de verdade da construção.

A seguir, discutiremos algumas concepções fundamentais para a descrição desses enunciados, como modalidade proposicional, tempo futuro, modo subjuntivo, a partir de uma ideia de *tipologias gramaticais*. Todas essas noções estão agrupadas no âmbito de funcionamento da complexa categoria da modalidade.

2.2 O COMPLEXO DOMÍNIO FUNCIONAL DA MODALIDADE

2.2.1 Os domínios tipológicos funcionais

O que se segue, nas próximas seções, requer uma exposição prévia de certas noções básicas de uma gramática cognitivo-funcional de base tipológica.

A maneira tipológica de tratar a gramática, numa perspectiva cognitivo-funcional, reconhece que os universais linguísticos não precisam ser absolutos, mas são às vezes uma questão de grau, tendência ou distribuição entre os sistemas linguísticos. Por meio de um método de base prototípica²⁹ para análise das relações gramaticais é possível olhar para a considerável variação

²⁹ A visão prototípica das categorias não as considera discretas, mas principalmente escalares partindo de um elemento mais prototípico central até um menos prototípico, na codificação de um domínio funcional, semelhante ao modelo de Rosch (1973).

interlinguística como algo mais sistemático do que caótico. E essa visão, diz Givón (2005, p. 21), teria ressurgido com os trabalhos de Greenberg (1966).

Assim, o que é universal sobre a gramática não são as construções particulares ou esquemas formais, não importando quão coerentes sejam as suas distribuições interlinguisticamente, mas, principalmente, os maiores princípios adaptativos funcionais que controlam e explicam essas construções, conforme Givón (2002, p. 47). Esses princípios universais se aplicam não somente à organização funcional da gramática, mas também à não-arbitrariedade pareada entre forma e função.

Um pressuposto claro da perspectiva tipológica da gramática é a assunção de que as línguas podem codificar o mesmo domínio funcional por mais de um meio estrutural, apesar de a diversidade de ‘tipos estruturais’ que codificam o mesmo domínio ser surpreendentemente restrita. Assim, através de um olhar tipológico e funcional, assume-se que: (i) as línguas podem codificar o mesmo domínio funcional por mais de um meio estrutural; (ii) esses domínios funcionais universais podem ser classificados em diversos ‘tipos’, por isso o nome tipologias gramaticais.

Entretanto, conforme bem observam Oliveira & Votre (1997), essa definição de *tipo*, assim como a de *função*, não se clarifica na obra de Givón, talvez em função do excesso teórico que marca o texto do autor, dificultando a compreensão do leitor.

A partir de uma concepção bioadaptativa da língua, Givón considera que as pressões adaptativo-funcionais que moldam a estrutura sincrônica (‘idealizada’) da língua são exercidas durante a performance *on-line*, e coloca o lugar da performance como fundamental para o estudo dos fenômenos linguísticos :

This is where language emerges and changes. This is where form adjusts itself constantly to novel functions and extended meanings. This is also where variation and indeterminacy are indispensable components of the developmental mechanisms that shape and reshape ‘competence’.³⁰

(GIVÓN, 2002, p. 5)

³⁰ Esse é lugar onde a língua emerge e muda. É aí onde a forma ajusta-se por si só, constantemente para novas funções, e significados por extensão. Esse também é lugar onde variação e indeterminação são elementos indispensáveis ao desenvolvimento de mecanismos que dão forma e remodelam a competência. (GIVON, 2002, p. 5) [Tradução autora]

Desse processo adaptativo, resulta que a gramática se revela como (i) um sistema parcialmente automatizado e convencionalizado, mas também (ii) retendo flexibilidade residual, visto que a mudança e a inovação não acontecem em um sistema sem flexibilidade e sem variação.

Givón admite, pois, que as regras da gramática não são 100% rígidas (como quer Chomsky), nem são 100% flexíveis (como quer Hopper). Em outras palavras, ele assume, numa tendência moderada³¹, que há regras (vistas como generalizações gramaticais) que são categóricas e regras que são variáveis – essas últimas associadas a formas emergentes. Nesse sentido, o autor admite a noção de ‘gramática emergente’. Decorre daí que as relações entre formas e funções podem ser arbitrárias, quando automatizadas; ou icônicas, quando funcionalmente transparentes.

Na visão de Givón (2002, p. 58), uma mudança gramatical invade um domínio funcional e então gradualmente se espalha e se generaliza. Há, assim, primeiramente uma inovação funcional que se propaga e o subsequente ajustamento estrutural. Quando se está em meio a uma mudança em curso, ou seja, diante da emergência de novos usos, as categorias não são discretas, mas se manifestam num *continuum*. E quando os falantes expandem a aplicação de regras gramaticais, ao lado de usos mais automatizados permanece uma flexibilidade residual do contexto adaptativo semântico-pragmático. E essas motivações, segundo o autor, retardam a gramaticalização. Nesse sentido, a gramaticalização, vista como “a aquisição de propriedades formais por uma categoria funcional, pode ser uma questão de grau sem necessariamente destruir a validade de categorias gramaticais formais”(GIVÓN, 2002, p. 48).

Considerando a relação entre linguagem, informação e comunicação, Givón (2002, p. 7-8) divide a codificação da comunicação humana em dois subsistemas: (i) o sistema de representação cognitiva e (ii) os códigos comunicativos. O sistema de representação cognitiva envolve três níveis

³¹ Observamos, no entanto, que essa postura ‘moderada’ de Givón não esteve presente em suas primeiras obras, onde o autor critica duramente certos pontos teóricos e metodológicos gerativistas, veja-se: *by dissociating itself from the consideration of communicative functions, speech processing, diachronic [.. .] transformational linguistics had already restricted itself to the narrow band of language-internal data covered by Bloomfieldians. A more damaging development, however, was the rise of the distinction performance versus competence, the postulation of grammaticality* (GIVÓN, 1979, p. 23). A partir de meados da década de 80, porém, o autor foi defendendo um quadro teórico funcionalista menos emergencista, admitindo alguns pontos de teorias formais, como a gerativista, de que as línguas apresentam, ao lado de formas emergentes, também formas já sistematicamente automatizadas, ou seja, gramaticalizadas.

concentricamente arranjados: a) o léxico conceptual (mapa cognitivo de nosso universo de experiências); b) a informação proposicional (informações sobre estados/eventos e participantes); e c) o discurso multiproposicional (coerência discursiva).

Para o autor, a gramática codifica simultaneamente o nível da semântica proposicional (âmbito da oração) e o da pragmática discursiva (âmbito multiproposicional). O escopo da gramática são as relações coerentes entre as proposições e seu contexto discursivo mais amplo.

Um dos subsistemas gramaticais orientados para o discurso é a modalidade, cuja função recobre a perspectiva do falante e do ouvinte, a intencionalidade e a ‘epistemicidade’ (GIVÓN, 2002, p. 15). A modalidade compõe o amplo e complexo domínio funcional, denominado por Givón de *TAM* - tempo, aspecto³² e modalidade. Essas três categorias estão inter-relacionadas, formando um subsistema gramatical complexo, e normalmente são codificadas pelas formas verbais.

Como nosso objeto de estudo, o uso do FS, está diretamente relacionado a tempo verbal e modalidade, na expressão do *irrealis* (o não-fato, o não-real), objetivamos, ao longo da dissertação, aprofundar a discussão sobre tempo futuro e, principalmente, sobre as modalidades.

2.2.2 O discurso multiproposicional

O discurso humano é predominantemente multiproposicional e sua coerência ultrapassa as fronteiras das proposições isoladas (GIVÓN 2001; 2005; 2009). Em outras palavras, as cadeias de orações são proposições individuais que se combinam para formar um discurso coerente. Desse modo, o escopo da gramática são as relações coerentes entre as proposições (que representam estados/eventos) e seu contexto discursivo mais amplo. Nesse sentido, Givón

³² A categoria do aspecto não será tratada aqui, pois nos casos contextuais de FS, acreditamos que não interfira diretamente na expressão do futuro e da modalidade *irrealis*. Bybee *at al.* (1991) fazem uma constatação parecida, dizendo que formas gramaticais de futuro que expressam um sentido de ‘futuro anterior a um ponto de referência’ (o caso do FS) são quase totalmente de aspecto perfectivo, e isso não interfere na interpretação da ideia de futuro, que é fundamentalmente permitida pelo contexto.

(2001, p. 13) salienta que *o método tradicional de se estudar isoladamente orações tende a obscurecer o escopo discursivo-pragmático da gramática*.

A gramática da modalidade, por exemplo, revela uma forte interação entre a modalidade inerente ao verbo (lexical), a modalidade epistêmica oracional (semântica proposicional) e a perspectiva epistêmica e deôntica entre falante e ouvinte (coerência discursiva).

Givón (2005, p. 177) sugere que o desenvolvimento do código gramatical da modalidade proposicional revela uma fina sintonia dos falantes com a realidade informacional e social circundante, mais exatamente com a constante mudança de estados epistêmicos e deônticos dos interlocutores. O autor chama a atenção para o fato de que, como em outros domínios codificados gramaticalmente, no domínio da modalidade, a perspectiva é constantemente mudada e a performance para tal é subconsciente e automatizada. Essa habilidade faria parte de nossa capacidade adaptativa e refletiria a maneira como vivemos, comportamo-nos e nos comunicamos.

Em síntese, a coerência do discurso proposicional é amplamente pragmática, e a gramática da modalidade vai refletir essa influência pragmática da motivação situacional, e da interação face a face, entre os falantes no discurso.

2.2.3 A modalidade

2.2.3.1 Definição

Os conceitos e classificações de modalidade são vastos na literatura linguística, devido à diversidade de abordagens teóricas: mais lógicas, semânticas ou discursivo-pragmáticas. Soma-se a isso a própria dificuldade em caracterizar a modalidade, uma vez que se está lidando com um domínio conceitual abstrato codificado por diversas expressões linguísticas.

As definições que apresentaremos nesta seção são pautadas em Givón (1995; 2001; 2005; 2009); Bybee (1985); Bybee *at al.* (1994); Fleischmann (1982); e Palmer (1986). Devido a certas divergências em torno da

conceitualização e do tratamento da modalidade entre esses autores, e do enfoque com que cada um prioriza seu trabalho, nosso norteamento será principalmente por Givón, em razão de o autor dedicar um espaço razoável para tratar da distribuição da modalidade na gramática³³. Não obstante, faremos referência aos demais autores, de modo a complementar a exposição sobre esse tópico.

Iniciemos com uma distinção entre ‘modo’ e ‘modalidade’. Fleischman (1982) assim caracteriza essas duas categorias: (i) modo se refere a uma morfologia particular da categoria dos verbos que tem uma função modal. Isso, geralmente, envolve um grupo distinto de paradigmas verbais (indicativo, subjuntivo, imperativo, optativo); (ii) modalidade concerne a certos elementos de sentido expressos pela linguagem, que têm como denominador comum a adição de sentidos ao valor semântico mais neutro de uma proposição factual e declarativa.

Em termos gerais, Palmer (1986, p. 2) considera a modalidade como uma categoria gramatical, possível de ser descrita e comparada tipologicamente entre as línguas: *Modalidade não se relaciona semanticamente ao verbo primariamente, mas a todo o enunciado. Não é surpreendente, então, que existam línguas nas quais a modalidade é marcada em outro lugar que não o verbo ou dentro do complexo verbal.*

Essa concepção de modalidade que tem como escopo o enunciado, como veremos a seguir, será ainda mais expandida de acordo com a perspectiva funcional adotada neste trabalho.

Givón parte do ponto de vista da lógica clássica – em que a modalidade é vista como uma propriedade lógica das proposições – e a associa à codificação da atitude do falante em face da proposição que ele enuncia. Mas o autor vai mais além, ao sugerir que a atitude do falante não se restringe somente à proposição, mas alcança também o ouvinte e o próprio falante, ou seja, envolve os participantes da situação comunicativa.

A atitude do falante pode ser distinguida por dois tipos de julgamentos, considerados duas modalidades (por vezes denominadas de ‘submodos’ pelo autor), que não são mutuamente exclusivas e até se intersectam de várias maneiras. Conforme Givón (1995; 2001; 2002; 2005):

³³ Por exemplo, Bybee *at al.* se ocupam mais com o desenvolvimento e gramaticalização das modalidades nas línguas e Palmer opera mais com a semântica da modalidade sem se restringir ao funcionalismo.

- *juízo epistêmico*: verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência;
- *juízo deôntico*: desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

Além dessa caracterização, Givón (2009, p. 132) acrescenta em sua análise a ideia de epistêmico como tudo o que pertence aos fatos do mundo ao nosso redor, incluindo os fatos integrantes da ‘transação’ comunicativa. Já, por deôntico, o autor entende: *tudo o que eu quero que você faça por mim ou o que você quer que eu faça por você*. E exemplifica:

- DEONTIC: I **want** to eat the apple.
 - DEONTIC: **Let me** have a toy.
 - EPISTEMIC: I **know (that)** is broken ³⁴
- (GIVÓN, 2009, p. 130)

Sobre a modalidade epistêmica, Givón propõe uma redefinição comunicativa a partir das definições lógicas, em termos de ‘fato’ ou ‘não-fato’ no mundo:

- **fato**: (i) *verdade necessária*: equivalente comunicativo: *pressuposição*; (ii) *verdade factual* – equivalente comunicativo: *asserção realis*;
- **não-fato**: (i) *verdade possível*–equivalente comunicativo: *asserção irrealis*; (ii) *não-verdade* – equivalente comunicativo: *asserção negativa*.

³⁴ a. DEÔNTICA: Eu quero comer a maçã.

b. DEÔNTICA: Deixe me ter um brinquedo.

c. EPISTÊMICA: Eu sei que está quebrado. [Tradução autora]

O quadro a seguir caracteriza detalhadamente cada uma dessas asserções e da pressuposição, com base em Givón (2005, p. 151), retomando Givón (1982):

<p><i>Pressuposição:</i> a proposição é tida como verdadeira, até por definição, concordância prévia, convenção genericamente compartilhada, por ser óbvia a todos os presentes na situação de fala, ou por ter sido enunciada pelo falante e não contestada pelo ouvinte.</p>	<p><i>Asserção realis:</i> a proposição é fortemente asserida como verdadeira. Mas a contestação pelo ouvinte é apropriada, embora o falante disponha de evidência ou outras bases fortes para defender sua forte crença.</p>
<p><i>Asserção negativa:</i> a proposição é fortemente asserida como falsa, mais comumente em contradição a crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte. Uma contestação do ouvinte é antecipada e o falante dispõe de evidências ou outras bases fortes para reforçar sua forte crença.</p>	<p><i>Asserção irrealis:</i> a proposição é fracamente asserida como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), necessária, desejada ou indesejada (submodos deônticos). Mas o falante não está pronto para reforçar a asserção com evidências ou outras bases fortes: a contestação pelo ouvinte é prontamente recebida, esperada ou solicitada.</p>

Quadro 3. Asserções: *realis*, *irrealis*, negativa e pressuposição.

Associando modalidade e modo verbal, Givón (1994) salienta que o subjuntivo mantém uma forte correlação com os submodos *irrealis* de baixa certeza epistêmica e de fraca manipulação deôntica.

Em congruência com as definições de Givón, Fleischman (1982, p. 13) distingue como duas modalidades básicas do discurso a epistêmica e a deôntica:

- *modalidade epistêmica:* expressa atitudes de dúvida, pensamento, crença; se refere à qualificação do falante do seu comprometimento com a verdade da proposição;

- *modalidade deôntica*: expressa atitudes cuja interpretação Linguística está fundamentalmente ligada às noções de obrigação e volição.

Como se pode notar na abordagem de Fleischman, a modalidade deôntica, ao recobrir basicamente as noções de obrigação e volição, deixa de lado a ‘habilidade’.

Também, em Palmer (1986, p. 18), encontramos a distinção dessas duas modalidades principais: a *modalidade epistêmica*, que se refere ao conhecimento, à crença ou opinião, e a *modalidade deôntica*: que se refere à necessidade ou possibilidade dos atos desempenhados por agentes moralmente responsáveis. O autor ([1979], 1990) fala ainda em modalidade “dinâmica” para se referir à habilidade/capacidade (*apud* TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 107).

Sob uma outra classificação, as modalidades em Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p. 177-180) são acomodadas da seguinte maneira:

- *Modalidade epistêmica*: indica o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Recobre: *possibilidade* (a proposição pode ser verdadeira); *probabilidade* (há grande probabilidade de a proposição ser verdadeira); e *certeza inferida* (o falante tem boas razões para acreditar que a proposição é verdadeira).
- *Modalidade orientada ao falante*: permite ao falante impor condições ao interlocutor, como dar ordem ou permissão a alguém. Envolve atos de fala diretivos: *ordem*, *proibição*, *exortação*, *permissão*.
- *Modalidade orientada ao agente*: é parte do conteúdo proposicional da oração, e reporta a existência de condições internas e externas de um agente para a realização da ação expressa no predicado principal (o agente exerce a ação descrita na oração). Recobre: *obrigação* (há condições sociais externas compelindo um agente a completar a ação predicada); *necessidade* (há condições físicas compelindo um agente); *habilidade* (há condições internas de um agente face à ação predicada).

- *Modos subordinantes*: envolvem relações sintáticas entre orações, por exemplo, entre certos verbos e seus complementos oracionais, as concessivas, as finais, etc. Têm como marca o subjuntivo.

Nessa direção, Bybee (1985) sintetiza como principais diferenças entre as três primeiras modalidades acima vistas³⁵ que: as *modalidades epistêmicas* assinalam o grau de comprometimento/certeza do falante com sua proposição, enquanto as *modalidades deônticas orientadas ao falante* refletem o tipo de ato de fala a ser performada, assim como, a força ilocucionária da declaração. Essas duas (epistêmica e orientada ao falante) distinguem-se de *modalidades deônticas orientadas ao agente*, como as de *permissão e obrigação*, pois as orientadas ao agente descrevem condições sob o agente que está na oração principal, diferentemente das duas outras modalidades deônticas.

De fato, parece ocorrer uma aproximação semântica entre as modalidades orientadas ao agente e as epistêmicas e, talvez, em função disso, muitos auxiliares modais (em inglês) podem marcar ora em uma modalidade, ora em outra. Exemplificamos essa ideia, com os auxiliares *may* e *must*, com base em BYBEE (1985, p. 166):

⇒ *Sally must be more polite to her mother.* (Sally precisa ser educada com sua mãe.) [Obrigação]

⇒ *The students may use the library at any time.* (Os estudantes podem usar a livraria a qualquer hora.) [Permissão]

Sendo que, as funções epistêmicas desses auxiliares podem ser vistas em gfrases sem um sujeito-agente:

⇒ *It must be raining.* (Deve estar chovendo). [Probabilidade]

⇒ *It may rain.* (Pode chover). [Possibilidade]

³⁵ Modalidade epistêmica, modalidade orientada ao agente, e modalidade orientada ao falante.

Em poucas palavras, se compararmos a classificação de Bybee *et al.* (1994) àquelas inicialmente expostas, especialmente à de Givón, podemos perceber algumas diferenças significativas. Bybee *et al.* (1994): (i) separam a modalidade deôntica em duas: uma orientada para o falante (envolvendo manipulação) e outra orientada para o agente (envolvendo desejo/preferência, e também habilidade); (ii) tratam da modalidade epistêmica em termos de grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição, enquanto Givón atribui relevo também ao aspecto pragmático envolvido na negociação comunicativa; (iii) incluem uma quarta modalidade, definida com critérios bem diferentes dos que fundamentam as outras, pois seria reconhecida só pelas marcas sintáticas, como o uso do modo subjuntivo, fugindo, assim, à pretensão de compreensão da modalidade como uma categoria funcional universal, e dando uma ‘estatuto’ diferente a ela em relação às outras modalidades.

De maneira geral, embora a literatura no âmbito funcionalista mostre uma certa convergência na identificação e conceituação de duas modalidades (epistêmica e deôntica), há algumas diferenças, notadamente no campo terminológico, que têm a ver em parte com o escopo de cada subtipo. Por exemplo, Coates (1983) e Sweetser (1990) falam em modalidade raiz (*root*), que recobre as noções de obrigação e habilidade – o que corresponderia à noção de ‘modalidade orientada para o agente’ de Bybee *et al.* (1994).

Há autores, ainda, como Traugott & Dasher (2005), que trabalham claramente com três tipos de modalidade:

- deôntico: obrigação;
- epistêmico: conclusão;
- habilidade/capacidade.

No entanto, em nosso trabalho optamos por trabalhar com a distinção básica entre modalidade epistêmica e deôntica, pelas seguintes razões: (i) por essa divisão já estar bem estabelecida na literatura, desde a lógica clássica, e ser intensamente utilizada por Givón; (ii) por entendermos que os outros subtipos de modalidade propostos se agrupam dentro dessas duas, assim, acreditamos que no momento da interação modal, o falante geralmente insere uma modalidade predominantemente deôntica ou uma modalidade predominantemente epistêmica.

2.2.3.2 A interação modal

Givón (2009), a partir de um estudo de aquisição (observando diálogos entre mães e filhos), tenta demonstrar como as crianças aprendem a negociar fatos e desejos na interação comunicativa. O autor afirma que o uso de verbos principais deônticos ou epistêmicos como operadores modais não ocorre num vácuo comunicativo, mas está diretamente inter-relacionado a motivações que nascem na interação. Como ilustração, segue um dos diálogos entre mãe e criança, apresentados pelo autor.

EVE: **Give me** a diaper. (request = DEONT)

MOT: Yes, I'll get you a diaper, honey. (promise = DEONT)

You **let go** again. (manipulation = DEONT)

Okay, **want** to come down (offer = DEONT)

and get this diaper changed?

NAO: No. (refusal = DEONT)

MOT: You **told** me about it, Nomi. (past-quotative = EPIST)

You **said**: "Mommy change my diaper". (past-quotative = EPIST)

NAO: Boom Mommy. (utter disdain = DEONT)

(GIVÓN, 2009, p. 134)³⁶

³⁶ EVE: Me dá uma fralda. (pedido = DEONT)

MOT: Sim, eu vou pegar uma fralda pra ti, querida. (promessa = DEONT)

Deixe pra lá (ir) novamente. (manipulação = DEONT)

Ok, quer descer

e pegar esta fralda trocada? (oferta = DEONT)

NAO: Não. (recusa = DEONT)

MOT: Você me disse isso, Nomi. (passado *quotative* = EPIST)

Você disse: "Mamãe, mude minha fralda". (passado-*quotative* = EPIST)

Em poucas palavras, Givón (2009, p. 133) considera que essas construções gramaticais modais complexas, como as ilustradas acima, são embutidas dentro de um contexto interativo modal, que funciona como um ‘envelope’ em que dois participantes se empenham para impor seus objetivos deônticos ou epistêmicos, ou para resolver seus conflitos deônticos ou epistêmicos.

Resumindo, uma das várias considerações que o autor faz nesse estudo é a de que, para a análise da modalidade, é importante priorizar a interação oral ‘face a face’ em contextos comunicativos.

Também nessa direção, Bybee & Fleischmann (1995, p. 3) afirmam que as categorias modais não existem como alguma categoria semântica abstrata num espaço semântico, mas suas funções estão, essencialmente, enraizadas em contextos de interação social; conseqüentemente, não podem ser descritas adequadamente fora de seus contextos no discurso interativo.

Tais observações são muito relevantes para a proposta metodológica desta pesquisa.

2.2.4 A distribuição da modalidade na gramática

Givón (2001, p. 302) afirma que a falta de uniformidade, entre as línguas, quanto à marcação morfológica da modalidade se deve ao fato de as modalidades – pressuposição, *realis* e *irrealis* – serem gramaticalizadas diacronicamente através de uma grande variedade de domínios fonte. E essa variedade é justificável uma vez que essas três modalidades proposicionais aparecem em múltiplos contextos gramaticais. Desse modo, mais de um contexto pode atuar como domínio fonte para a gramaticalização dessas modalidades.

Ao contrário da imprevisibilidade natural em relação à marcação morfológica da modalidade, a distribuição das quatro principais modalidades

NAO: 'Boom mamãe'. (desdém absoluto = DEONT) [Tradução da autora]

(somando-se às três mencionadas acima também a asserção negativa) através de contextos gramaticais é altamente previsível e universal, sendo que os principais contextos gramaticais apresentados por Givón (2001, p. 302) são: modalidade inerente de verbos lexicais; modalidade e tempo-aspecto; advérbios *irrealis*; e modalidade e tipos de oração.

2.2.4.1 Modalidade inerente de verbos lexicais

Como a maioria dos verbos tem inerentemente uma modalidade *realis*, é mais econômico listar os principais verbos lexicais com escopo *irrealis*, de negação, ou de pressuposição, conforme Givón (2001, p. 304). Destacamos os verbos de *irrealis* inerente.

- ***verbos com irrealis inerente***: querer, gostar, sonhar, pensar, acreditar, achar, desejar, pretender, conseguir, poder, precisar, necessitar, entre outros;
- ***verbos com negação inerente***: faltar, recusar, declinar, perder, e outros;
- ***verbos com pressuposição inerente***:saber, esquecer, lamentar, entre outros.

2.2.4.2 Modalidade e tempo-aspecto

Para GIVÓN (2001, p. 305), a distribuição da modalidade ocorre da seguinte formas entre os tempos e os aspectos:

MODALIDADE	TEMPO	ASPECTO
------------	-------	---------

Fato	Passado Presente	Perfeito perfeito progressivo
Não-fato	Futuro	Habitual Repetitivo

Quadro 4. Distribuição da modalidade entre tempos e aspectos.

2.2.4.3 Advérbios *irrealis*

Advérbios epistêmicos, como: *talvez, provavelmente, possivelmente, supostamente, certamente, presumidamente* lançam um escopo *irrealis* sobre a proposição a que se vinculam, afirma Givón (1995, p. 117). Por exemplo: *Provavelmente ela assistiu ao show.*

2.2.4.4 Modalidade e tipos de oração

Entram, nessa categoria, os seguintes subgrupos:

1) Complementos oracionais (orações objetivas diretas):

- verbos de modalidade e auxiliares modais;
- verbos de manipulação;
- verbos de percepção-cognição-enunciação;

2) Orações relativas

3) Atos de fala não-declarativos

4) Orações adverbiais

Para a explanação das modalidades referentes aos três primeiros casos incluídos em (1), é necessário antes examinar a classificação de Givón (1984; 1995; 2001) sobre certos tipos de verbos que requerem complemento oracional.

Dessa forma, apresentamos um quadro que sintetiza em português essa classificação do autor, com destaque (sombreado) aos verbos que projetam escopo *irrealis* aos itens que os seguem em orações³⁷. Ressalve-se que os verbos se encontram descontextualizados, portanto o que está em evidência aqui é o traço semântico lexicalmente inerente.

1) Verbos de modalidade	
Verbos de aspectualidade	Iniciação, duração, completude e atividade Começar, continuar, acabar
Verbos de atitude modal	Volição, intenção, pedido, habilidade, necessidade, probabilidade
Atitude modal positiva	Querer, pretender, esperar, decidir, concordar, tentar, poder, ter
Atitude modal negativa	Recusar, ter medo, relutar
(2) Verbos de manipulação	
Manipulação bem sucedida: são logicamente implicativos	Causar, fazer, ter, forçar, ajudar, deixar, persuadir, disponibilizar, instigar.
Prevenção bem sucedida	Prevenir, causar, parar, dissuadir, assustar.
Manipulação tentada/pedida: são logicamente não-implicativos	Contar, mandar, permitir, perguntar, sugerir, encorajar, querer, esperar, implorar, conceder, supor.
Tentativa de prevenção	Proibir, não contar, intimar.
(3) Verbos de cognição, percepção, declaração (P. C. U verbs)	
Factivos	Saber, entender, encontrar, ver, lembrar, aprender, esquecer, se arrepender, fingir, mentir.
Não-factivos Deônticos	Desejar, mandar, ter medo, ter esperança,

³⁷ Para maiores detalhes pode-se consultar Givón (2001, p. 149-157).

	ansiar.
Não-factivos Epistêmicos	Pensar, duvidar, acreditar, suspeitar, assumir, dividir, ter certeza, ouvir, sentir, exigir, concordar, supor, negar.

Quadro 5. Classificação semântica dos verbos, com base em Givón.

Realizada essa apresentação, passamos a detalhar a classificação proposta pelo autor.³⁸

a) Verbos de modalidade e auxiliares modais

Segundo Givón (2001, p. 307), conforme já mencionado, a maioria dos verbos traz inerentemente a modalidade *realis* (não marcada). Entre os verbos de modalidade, contudo, a proporção de *irrealis* inerente é bastante alta. O escopo do verbo de modalidade recai sobre seu complemento oracional. Desses, os verbos não-implicativos projetam sempre escopo *irrealis* em seus complementos.

Como a modalidade do complemento oracional é determinada pelo verbo de modalidade sob cujo escopo a oração se encontra, essa modalidade geralmente obedece às seguintes regras, conforme Givón (1995; 2001), abaixo simplificadas:

- Verbo implicativo ⇒ complemento *realis*
Exemplo: *Ele conseguiu terminar o trabalho.*
- Verbo não-implicativo ⇒ complemento *irrealis*
Exemplo: *Ele quis terminar o trabalho.*

Em inglês há, ainda, uma classe especial para os verbos auxiliares modais, pois são muitos, como ‘may’, ‘can’, ‘will’, ‘should’, ‘could’, dentre tantos; já, no português, os principais modais são ‘poder’ e ‘dever’, aos quais se alinham ‘ter que’, ‘precisar’, entre outros.

³⁸ Observa-se que nos três primeiros casos (a, b, c) a negação não foi tratada, por considerarmos que alongaria muito o assunto, fugindo do foco principal do trabalho. Além disso, ressalva-se que os exemplos foram de nossa autoria, portanto sujeitos a nossa interpretação, que esperamos estar correta.

b) Verbos manipulativos

Caracterizam-se por apresentarem na oração principal um agente humano que manipula o comportamento de outro agente, sujeito da oração subordinada. Assim como ocorre com os verbos de modalidade, o autor afirma que os complementos oracionais desses verbos obedecem à seguinte ‘fórmula’ simplificada:

- Verbo implicativo \Rightarrow complemento *realis*
Exemplo: *O chefe o fez terminar o trabalho.*
- Verbo não-implicativo \Rightarrow complemento *irrealis*
Exemplo: *O chefe disse para ele terminar o trabalho.*

c) Verbo de percepção-manipulação-declaração

O escopo modal dos complementos desses verbos, com base em Givón (1995; 2001), pode ser representado da seguinte maneira sintética:

- Factivos \Rightarrow modalidade do complemento: pressuposição
Exemplo: *O chefe soube que ele terminou o trabalho.*
- Não-factivos \Rightarrow modalidade do complemento: asserção *irrealis*
Exemplo: *O chefe achou que ele terminou o trabalho.*

d) Orações relativas

As orações relativas que modificam nomes (SN) referenciais (definidos ou indefinidos) ficam sob o escopo da pressuposição, a menos que algum operador não-fato intervenha. O único caso em que as relativas caem sob

o escopo do *irrealis* é quando elas forem restritivas e o seu nome (*head noun*) for modificado, segundo Givón (2001, p. 310):

- Non-Ref head noun

Ex: *I know of no woman who came in late.*

(*Eu não sei de nenhuma mulher que chegou atrasada*).

e) *Atos de fala não-declarativos*

Certos atos de fala, tais como comando, pedido, exortação, estão relacionados a eventos futuros, por isso são *irrealis*. Quanto mais manipulativos eles forem, mais associados ao submodo deôntico-avaliativo do *irrealis*, segundo Givón (2001, p. 312). Como ilustração, temos:

- Comando: *Apague a luz!*
- Pedido: *Você poderia apagar a luz?*
- Exortação: *Vamos apagar a luz.*
- Perguntas sim/não (*yes/no question*): *Ela apagou a luz?*

f) *Orações adverbiais*

As orações adverbiais subordinadas tendem a vir sob o escopo de pressuposição, *irrealis* e negação. De acordo com o autor, as adverbiais com típico escopo *irrealis* são:

- Oração adverbial temporal:

Ex: *Quando você CONSEGUIR um empréstimo, eu venderei meu carro.*

- Oração adverbial condicional:

Ex: *Se você CONSEGUIR um empréstimo, eu venderei meu carro.*

- Oração adverbial de finalidade (*purpose*):

Ex: *Para você conseguir um empréstimo, eu vou ter que assinar.*

Dentre os quatro tipos oracionais apresentados, destacamos certas orações adverbiais, pois é nesses contextos que encontramos frequentemente dados do FS no português, por isso elas serão o tópico da próxima seção.

2.2.5 As orações adverbiais condicionais *irrealis*: os prováveis contextos principais de uso do FS em português

Em nosso trabalho, apresentamos com mais detalhe a caracterização de Givón (1984; 1993; 2001) sobre as ‘adverbiais condicionais *irrealis*’ e certas adverbiais temporais (*when-clauses*) que se comportam semelhantemente àquelas condicionais, por serem esses os contextos mais frequentes de uso do FS.

Primeiramente, o autor faz uma divisão entre as orações adverbiais condicionais: as condicionais *contrafactuais* e as condicionais *irrealis*. As primeiras não serão desenvolvidas aqui, mas serão citadas sinteticamente para ajudar na compreensão das *irrealis*.

Nas *contrafactuais*, o valor de verdade é firme e negativo. Esse tipo de condicional envolve estados ou eventos que podem ter ou teriam tido um valor de verdade – se outros estados ou eventos fossem verdadeiros. Mas, desde que esses outros estados ou eventos sejam de fato não-verdade, então a proposição condicional também não será verdadeira. Por exemplo: *If she had known, she would have done it.* (GIVÓN, 2001, p. 332).

Já as orações condicionais *irrealis* caem sob o escopo da modalidade não-fato. Mais do que outras orações *irrealis*, elas não têm valor de verdade. Além disso, a verdade delas depende da verdade das orações principais associadas a elas, as quais mais tipicamente não têm valor de verdade também. Geralmente, condicionais *irrealis* têm uma futuridade implicada com a própria oração principal, que vai aparecer marcada tanto pelo futuro, como por um modal ou por outro operador *irrealis*, como nos exemplos apresentados por Givón (1990, p. 829):

- a. Modal:** If you finish on time, you can have this
(*Se você TERMINAR em tempo, você poderá ter isto.*)
- b. Futuro:** If she comes, you will see her.
(*Se você VIER, você a verá.*)
- b. Imperativo:** If you see him, please tell him that.. .
(*Se você VIR ele, por favor, conte a ele que.. .*)
- c. Pedido indireto:** If she comes, I would like to know
(*Se ela VIER, eu gostaria de saber.*)
- e. Marcador de certeza:** If she comes, then I think we're
in good shape
(*Se ela VIER, então eu penso que nós estamos em boa
forma.*)

Observamos que todos esses exemplos utilizados por Givón, quando transferidos para o português, requerem o verbo no FS nas prótases. Isso reforça nossa crença de que esses contextos são os mais típicos do uso do FS.

Palmer (1986, p. 189), em consonância com Givón, afirma que nas condicionais, o *se (if)* indica a dependência da verdade de uma proposição sobre a verdade de outra.

A respeito do valor de ‘verdade pendente’ das condicionais *irrealis*, Givón (2001, p. 331) observa ainda que este persiste, mesmo quando elas estão no tempo passado e no presente (habitual), como podemos ver:

Condicionais <i>irrealis</i> no passado	Condicionais <i>irrealis</i> no presente (habitual)
a) Se ela fez isto, realmente isto é um golpe.	a) Se ele trabalha tão duro, ele não terá tempo para isto.
b) Se eles chegaram assim, eles devem estar cansados.	b) Se ela mora aqui, ela aparecerá cedo ou tarde.
c) Se ela esteve lá, então ela sabe tanto quanto eu sei.	c) Se isso acontece aqui regularmente, então é melhor nós sairmos agora mesmo.

d) Se ela esteve lá, então ela sabe disso.	d) Se você trabalha aqui, como eu nunca vi você.
--	--

Quadro 6. Condicionais *irrealis* no passado e no presente.

Em muitas línguas, condicionais *irrealis* são marcadas identicamente em adverbiais temporais, as ‘when-clauses *irrealis*’, tanto que a sutil diferença entre elas é inferida pelo contexto. Tal sobreposição também é possível em inglês, como no exemplo, *When you bring to me, I’ll pay you* (Quando você trazer para mim, eu te pagarei), segundo Givón (1984, p. 830).

Conforme uma interpretação condicional dessa sentença, o falante tem baixas expectativas epistêmicas em relação à verdade eventual da oração condicional. Já, segundo uma interpretação temporal, o falante presumivelmente tem altas expectativas. O que as duas interpretações compartilham é a lógica geral da estrutura das condicionais *irrealis*, que permite alguma variância advinda do conector lógico.

Ambas as adverbiais envolvem uma relação bicondicional. As adverbiais ‘*irrealis if*’ e ‘*irrealis when*’ comportam-se como conectores bicondicionais, permitindo a inferência: $(A \supset B) \supset (not-A \supset not-B)$. Givón (1990, p. 830), exemplifica:

- **Temporal:**

When you bring it, I’ll pay you. (*Quando você TROUXER isto, eu te pagarei*) \supset

Until you bring it, I won’t pay you. (*Até você trazer isto, eu não te pagarei*)

- **Condicional:**

If you bring it, I’ll pay you. (*Se você TROUXER isto, eu te pagarei.*) \supset

If you don’t bring it, I won’t pay you. (*Se você não TROUXER isto, eu não te pagarei*)

2.2.6 A distinção entre *realis* e *irrealis*: discussões

Nesta seção, pretendemos apontar uma crítica (e alguns desdobramentos daí advindos) de Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) sobre a divisão *realis* e *irrealis*, principalmente quando ela é usada para separar (i) modo indicativo (*realis*) e subjuntivo (*irrealis*) e (ii) eventos reais e não-reais no mundo; e sobre a dificuldade de categorizar morfemas *irrealis* e *realis*. Acreditamos que problematizações como essas nos ajudam a entender um pouco mais o domínio *irrealis*.

De fato, alguns autores têm tentado uma aproximação entre a definição de *realis* com o modo indicativo e do *irrealis* com o modo subjuntivo, nas línguas. Salvaguardadas algumas semelhanças, essa aproximação não se sustenta, devido a muitas evidências contrárias, como por exemplo, o fato de haver muitas línguas que distinguem outros modos além desses.

Bybee *at al.* (1992; 1994) questionam a validade dessa classificação binária, principalmente pelas seguintes razões: (i) há um descompasso frequente entre a definição de *irrealis* e suas várias formas distribuídas em uma língua; (ii) poucas línguas expressam essa distinção binária da mesma maneira, *realis/irrealis* é raramente realizado em uma língua como uma distinção morfológica; (iii) há problemas no conteúdo semântico dessa distinção, pois é questionável se há uma categorização de eventos ocorrendo ou não, no mundo real, ou seja, a verdade ou o fato não parece ser relevante para o modo, mas, sim, o valor da asserção e não-asserção relacionado ao comprometimento do falante. Por exemplo, inerente à função de modalidade epistêmica, está a expressão de grau de comprometimento que o falante está desejando admitir acerca da verdade da proposição.

Entretanto, Givón (1995) critica as razões pelas quais Bybee, Perkins & Pagliuca (1992) discordam da divisão entre *realis* e *irrealis*, e justifica com vários argumentos por que isso não procede. Descreveremos alguns desses argumentos, a seguir.

Primeiramente, o autor afirma que Bybee *at al.* (*op cit*) pressupõem que modalidade seja uma categoria mental discreta, binária e simples, assim como o progressivo, o perfectivo ou o habitual. *Mas, modalidade é muito mais uma mega-categoria complexa e o irrealis é em particular uma dimensão escalar*

complexa. Como tal, ele se intersecta com uma multidão de outros códigos gramaticais semânticos e categorias pragmáticas. (GIVÓN, 1995, p. 167)

Respondendo ao argumento (i) de Bybee *et al.* (1992; 1994) (de que há um descompasso entre a definição de *irrealis* e as várias formas distribuídas em uma língua), Givón contesta essa afirmação, dizendo que ela não advém de um estudo cuidadoso sobre questões semânticas e pragmáticas envolvidas na modalidade. Assim, um estudo criterioso mostrará que a enorme quantidade de ‘tipos oracionais’ que tradicionalmente são agrupados dentro do *irrealis* tem uma considerável proporção de coerência, e esses tipos oracionais possuem traços em comum, conforme Givón (1995, p. 167):

- Eles tendem a ter uma projeção de futuro.
- Eles permitem uma interpretação não-referencial de SNs sob seu escopo
- Tendem a se agrupar dentro de dois amplos grupos submodais: epistêmico e deôntico-avaliativo.
- Não importa se epistêmico ou deôntico, todos eles tendem a envolver interação de baixa certeza e, portanto, ansiedade.
- Ao contrário do *realis*, eles tendem a envolver grande flexibilidade de perspectiva modal na interação com o interlocutor.

Refutando o argumento (ii) (de que poucas línguas expressam a distinção binária *realis/irrealis* da mesma maneira), o autor afirma que, de acordo com uma abordagem funcional, uma tipologia gramatical não pode seguir por categorias estruturais, mas, sim, por categorias ‘cognitivo-comunicativas’, principalmente categorias funcionais complexas que agrupam traços semânticos e cognitivos. Ademais, o método tipológico surgiu da constatação de que categorias gramaticais complexas não são gramaticalizadas da mesma maneira em todas as línguas.

Finalmente, em resposta à crítica (iii) dos autores (de que há problemas no conteúdo semântico da distinção *realis/irrealis*, que vincula as condições de verdade ao mundo real), Givón (1995, p. 166) argumenta que a

definição semântico-lógica de modalidade já foi suplantada por ele há muitos anos por uma definição comunicativo-funcional, não só para o *irrealis*, como para as modalidades proposicionais em geral.

Em nosso trabalho, apesar dos questionamentos apontados, não pretendemos fazer grandes discussões teóricas sobre o complexo conceito de *irrealis*, até por que, de maneira geral, ele já é um termo bem difundido na literatura funcionalista, e parece ter servido muito bem para descrições gerais de línguas diferentes das indo-europeias, de línguas crioulas e de pidgins, no que diz respeito a distinções modais.

Ademais, utilizaremos amplamente o termo *irrealis*, pois entendemos que a complexidade de compreensão desse domínio advém da própria abstração conceitual dele que envolve traços semânticos e pragmáticos. Consideramos também que as caracterizações sobre o *irrealis* na gramática propostas por Givón parecem coerentes com os domínios de uso do FS em português.

2.2.7 A relação entre futuro e *irrealis*

2.2.7.1 O futuro como tempo verbal

A categoria tempo envolve uma sistemática codificação da relação entre dois pontos ao longo de uma dimensão linear de tempo: tempo referencial e tempo do evento (ou da situação). É fácil perceber que tempo é um fenômeno pragmático (mais do que semântico-proposicional), que situa a proposição em um ponto temporal fora dela mesmo. No caso de um tempo absoluto, por exemplo, a oração é ancorada no ato de fala corrente, proferido por um falante em particular no exato momento em que a oração é declarada (por isso o momento de fala costuma ser identificado como o ponto dêitico da enunciação).

Givón (2001, p. 286) distingue quatro divisões temporais: passado, presente, habitual (pode de certa forma ser incluído no presente) e o futuro. Este último é o tempo sobre o qual nos deteremos nesta seção. O futuro *seria um evento ou estado em que tempo-evento segue (é posterior) ao momento de fala.*

Para Bybee, Pagliuca & Perkins (1991; 1994), o futuro não representa ‘referência ao tempo futuro’ da mesma maneira exata que o passado representa ‘referência ao tempo passado’, pois noções de futuro envolvem hipóteses, volição, projeções, mas nunca fatos referencialmente concretos.

Além disso, os autores observam que os futuros parecem ter sido desenvolvidos a partir das mesmas origens lexicais em várias línguas, como no inglês e nas línguas românicas. A partir de uma análise de amostras do banco de dados deles, o GRAMCATS, eles chegam a hipotetizar: os morfemas de futuro em todas as línguas se desenvolvem a partir de um pequeno grupo de origens/fontes, e atravessam estágios similares de desenvolvimento.

A hipótese geral dos autores é de que há somente um pequeno número de categorias gramaticais maiores, ou *gram-types* (como passado, futuro ou perfectivo) nas línguas do mundo, e que cada uma delas se desenvolveu historicamente via um pequeno número de padrões distintos, como por exemplo, construções auxiliares com os sentidos de ‘desejo’, ‘obrigação’, ou ‘movimento para um objetivo’.

Segundo os autores ainda, tudo indica que o uso prototípico de morfemas de futuro serve para assinalar que uma asserção sobre o tempo futuro está sendo feita. Por que predição é um tipo de asserção, morfemas de futuro frequentemente não ocorrem em orações subordinadas, mesmo quando a referência ao tempo futuro é claramente entendida, como nos exemplos: *When I grow up, I want to be a pilot* (Quando eu crescer, eu quero ser um piloto)/ *If he asks for it, I'll give it to him* (Se ele perguntar por isto, eu o darei para ele). (BYBEE *at al.*, 1991, p. 19).

Assim, Bybee *at al.* (1994, p. 274) argumentam que não se encontram morfemas de futuros comumente usados em orações subordinadas com referência temporal futura, tal como as orações hipotéticas *if* e *when*, porque essas orações não fazem asserções sobre o tempo futuro. No banco de dados GRAMCATS, foram encontradas somente duas instâncias de futuro que poderiam ser usadas em prótases hipotéticas, nas línguas *maung* e *kanai*. Certamente, esses futuros são harmônicos com tais contextos, porém, segundo os autores, esses ‘futuros’ não se moveriam até tais envolvimentos não-assertivos, a menos que tivessem perdido muito de sua força original e sentido.

Curiosamente, no português, o FS pode ser considerado um tipo de futuro que aparece nas orações subordinadas, onde supostamente não se faz asserções, mostrando a singularidade dessas construções portuguesas. A partir do

exposto, dois questionamentos podem ser feitos: (i) se a oração subordinada com FS em português realmente não faz nenhuma asserção propriamente dita; e (ii) se o FS em português marca de fato alguma projeção de futuro, ou se essa projeção já é assinalada pelo contexto semântico-sintático em que esta forma verbal está inserida. Pretendemos discutir essas questões ao longo da dissertação.

2.2.7.2 Futuro, subjuntivo e *irrealis*

Existem claras interações entre tempo e modalidade, e um candidato preferencial para essa conexão é o futuro.

Segundo Fleischman (1982, p. 131), parece haver conexões lógicas e universais entre a ideia de futuro e o grupo de modalidades *irrealis* associado a ela. Se uma língua tiver uma expressão de futuro, a temporalidade e a modalidade estarão co-presentes.

A ligação conceitual entre futuridade e o *spectrum* de modalidades *irrealis* parece óbvia para Fleischman (1982, p. 133), pois *aquilo que ainda está para ocorrer é um fato desconhecido e incerto, portanto irrealis; eventos futuros existem na forma de predições, intenções, vontades, desejos, obrigações e coisas parecidas*. Sendo assim, eles constituem uma projeção hipotética advinda do conhecimento experiencial do homem.

As principais origens do futuro são um grupo de modalidades não-factuais: obrigação, volição e intenção, que são frequentemente os usos principais do modo subjuntivo.

O subjuntivo é, em muitas línguas, o modo generalizado do não-fato ou da subjetividade. Dessa forma, a conexão universal entre posteridade e subjuntivo tem sido largamente reconhecida, mas ainda há muito a dizer sobre esse assunto, conforme a autora.

Entre as várias estratégias gramaticais usadas pelas línguas do mundo para expressar subjetividade ou modalidades não-factuais, a categoria do subjuntivo é de longe a mais conhecida, sendo comumente associada às noções de possibilidade, probabilidade, dúvida, inferências, suposição (modalidades epistêmicas), obrigação, necessidade, intenção e desejo (modalidades deônticas).

Em resumo, muitas das funções do subjuntivo se reúnem sob o rótulo geral do ‘eventual’, quando há então a sobreposição com a ideia de futuro.

As duas categorias (subjuntivo e futuro) são de larga extensão ‘mutuamente inclusivas’. *Enquanto um grupo de pesquisadores tem argumentado que os subjuntivos tendem a evoluir vindo de formas velhas de tempo futuro, outros alegam que o futuro surge de antigos subjuntivos*, diz Fleischman (1982, p. 133).

Nas línguas românicas atuais, o subjuntivo é altamente usado com certas conjunções que projetam a ação adiante, por outro lado, o futuro frequentemente aparece em orações com verbos expressando modalidades epistêmicas. A autora acredita que, devido à sobreposição dessas duas categorias, não é surpreendente que tão poucas línguas disponham de um paradigma explícito de futuro e subjuntivo.

Desse modo, parece que, para melhor entendermos o uso de formas de futuro e de formas de subjuntivo nas línguas, é interessante observarmos a estreita correlação entre futuro, subjuntivo e *irrealis*.

Por exemplo, em seu trabalho de dissertação, Pimpão (1999) constatou que o traço de futuridade foi o principal fator condicionante para o uso das formas de presente de subjuntivo em detrimento das de presente do indicativo, em contextos em que ambas poderiam ser tidas como variantes, numa perspectiva sociolinguística.

2.2.8 Os contextos com FS: sobreposição de tempo, modo e modalidade no domínio *irrealis*

Vimos que há grande sobreposição entre os sentidos expressos por futuros e por subjuntivos em contextos *irrealis*, o que talvez justifique o fato de poucas línguas terem um paradigma explícito de futuro de subjuntivo, como é o caso do português, conforme sugere Fleischman (1982).

Poderíamos então pensar que a morfologia verbal de FS consiste apenas em uma forma redundante (ou enfática) de expressar futuro e *irrealis* teoricamente já expressos por outros operadores *irrealis* no contexto, como *se*,

quando, ou pelo próprio verbo da oração principal no tempo futuro do indicativo?

Parece oportuno destacarmos, neste momento, uma afirmação de Palmer (1986, p. 26), segundo a qual, a maneira mais simples de considerar a modalidade em uma frase complexa consiste em interpretá-la de acordo com classes lexicais, em função do verbo da oração principal, admitindo que há mais possibilidades lexicais do que os tipos de modalidade pré-definidos. Essa variedade das formas dispensaria a oração subordinada de exprimir modalidade. *There are so many lexical items can express modality is that since modality is so clearly expressed in the lexical item it may not also be expressed in the subordinate clause (op cit).*

Assim, o subjuntivo seria, então, dentro dessa perspectiva de Palmer, um pouco mais do que um marcador generalizado de modalidade, não acrescentando nenhum sentido adicional à proposição?

Percebemos que tratar do significado gramatical da forma de FS em si é um tanto complicado. Concordamos com Bybee (1998) quanto à afirmação de que uma forma gramatical relacionada ao *irrealis* pode receber o significado da construção em que ocorre.

Acreditamos que, no estudo sobre o domínio funcional das construções com FS, é preciso analisar cuidadosamente cada contexto comunicativo, buscando motivações semântico-pragmáticas para cada uso.

Ressaltamos ainda a dificuldade de categorização desses contextos, pois se trata de situações comunicativas no domínio do *irrealis*, sob forte influência de modalidades multiproposicionais.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, será descrita a metodologia utilizada para a análise e descrição dos dados, apresentada nas seções: amostra dos dados e procedimento de análise.

3.1 AMOSTRA DOS DADOS

Os dados de análise foram extraídos de entrevistas com informantes de Florianópolis do Banco de dados do Projeto Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil). Esse banco é composto de amostras de fala de informantes das principais áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, coletadas na década de 1990. Oficialmente há 288 entrevistas (de cerca de 1 hora cada), compostas por discurso semidirigido, em que o informante tem toda liberdade para contar fatos quaisquer, geralmente sobre a sua vida. A coleta e a organização dos dados foram realizadas conforme a metodologia sociolinguística laboviana. Os informantes estão agrupados por faixa etária (faixa A, de 25 a 49 anos; faixa B, de 50 a 75 anos; adicionalmente, em Florianópolis, há a faixa C, de 14 a 24 anos), escolaridade (até quatro anos, de cinco a oito e de nove a onze anos de escolarização), sexo e localização (cidade e estado).

Em função da liberdade dada ao informante para que conte coisas quaisquer sobre sua vida, durante a conversa, boa parte dos trechos das entrevistas do Banco Varsul configuram-se como *narrativas episódicas*, no sentido em que o termo foi utilizado por Freitag (2007) em sua pesquisa com as entrevistas do Banco Varsul. A autora, com base em Labov (2006), Van Dijk (2003) e Görski (2004), definiu a narrativa-episódica como *uma unidade semântico-discursiva, com delimitação espaço-temporal, formada por um conjunto de eventos causalmente relacionados delimitados por um tópico*. (FREITAG, 2007, p. 107).

Para esta pesquisa, analisamos 28 entrevistas, de 29 informantes (não houve ocorrência de FS em uma entrevista, a 24) de Florianópolis.

FAIXA ETÁRIA		
Faixa C	Faixa A	Faixa B
14 - 24 anos	25 - 49 anos	Mais de 50 anos
<i>10 informantes</i>	<i>09 informantes</i>	<i>09 informantes</i>
5F e 5M	5 F e 4M	5 M e 4F

Quadro 7. Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis (VARSUL), utilizada na pesquisa

3.2 O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Os grupos de fatores investigados na análise foram levantados com base no objetivo central desta pesquisa, que é o de descrever e analisar os contextos de uso do FS em português, de forma a verificar se a hipótese inicial do trabalho sobre o comportamento do FS se firmar (ou não) positivamente. Os grupos foram organizados tentando-se manter uma hierarquia: primeiro os de caráter discursivo mais amplo; depois os relacionados ao escopo proposicional; por fim os associados ao verbo. Sendo assim, pretendemos:

1. Examinar os contextos discursivos em que aparecem as orações com FS, (i) caracterizando-os como basicamente de opinião, exposição, ou de desejo; (ii) identificando as expressões Linguísticas subjetivas, principalmente as que marcam o discurso sob o domínio do *irrealis*; (iii) observando em qual gradação o *irrealis* se manifesta no contexto, de modo a verificar se este é mesmo o domínio semântico-pragmático do FS; e (iv) investigando a presença de marcas temporais. Para realização destes objetivos, serão testados os grupos de fatores (01), (02), (03) e (04).
2. Descrever todas as construções sintáticas em que o FS aparece como verbo da oração subordinada, analisando fatores mais

semântico-pragmáticos como a expressão da modalidade e da temporalidade nessas proposições; e fatores mais estruturais, como a ordem em que aparecem as orações subordinadas e principais nos períodos, e a configuração modo-temporal das formas verbais do período. Para atender a este objetivo, serão testados os grupos de fatores (05), (06), (07), (08), (09) e (10).

3. Investigar o papel do verbo no FS, sua caracterização semântica, sua atuação como verbo principal ou auxiliar, sua morfologia regular ou irregular e se o próprio significado do item lexical pode estar favorecendo o seu uso no FS. Para a concretização deste objetivo, serão analisados os grupos de fatores (11), (12), (13) e (14).

Por fim, tencionamos verificar se procede a seguinte hipótese inicial da pesquisa, assim desdobrada, de que:

- (i) as orações com FS ocorrem quase sempre em contextos do domínio *irrealis*, compostos por várias expressões que marcam a modalidade *irrealis*, principalmente em discursos argumentativos, de opinião, sob atuação de julgamentos epistêmicos;
- (ii) o FS apareça principalmente nas orações adverbiais condicionais de maneira anteposta à oração principal, e marcando mais sentidos relacionados à modalidade proposicional epistêmica, como de probabilidade, crença de um evento ocorrer, por exemplo, do que propriamente os sentidos de futuro, como intenção e predição;
- (iii) os verbos mais frequentes no FS sejam os transitivos menos prototípicos³⁹, e principalmente os de estado e de

³⁹ Essa denominação está baseada em Givón (2001, p. 128), e refere-se a verbos que se diferenciam do protótipo semântico de evento transitivo, porém assumem a estrutura sintática das orações transitivas. É o caso, por exemplo, dos verbos *dative-subject* (em que os sujeitos são participantes conscientes no evento sem qualquer intenção ou iniciativa de iniciá-lo); e dos verbos de posse (a posse é mais um estado do que um evento, sem um agente ou paciente típico).

modalidade; com morfologia irregular, principalmente os verbos na forma *for*, com o sentido de ‘ser’ (um verbo de estado e quantificação epistêmica), e na forma *quiser* (um verbo de atitude modal de volição), em virtude do próprio sentido lexical desses itens; e ainda que o FS apareça frequentemente como verbo auxiliar.

Descrevemos, a seguir, cada um dos grupos de fatores.

1) Caracterização do discurso no contexto comunicativo maior em que se encontra a construção com FS

Primeiramente, antes de analisarmos as construções sintáticas com o FS, examinaremos o contexto comunicativo mais amplo em que cada construção aparece. Para tanto, tencionamos levantar características discursivas que predominam nesses contextos, por exemplo, se prevalece um discurso mais argumentativo, em que o informante expressa sua opinião, ou um discurso mais descritivo, em que o informante apenas expõe um fato ou descreve algo, ou ainda se predomina um discurso mais emotivo, marcado pelo desejo, anseios, intenção do informante.

A intuição subjacente a essa análise é a de que, como o FS está preso a certas construções sintáticas subordinadas, e estas, por sua vez, tendem a surgir em certos contextos discursivos que se repetem, marcados por sentidos modais, e que se organizam de maneira parecida (por exemplo, de forma a construir uma argumentação), então, o FS também vai aparecer somente, ou mais frequentemente, em determinados contextos discursivos.

Não distante disso, por exemplo, situa-se o trabalho de Gryner (1990), em que a autora observou a influência do discurso argumentativo no favorecimento de construções condicionais com FS, uma vez que estas seriam estratégias de argumentação. Também Neves (1999, p. 539) afirma que qualquer bloco hipotético, por exprimir uma relação entre uma condição que se hipotetiza e um estado de coisas que depende de que a condição (hipotetizada) seja satisfeita, constitui-se numa *construção que se presta muito eficientemente para apoio de argumentação*.

Como, segundo descrições gramaticais, a grande maioria das construções com FS é de adverbiais condicionais e temporais, sendo que ambas funcionam como um bloco hipotético no discurso, o exame minucioso das características do contexto discursivo parece muito relevante.

Dessa forma, após um levantamento dos dados, percebemos que podemos caracterizar três contextos discursivos em que as orações com FS parecem surgir, assim identificados: A, B, e C. A definição desses ‘tipos’ foi construída de forma empírica, sem maiores pretensões de discutir gêneros do discurso e o papel deles na escolha das formas linguísticas no texto.

Os contextos foram assim caracterizados:

- **Contexto discursivo A:** marcado pela expressão de uma opinião do falante, que argumenta, defende uma ideia, uma crença, um pensamento, com maior ou menor convicção e certeza. Apresenta-se como uma sequência textual/discursiva predominantemente argumentativa. Geralmente, o falante parece tentar convencer o outro de que o seu ponto de vista é o melhor.
- **Contexto discursivo B:** marcado pela simples exposição de algo, por exemplo, o falante descreve o funcionamento de um objeto, explica uma situação ou uma coisa qualquer no mundo, ou então narra, conta um fato, situado num espaço e tempo definidos. Predominam nesse contexto asserções factuais. Pode apresentar-se como uma sequência textual mais descritiva, ou mais narrativa, em que, no geral, o falante observa, descreve, conta fatos do mundo ao seu redor. Quando houver um discurso predominantemente de narrativa, o contexto discursivo será assim especificado: contexto discursivo B (narração).
- **Contexto discursivo C:** marcado fortemente pela expressão de sentimentos do falante, que exprime um desejo, uma preferência, uma vontade (sentidos relacionados à volição), uma intenção, um plano futuro, ou, ainda, onde o falante expõe uma necessidade, uma obrigação, um anseio. É um contexto discursivo em que predomina a função emotiva da linguagem, onde o falante descreve, expõe seus anseios, seus sentimentos,

suas preocupações, geralmente evidenciando uma certa ansiedade dele.

Ilustramos, abaixo, os contextos, a partir de dois exemplos cada.

[Contexto discurso A]

(22) ENT: E dos teus filhos assim, o que é que tu pensas?

Eu queria que eles estudassem sempre, né? Porque a gente já tem pouca liberdade pra fazer o que quer. O negro, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. **[Se ele não TIVER, ele é sempre marginalizado, né?]** Mas a raça negra é marginalizada. **[Se ele não TIVER o seu estudo, ele não consegue nada mesmo, ele não vai conseguir nada,]** já tem pouca liberdade de conseguir alguma coisa. Ele só vai conseguir através do estudo mesmo. Estudar até pra poder fazer um concurso, ter um emprego, né?

(INF 17 L 1089)

[Contexto discurso A]

(23) ENT: E, por exemplo, essas moças que posam nuas nas revistas, por exemplo?

INF: É, isso aí, eu acho que a mulher se desvalorizou muito, pra mim, né? Sou mulher, mas mulher se desvalorizou muito mesmo. A mulher, hoje em dia, elas querem andar de coxa de fora, mostrando tudo. **[Se PUDER se mostrar pra homem ver, FICAR a perna mais bonita, pra ser cantada.]** Que eu acho assim: a mulher se desvalorizou muito. Isso aí eu sou contra.

(INF 16 L 203)

[Contexto discurso B]

(24) ENT: O siri, ele é como é que a gente diz? Ele vai vivo pra panela, né?

INF: Vai vivo.

ENT: É ali que ele morre, né?

INF: Ali que ele morre.

ENT: O peixe já vai morto, né? O peixe já morre na hora que é pego.

INF: Mas o siri é a mesma coisa. A morte do siri é igual o peixe. Conforme os minutos. **[Se ele FICAR fora da água, mesma coisa que nós.]** Mesma coisa, **[se tu ENTRARES dentro de uma piscina, te apagas.]** Depende os minutos. Não precisa cozinhar pra ele morrer, ou o peixe, também.

ENT: Eles morrem antes.

INF: Mesma coisa que nosso ambiente: **[se tu FICARES sem ar, tchau, te apagas.]** Então, mesmo coisa, o siri. Cada um no seu ambiente.

(INF 19 L 263)

[Contexto discurso B]

(25) ENT: E o que tu lembrás dessa época de guri?

INF: Eu lembro muito o meu e a minha mãe, que a minha mãe hoje já é falecida, mas lembro muito, por exemplo, na época, eu era garoto, já crescido, um pouco mais de doze, treze anos, eu lembro que o meu pai trazia pra gente vinte pães, à noite. [...] Então ele trazia vinte pães, trazia um potezinho de mel, um vidrinho, que [*seja lá o que FOR.*] Mas mel puro. (FLN 02 L 752)

[Contexto discursivo C]

(26) ENT: Os teus filhos vão estudar?

INF: Ah, querida, é o que eu estou esperando. Eles são um pouco malandros, [mas eu estou esperando que eles consigam alguma coisa, né? **Enquanto eu FOR vivo.**] (INF 23 L 401)

[Contexto discursivo C]

(27) ENT: A senhora perdeu algum dinheiro?

INF: Eu perdi. É, como ele diz, não está perdido, porque ele diz que devolve daqui um ano e oito meses, né? [**Se DER certo, ainda a gente tem esperança, mas se não DER..**] (INF 15 L 332)

2) Presença de expressões *irrealis* [EI] e de outras predicções subjetivas [PS] no contexto comunicativo

A perspectiva do falante, ou melhor, a sua subjetividade (opiniões, sentimentos, crenças), é codificada na língua por uma variedade de meios, alguns lexicais, outros gramaticais. Entre os últimos, alguns dispositivos – aqueles relacionados com escopo modal – são dispositivos em sintonia com o que conhecemos sobre a distribuição da modalidade na gramática.

Por exemplo, a alta frequência de operadores verbais que espalham escopo modal sobre orações complementos, pode servir como indicação de que tal sistema seja gramaticalizado (para essa função) no inglês, segundo Givón (2002, p. 297). Esse é caso dos ‘verbos de percepção-cognição-declaração’ como em: *Penso que você foi muito precipitado.*

Uma análise prévia sobre o comportamento das construções com FS (adverbiais, adjetivas) no discurso parece apontar que essas também funcionam como dispositivos para o falante expressar sua perspectiva na interação discursiva. Não obstante, além de o falante colocar sua subjetividade em relação aos fatos (ou estados), ele ainda impõe a modalidade *irrealis* no discurso, pois a

sua opinião vem sempre carregada de julgamentos epistêmicos ou avaliativos (deônticos).

Isso fica evidenciado pela natureza das orações com FS, que são sempre subordinadas com conjunções subordinativas – *se, quando, quem*, dentre outras – que geralmente atuam como operadores *irrealis* no discurso, ou seja, projetam escopo não-fato aos termos que as seguem; e pela própria forma verbal de subjuntivo (FS), uma vez que o subjuntivo, não importa o tempo, é tido como o modo verbal que veicula atitudes do falante, como incerteza, dúvida.

Tendo em vista tais considerações, o que propomos com esse grupo de fatores é analisar o contexto discursivo maior e anterior à ocorrência com FS de maneira a identificar a presença de outras expressões que marquem a subjetividade do falante no discurso, isto é, as denominadas por Givón de predicções subjetivas, pois são apenas *internamente, mentalmente, acessíveis* (só o falante pode atestar a veracidade daquilo que está dizendo, sentindo, pensando).

A hipótese inicial é de que os contextos mais marcados com essas expressões (principalmente as *irrealis*) favoreçam o uso das orações com FS, visto que a natureza dessas orações é da mesma afinidade: a de expressar a perspectiva do falante, ou seja, há uma harmonia no contexto⁴⁰.

Sendo assim, esse grupo de fatores se ancora na distinção estabelecida por Givón (2002, p. 262) entre predicções objetivas e subjetivas, conforme descrito a seguir. O autor distingue enunciados que possuem: (i) predicções mais objetivas e externamente acessíveis⁴¹, (ii) predicções subjetivas internamente (mentalmente) acessíveis, e (iii) predicções subjetivas internamente acessíveis que projetam escopo *irrealis* nos termos que as seguem. Resolvemos, ainda, detalhar (iii) em quatro fatores, especificados abaixo, e controlar também (ii), como um quinto fator, visto serem essas construções bastante recorrentes nas entrevistas.

Trata-se, pois, de verificar a presença de expressões *irrealis* no contexto, e se houver, classificar o tipo de cada expressão. Adicionalmente, verificar as predicções subjetivas internamente acessíveis, com vistas a

⁴⁰ Elementos modais se harmonizam, concordam com as 'forças modais' de outros elementos modais no contexto. (Bybee *et al.* 1994)

⁴¹ A acessibilidade externa de um enunciado é relativamente fácil de ser identificada através de um teste, de uma pergunta, segundo Givón (2002, p. 263): *Poderiam outras pessoas presentes na cena, no evento terem acesso direto à informação?*

averiguar que correlações podem ser estabelecidas entre esses fatores e a distribuição realis-irrealis no contexto comunicativo.

Neste trabalho, as expressões *irrealis* foram distribuídas dentro de quatro fatores: A (verbos), B (advérbios), C (itens lexicais em geral) e D (certos tipos de orações). O objetivo de distinguir essas expressões *irrealis* é de possibilitar investigar qual o tipo de expressão é mais presente nos contextos, qual se correlaciona mais fortemente com o surgimento de FS no contexto. De início, acreditamos que os verbos sejam as expressões *irrealis* mais frequentes nos dados.

Dessa forma, os termos *irrealis* da amostra de dados serão analisados como pertencentes a cada um desses seguintes tipos:

- **(EI A) verbos *irrealis***; auxiliares modais, verbos epistêmicos, de modalidade, de manipulação, *P. C. U verbs*, por exemplo, *poder (mais um verbo principal), achar, gostar, sugerir*; e ainda, qualquer verbo no futuro ou no subjuntivo se qualifica como *irrealis*;
- **(EI B) advérbio(s) *irrealis***; advérbios epistêmicos, avaliativos, por exemplo, *talvez, provavelmente, preferencialmente*;
- **(EI C) itens lexicais**: algumas palavras, que por causa do seu significado já remetem a alguma ideia de não-fato, de futuro, de não-real, por exemplo: *futuro, desejo, planos, necessário, desejável*;
- **(EI D) tipo de orações**: certas orações subordinadas, que, devido principalmente à própria conjunção subordinativa (que funciona como um operador *irrealis*) como *se, quando*, instauram um ‘bloco hipotético’, não-fato no discurso.

Para melhor ilustração dessa ideia, apresentamos, como exemplo, um contexto comunicativo em que identificamos vários desses termos *irrealis* (em negrito), marcando assim o domínio da modalidade *irrealis* no discurso.

(28) ENT: Tu **acreditas**⁴² que exista alguma razão **religiosa** para que se **proíba** o aborto?

⁴² O verbo *acreditar* é um verbo de modalidade inerente.

INF: Olha, eu sou uma pessoa que eu só tenho **fé** no meu Deus, e na espiritualidade. Então, **acho**⁴³ que [*tudo que você **TIVER** que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você **deve**⁴⁴ fazer*]. (FLN 16 L 294)

(29) ENT: Tens algum **plano** pro **futuro**⁴⁵?

INF: Parada, [*se*⁴⁶ *Deus me **DER**⁴⁷ vida e saúde, eu não **VOU FICAR**⁴⁸, né?*] **Talvez**⁴⁹ eu **vá fazer**⁵⁰ marmita pra fora de casa, botar uma ajudante, assim, que o meu **sonho**⁵¹ na vida é comprar meu carrinho zerinho. Mas não é assim, que eu **tenho que**⁵² comprar o carro. [*Se **DER**, eu **COMPRO**.*] Mas isso aí eu **sei**⁵³ que Deus **vai** me **ajudar**⁵⁴ e Deus **vai** me **dar** saúde. Até os cinquenta anos eu **acho**⁵⁵ que eu vivo aqui nessa terra.. (FLN 16 L 574)

Como pode ser visto, a análise não se detém ao contexto de fala do informante, mas recai também sobre a fala do entrevistador. O objetivo desse exame mais completo é o de verificar, através da presença de termos *irrealis* na pergunta do entrevistador, se a modalidade já está instaurada a partir da fala do outro, que instala um ‘bloco hipotético’ no discurso, ou se o domínio *irrealis* surge apenas na fala do informante, sem nenhum estímulo.

Além disso, esse exame possibilita compreender melhor a atuação da modalidade na interação comunicativa. Isso pode ser relevante, uma vez que a gramática da modalidade, ou seja, a codificação da modalidade, em termos linguísticos, revela uma forte interação entre a modalidade inerente ao verbo (lexical), a modalidade epistêmica oracional (semântica proposicional) e a perspectiva pragmática entre falante e ouvinte (coerência discursiva), conforme Givón (2002; 2005).

O quinto fator, aquele concernente às predicções subjetivas, recobre principalmente construções com *verbos de cópula* seguidos de predicados

⁴³ O verbo achar funciona com um *P. C. U verb*, projetando *irrealis* em seu complemento.

⁴⁴ O verbo *dever* quase sempre funciona como um auxiliar modal, portanto, um operador *irrealis*.

⁴⁵ O item lexical futuro (assim como sonho) podem enfatizar o *irrealis* no discurso.

⁴⁶ O *se* descarrega um escopo *irrealis* nos termos que o seguem na proposição.

⁴⁷ O verbo no FS parece também projetar escopo *irrealis*.

⁴⁸ Verbos no futuro em geral também projetem escopo *irrealis*.

⁴⁹ Advérbios epistêmicos são sempre operadores *irrealis*.

⁵⁰ Verbo no futuro é sempre *irrealis*.

⁵¹ Item lexical que assinala intenção, volição, ou seja, noções deônticas, portanto, é um operador *irrealis*.

⁵² *Tem que* expressa o sentido modal deôntico de obrigação, marcando assim o *irrealis*.

⁵³ O verbo *saber* é um verbo não-factivo, e por isso projeta sempre escopo *irrealis* no complemento oracional que o segue.

⁵⁴ Mais um verbo no futuro, assim como *vai me dar*. Ambos, então, *irrealis*.

⁵⁵ O verbo *achar* também é um não-factivo.

adjetivos; *verbos de manipulação implicativos* (causar, fazer, ter, forçar, ajudar, deixar persuadir, disponibilizar, instigar); *verbos de percepção, cognição, declaração factivos* (saber, entender, encontrar, ver, lembrar, esquecer, se arrepende, fingir, mentir), *orações intransitivas de construções-sujeito*,⁵⁶ por exemplo, do tipo epistêmica *o que ele fez é incrível* (para mim), ou avaliativa *é legal que você veio* (para mim).

A grande diferença entre essas predicções (cf. ii) e os termos *irrealis* (cf. iii), apontados acima (GIVÓN, 2002, p. 261), é que elas não acarretam escopo não-fato nas expressões que as seguem.

Dessa forma, quando houver essas predicções subjetivas, elas serão descritas como:

- presença de predicções subjetivas [PS]

Por fim, apresentamos, como ilustração, uma entrevista com um informante do Banco Varsul, em que ele narra um pequeno episódio, controlando a perspectiva da sua pequena narrativa. Nesta análise, estão destacadas, em letras maiúsculas, as expressões externamente acessíveis; em itálico, as expressões subjetivas, internamente (mentalmente) acessíveis e, em itálico com negrito, as predicções subjetivas mentais que projetam um escopo *irrealis* nos termos que as seguem. Por fim, entre parênteses e em negrito, estão os termos sob a modalidade *irrealis*, isto é, os que formam proposições não-factuais, não-reais, que repousam na eventualidade, na possibilidade, na intenção, no desejo de um fato acontecer, ou melhor, em atitudes do falante, não sendo possíveis de verificação no mundo real, não-subjetivo.

Nomeamos com (a), (b) e (c) as três cópulas no trecho. Abaixo, podemos ver, então, como elas representam bem a opinião do informante.

(30) ENT: O senhor se *lembra* quando só tinha a ponte Hercílio Luz?

INF: Me *lembro*.

ENT: Era terrível, né?

INF: Me *lembro*. Não, mas naquela época NÃO TINHA quase movimento porque só TINHA essa rua aqui. DESCIA por essa rua aqui e SUBIA por essa rua ali. TINHA menos carro daquela época. Agora não, todo mundo TEM carro, quer dizer, (a) hoje em dia *é* uma necessidade. (b) Não *é* luxo. (c) *É* uma necessidade. Tu VÊS: TENHO quarenta mil, *não sei, se (a mulher quiser comprar um carro ela compra)*, eu não *quero (mais carro)*

⁵⁶ *Intransitive clausal-subjective constructions.*

não, porque eu NÃO PAGO nem passagem.) Eu já PASSEI da idade. Eu vou (comprar carro pra quê)? [INF 6 L 724]

Finalmente, então, ilustraremos o modelo de análise que pretendemos adotar em relação a esse grupo de fatores. Em negrito (preto) e dentro de colchetes estão as construções (oração principal mais subordinada) com FS; em laranja, estão as outras orações *irrealis* no contexto (sem ser as com FS) [EI D]; em vermelho, estão os verbos *irrealis* [EI A]; em verde, advérbios *irrealis* [EI B]; em amarelo, os itens lexicais *irrealis* [EI C]; e entre parênteses azuis estão as predicções subjetivas [PS], visto que, em azul está o verbo que predica, normalmente o verbo *ser*. A maioria dos outros termos que não está em destaque faz parte de asserções *realis*, no contexto comunicativo.

(31) INF: [+EI A], [+PS]. ENT: não

ENT: Comer carne, né?

INF: Na sexta-feira santa, não! Quer dizer [EI A] que, uma coisa que o dever da gente é (ao todo, toda sexta não comer)[PS]. Mas, como é aquele dia comemorando, a gente não tem coragem de fazer, né, de propósito. Eu não tenho coragem. Pra mim não quero [EI A], muito obrigada. [Ele pode liberar quanto ele QUISER, que eu jamais vou fugir.] (L 1050)

(32) INF: [+EI A, B, C, D], [-PS]. ENT: [+EI C, D]

ENT: Quando a senhora se aposentar, quais são os seus planos?[+EI C, D]

INF: [Se eu CHEGAR a me aposentar, talvez [EI C] seja [EI A] pela idade, né, meus planos é ir pra casa], (L 558) porque eu tenho aquela filha e ela vai precisar [EI A] mais de mim em casa, né? Ela precisa [EI A], atualmente ainda não dá, mas [quando DER, meu planos é só ir pra casa, fazer todo o trabalho de casa, e atender mais a filha.] (INF 07 L 563)

É interessante notar, no exemplo (32), que, quanto mais operadores *irrealis* contiver o contexto comunicativo, mais *irrealis* parece se tornar o discurso. Essa ideia está em consonância com a afirmação de Givón (2002) de que o escopo *irrealis* dos termos pode ser aumentado pela presença de mais operadores *irrealis*.⁵⁷

⁵⁷ GIVÓN (2002, p. 267), por exemplo, mostra que em: *How [might she react to the news [of his death?]]*, o escopo *irrealis* do 'how' é aumentado pelo escopo *irrealis* do modal 'might'.

Essa caracterização do contexto em relação à presença desses termos irá favorecer a compreensão do próximo grupo de fatores, que trata da classificação dos contextos comunicativos dentro de um gradiente *realis-irrealis*.

3) Distribuição do gradiente (*i*)rrealis no contexto

No âmbito da análise do contexto mais amplo em que se insere a oração com FS, pretendemos captar o (*i*)rrealis distribuído num gradiente, através deste grupo de fatores.

A justificativa para esse controle baseia-se no pressuposto givoniano de que a ‘categoria’ subjuntivo – a distribuição das formas de subjuntivo – nas línguas é mais bem compreendida dentro de um contexto teórico baseado na modalidade proposicional (submodos deôntico e epistêmico), que englobe a noção do *irrealis*.

Ainda, segundo Fleischman (1982, p. 132), entre as várias estratégias gramaticais usadas pelas línguas do mundo para expressar subjetividade ou modalidades não-factuais (*irrealis*), a categoria do subjuntivo é de longe a mais conhecida, sendo comumente associada às noções de possibilidade, probabilidade, dúvida, inferências, suposição, obrigação, necessidade, intenção e desejo.

Assim, um dos objetivos desta pesquisa é, pois, investigar a possível correlação entre futuro do subjuntivo e contextos *irrealis*.

Dessa forma, examinaremos a interdependência entre subjuntivo e *irrealis*, ou melhor, se realmente os contextos com mais asserções *irrealis* podem favorecer o uso das proposições com FS, ou se estas surgem também frequentemente em outros contextos, por exemplo, com predomínio de asserções *realis*, uma vez que elas, por si só, instauram um bloco hipotético no discurso.

O contexto comunicativo será classificado da seguinte forma, dentro de uma escalaridade que vai do mais *realis* [+R] até o mais *irrealis* [+I]⁵⁸:

- [+R] Contexto comunicativo constituído por asserções *realis*, proposições factuais, muitas vezes, até com presença de verbos

⁵⁸ A proposta é de captar a escalaridade no domínio *irrealis* por meio do levantamento do número de expressões (*i*)rrealis presentes no contexto.

no passado, sendo que a única asserção *irrealis* é aquela com o FS.

- **[R-I]** Contexto comunicativo composto por asserções *realis* e *irrealis* relativamente na mesma proporção;
- **[+I]** Contexto comunicativo com predominância de asserções *irrealis*, em que prevalece o domínio da modalidade não-fato no discurso. Nesse contexto, o escopo *irrealis* dos termos parece ser aumentado ao longo da presença de vários operadores *irrealis* no contexto.

Para ilustrar esta ideia, apresentamos um exemplo para cada tipo descrito. Em negrito estão as expressões *irrealis*; em negrito e dentro de colchetes, as construções com FS; e em itálico, as predicções subjetivas. Observamos que, neste grupo de fatores, ao contrário do anterior, não será analisada a pergunta do entrevistador, pois seria um pouco redundante, uma vez que já serão quantificadas as expressões *irrealis* na fala do entrevistador, no grupo 2.

(33) Contexto [+REALIS]

[+R] Eles vieram pra cá, porque são sem terra, como diz o outro. Só que eles vieram cedo pra cá, né? Vieram na base de quinze, dezesseis anos, aí foram se habituando aqui no mar. É, tem convite pra ir. **[Mas vou, se Deus QUISER.]** (INF 19 L 987)

(34) Contexto [REALIS-IRREALIS]

[R-I] Mas o siri é a mesma coisa. A morte do siri é igual o peixe. Conforme os minutos. **[Se ele FICAR fora da água, mesma coisa que nós.]** Mesma coisa, **[se tu ENTRARES dentro de uma piscina, te apagas.]** (FLN 19 L 254)

(35) Contexto [+IRREALIS]

[+I] Mas assim, a respeito de **sonhos**, assim, eu **espero**, *tudo tem o seu tempo*. Única coisa que, **[quando eu me aposentar, eu me lembro, assim, se der, se Deus achar que eu mereço, né? Porque tem tudo isso aí, né? É o meu carrinho zerinho que eu quero tirar.** (INF 16 L 1078)

4) Presença de marcadores de futuridade e/ou de habitualidade no contexto

O propósito deste grupo de fatores é de examinar se há expressão de futuridade e de habitualidade no contexto discursivo.

Primeiramente, a ideia de futuro será identificada através da presença de marcadores de futuro. Na verdade, expressões que marcam futuro também são termos *irrealis*, no entanto, serão observadas à parte, com maior destaque, porque elas podem contribuir para o sentido de marcação temporal na expressão das construções com FS.

Em outras palavras, se houver um contexto com projeção futura bem marcada, a proposição com FS pode contribuir para a expressão de temporalidade. Todavia, se não for o caso, os sentidos da oração com FS podem ser mais de expressar nuances de modalidade (não muito diferente do presente do subjuntivo).

Com esta denominação ‘marcadores de futuro’, estamos compreendendo: verbos no futuro do presente do indicativo (formas perifrásticas ou não), certos advérbios e locuções adverbiais de tempo, e itens lexicais no geral (verbos, nomes) que transmitam futuridade. Por exemplo: *amanhã, ano que vem, um dia, logo, em breve, sonhos, planos, futuro, pretender, planejar*, entre outros.

O contexto (36) e (37) expressam claramente projeção futura, e os verbos no FS parecem se amalgamar nessa ideia de futuridade. É interessante observar, também, a forte presença de termos *irrealis* no contexto, o que mostra a estreita relação semântica entre futuro e expressões *irrealis* em geral.

(36) ENT: Se tu fosses assim responsável pela reforma, pela manutenção da ponte, mas e tu não tivesses recurso financeiro. O que tu **farias**?

INF: Porque o negócio da ponte **vai ser** o seguinte: [se ela **CAIR**, **vai** gastar dinheiro, tá?] [Se ela **CAIR** nós **vamos gastar** dinheiro porque **vai cair** no meio dali e dali **vai** é capaz de tá. [E se ela **FICAR**, pra mim fazer **vou ter que gastar** dinheiro também.) O que eu **poderia fazer** era **pedir** emprestado pra outros governos, né? (INF JOV 27)

(37) ENT: Tens algum plano pro **futuro**?

INF: Parada, [se Deus me **DER** vida e saúde, eu não **VOU FICAR**, né?]
Talvez eu **vá fazer** marmitta pra fora de casa, botar uma ajudante, assim, que o meu **sonho** na vida é comprar meu carrinho zerinho. (INF 16 L 574)

Já, a ideia de habitualidade será investigada por meio da presença de termos que marquem o tempo/aspecto habitual, como, por exemplo, advérbios, locuções adverbiais de frequência, entre termos lexicais em geral, como *sempre, toda vez, frequentemente, normalmente, geralmente, quase sempre que, usualmente, comumente, costume, cotidiano, normal*.

Conforme Givón (2001, p. 286), o tempo/aspecto habitual marca um evento (ou estado) que ocorre sempre ou repetidamente, ou evento no qual seu tempo não é especificado. O *status* modal do habitual é um pouco obscuro, pois apesar de a maioria das orações habituais serem fortemente afirmadas como *realis* (são orações notadamente asseridas como verdadeiras), o traço mais importante das asserções *realis* – o fato de que elas pertencem a eventos específicos que ocorrem num tempo específico – é um traço ausente nas asserções habituais.

Em função dessa falta de especificidade temporal, podemos afirmar que há uma relação entre habitualidade e atemporalidade, esta última, entendida não como algo ‘além/fora do tempo’, mas como a expressão de eventos/situações que podem ocorrer em qualquer época, em todo momento, em um ‘tempo genérico’, como descreve Gryner (1990, p. 237).

Em outras palavras, a presença de expressões que marcam um evento como habitual é um fator importante para identificar o traço de atemporalidade no contexto, apesar de não ser o único – por exemplo, outras expressões tidas como ‘verdades eternas’ ou ‘princípios gerais’, como em: *Dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço/Se chover muito o rio pode transbordar/Se atingir 100° C a água evapora*, também marcam o enunciado com atemporal – ele é o muito recorrente.

Essa noção de atemporalidade pode ser também transferida, assumida pelas construções com FS que surgem nesses contextos habituais, por isso a investigação é pertinente. Um olhar prévio sobre os dados revelou que o traço de habitualidade parece ser relativamente frequente nas ocorrências.

Talvez, isso se deva ao fato de que muitas orações adverbiais estão em harmonia com a ideia de habitual/atemporal, como em: *Não adianta você ensinar pra criança o ‘bê-a-bá’, (sempre que)se não der a ele educação* (INF 6 L 1229). Isso pode ser verificado pela substituição do termo *sempre que* no lugar do *se*.

É interessante ainda observar que esses contextos atemporais, por não definirem um tempo para o evento, entram no mundo do não-fato, de uma

maneira menos *irrealis* do que os com projeção futura. Como afirma Pimpão (1999, p. 72), *o traço de atemporalidade configura uma associação mais alargada com a modalidade irrealis, por situar-se na fronteira realis-irrealis.*

Por fim, segue um contexto desse tipo:

(38) Em falta da minha senhora, eu ainda mexo os pratinhos. [*Faço* um bife, *faço* um picadinho, *faço* um bife à role, *faço* um purê, se **FOR** preciso, uma batata frita, o arroz.] O **cotidiano**, **sempre** aquele: arroz, feijão, macarrão, isso aí é **normal**, eu acho que qualquer pessoa sabe fazer. Inclusive, [**se FOR** preciso fazer uma panquecazinha, também a gente *faz*.] (FLN 02 L 179)

Dessa forma, o contexto comunicativo será classificado como:

- [+FUT]: presença de marcadores de futuro;
- [+HAB]: presença de marcadores de habitual;
- [+FUT] [+HAB]: presenças de marcadores de futuro e habitual;
- [-FUT] [-HAB]: ausência desses marcadores

4) Modalidade

Pretendemos, com este grupo de fatores, discutir a atuação da modalidade *irrealis* (submodo deôntico ou submodo epistêmico) presente nas proposições com FS, posto que o funcionamento da modalidade nesses contextos parece estar em fina sintonia com a função comunicativa das orações subordinadas com FS.

Como um dos principais objetivos da pesquisa é investigar a função comunicativa das orações com FS, e assim, discutir o valor do FS, a análise do papel da modalidade nessas orações é fundamental para este estudo. Até porque suspeitamos que as funções do FS estejam mais relacionadas com a marcação de sentidos semântico-pragmáticos de modalidade do que de tempo futuro.

Para tanto, pretendemos identificar qual seria a modalidade proposicional mais frequente no uso do FS, e investigar como a modalidade atua, de maneira a favorecer a codificação da oração com FS pelo falante.

A seguir, apresentamos exemplos de construções com FS sob as modalidades deontica e epistêmica.

(39) **DEONTICA.** "Nos primeiros, ou primeiro e segundo vencimento que tu **RECEBERES** do teu ordenado, você vai me pagar essa dívida." (INF 23 L 139)

(40) **EPISTÊMICA.** Ele pode ser um bom professor, um bom matemático, um bom pai de família, mas [se ele não **TIVER** educação, ele **ESTÁ** perdido.] (INF 13 L 1231)

Além de classificar os dados em modalidade deontica ou epistêmica, dividiremos a modalidade deontica em dois grupos: modalidade orientada ao agente e modalidade orientada ao falante.

5) Classificação da oração subordinada

- Condicional: *se* (ou similar);
- Temporal: *quando* (ou similar);
- Relativa: *quem, onde* (ou similar);
- Outra oração subordinada.

O propósito do controle desse grupo de fatores é de retratar como o FS está atrelado a certas orações subordinadas e, dessa forma, averiguar quais itens subordinantes, as ditas conjunções subordinativas, que podem estar favorecendo mais, estar 'engatilhando' a forma de FS.

O levantamento dos dados sobre quais são as construções subordinadas com FS e qual a frequência em que o FS aparece nelas é fundamental para a proposta desta pesquisa, que é de investigação dos contextos mais usuais com FS, com o intuito de apontar qual a construção subordinada mais prototípica deste tempo/modo verbal.

Conforme algumas descrições sobre as condicionais do português, como as da linha adotada por Neves (1999; 2000) e por Gryner (1990), e segundo as próprias descrições gramaticais, parecem ser as condicionais os contextos mais típicos de FS no português. Entretanto, uma quantificação mais detalhada sobre isso parece interessante, até para ser possível diferenciar o comportamento do FS nas condicionais e em outros contextos de subordinação.

Apresentamos um exemplo de cada caso:

(41) **CONDICIONAL.** É, porque **se** você quiser ir, vai ao centro. (FLN 11 L 1191)

(42) **TEMPORAL.** Não, eu pretendo assim, **quando** me APOSENTAR, viajar um pouco, não tem? (FLN 16 1120)

(43) **ADJETIVA.** **Quem** PERDER vai ficando com oito. (FLN 10 L 765)

6) Marcação temporal no período

Com esse grupo de fatores, buscamos analisar a relação das construções com FS na marcação de temporalidade e, assim, investigar se o FS expressa noções temporais, além das nuances de modalidade, como, por exemplo, possibilidade, probabilidade de um evento ocorrer. Como, na verdade, as noções semânticas de futuro e de modalidade muitas vezes se sobrepõem, e por inferência uma ideia pode levar a outra, é muito difícil categorizar uma forma gramatical como marcadora de futuro, ou de modalidade. Por exemplo, uma construção como *Quando eu tiver dinheiro, eu compro uma casa* expressa a possibilidade de um evento ‘comprar uma casa’ ocorrer, caso uma condição ‘ter dinheiro’, se satisfaça. Nesse caso, a oração principal expressa uma asserção: ‘eu compro uma casa’ e, por inferência, podemos interpretar que o falante gostaria, pretende, tem *intenção* de comprar uma casa, ou seja, significados de futuro.

De acordo com Bybee (1985, p. 156), os marcadores de futuro são frequentemente usados em funções atemporais, especialmente funções associadas com modo e modalidade. É possível encontrar, em muitas línguas, marcadores de futuro que primariamente tinham função de expressar modo. Exemplos de marcadores com função de modo e futuro incluem marcadores de possibilidade e probabilidade, marcadores de intenção, desejo e volição.

Para muitos autores, é difícil que uma forma verbal específica de oração subordinada, por exemplo, o subjuntivo nas línguas românicas, expresse alguma asserção. Como as ideias de futuro quase sempre tratam de asserções, é complicado falar em formas gramaticais de futuro que pertençam a orações subordinadas.

Na verdade, uma vez que o subjuntivo é usualmente o marcador de certos tipos de subordinação, é muito difícil dizer o que o subjuntivo significa

numa dada língua. Os subjuntivos são sempre concomitantes a construções particulares, ou seja, eles ocorrem nos complementos de certos verbos principais ou depois de certas conjunções, e possuem um sentido geral tal como “não-asserção”, tomando mais especificamente o sentido do contexto onde eles ocorrem.

Esse parece ser o caso do FS no português. Dependendo dos significados presentes no contexto em que as orações com FS surgem, estas adquirem mais um valor temporal (com ideia de futuro), ou atemporal (geralmente com ideia de generalização). Nessa direção, GRYNER (1990, p. 168) afirma que *a função semântico-pragmática do FS é caracterizada como associada ao conteúdo não-factual, não-realizado, não conhecido, hipotético, eventual, da contingência, da possibilidade e da dúvida.*

Diremos que, quando o FS está em orações adverbiais condicionais e temporais, o período parece adquirir mais esses valores: temporal ou atemporal; porém em relativas com FS, não é possível identificar nenhum desses traços, talvez pela natureza ‘adjetiva’ dessas orações subordinadas. Dessa forma, quando houver uma oração adjetiva, esta será classificada apenas como *adjetiva atemporal*.

Em se tratando de construções adverbiais com FS, é notável que elas marcam um ‘bloco hipotético’ no discurso, elas situam a asserção em um ‘mundo hipotético’. Neves (1999) parece compartilhar dessa ideia também.

Entretanto, há uma diferença nessas construções. Enquanto algumas marcam um dado momento temporal, uma condição particular para um evento ocorrer, outras expressam uma condição mais genérica para uma situação ocorrer, isto é, esse evento pode ocorrer a qualquer momento em que uma condição se satisfaça.

No primeiro caso, diremos que essas construções são temporais, pois marcam um momento específico em que um dado fato pode ocorrer, isto é, expressam um evento que ocorrerá quando uma condição *X* se satisfizer, em um certo mundo possível, numa situação hipotética delimitada. Geralmente, nessas construções podem ser inseridas as expressões *algum dia*, *caso*, mas nunca a expressão *sempre que*.

No segundo caso, chamaremos essas construções de atemporais. Elas expressam que um evento ocorrerá sempre que uma condição *X* se satisfizer, em qualquer mundo possível que tal condição *X* aconteça. Geralmente, essas atemporais transmitem uma ideia de habitualidade de um fato, ou uma ideia

genérica, uma opinião amplamente aceita, uma verdade quase absoluta. Nesse tipo de construção, a expressão *sempre que, toda vez que*, pode ser sempre inserida na construção no lugar da conjunção subordinativa, muitas vezes a conjunção *quando* também.⁵⁹

Para clarificar esses conceitos, apresentaremos um exemplo de cada caso.

(44) [ATEMPORAL] Aí ele disse: “Então, tá. [Toda oportunidade que (*sempre que*) tu TIVERES de me mostrar, tu me mostras. ”] INF 20 L 153)

(45) [ATEMPORAL] [Faço um bife, faço um picadinho, faço um bife à role, faço um purê, se (*sempre que*) FOR preciso, uma batata frita, o arroz.] (FLN 02 L 179)

(46) [TEMPORAL] É, [se (*algum dia*) TIVER tudo bem, né? não posso fazer nada,] mas prefiro ter filho, né? (INF 6 JOV)

(47) [TEMPORAL] “O que que tu vais fazer?” Eu digo: “Olha, [se (*caso*) ACONTECER qualquer coisa, tu pedes pra ligar, eu estou lá na clínica, está aqui o numero do telefone. ”] (INF 23 L 1200)

Dessa maneira, as construções analisadas serão enquadradas, então, como:

- temporais;
- atemporais;
- adjetivas atemporais;
- outras.

O item 'outras' está aí para o caso de aparecer outra oração subordinada que não sejam essas, nos dados.

⁵⁹ Essa noção de atemporalidade também é utilizada por Gryner (1990, p. 237), para se referir a certas condicionais que expressam uma espécie de generalização amplamente aceita, funcionando quase como uma verdade perene, que não tem um caráter temporal/transitório, pois são tidas como certas. No caso, a autora usa o termo *intemporalidade*, ao invés de *atemporalidade*.

7) Ordem das orações no período

- primeiro, a oração principal; depois, a subordinada;
- primeiro, a oração subordinada; depois, a principal.

A ordem das orações no período será examinada para que possamos melhor compreender a configuração dessas construções: se a oração subordinada com FS tende a vir mais na antecedente ou na consequente, se há alguma correlação da ordem das orações com o tipo de subordinação, e se a ordem tem a ver com a própria relação lógico-semântica entre as orações.

Podemos assim testar a hipótese de que as orações subordinadas adverbiais vêm quase sempre em primeiro lugar no período, uma vez que expressam uma condição, uma situação temporal para que um evento, uma situação posterior expressa pela oração principal ocorra. Dessa maneira, há uma relação lógica de condição-consequência entre as orações, sem falar que ambas as conjunções *se* e *quando* são operadores *irrealis* no discurso, pois inserem a proposição em um mundo hipotético, num tempo não definido e não real. Quando esses operadores vêm na oração posposta, parece que essas orações adquirem uma função adicional de ressalva, polidez. Por exemplo, há uma sutil diferença entre as construções: *Se você quiser nós vamos ao cinema sábado*, e *Nós vamos ao cinema sábado, se você quiser*. Parece que a segunda construção é mais polida, enquanto a primeira parece ser mais imperativa.

Já, ao se tratar das adjetivas, parece que a ordem na qual a subordinada com FS vem antes da principal é relativamente frequente. A explicação para isso talvez esteja nas relações semânticas entre os termos das construções relativas, que parecem diferentes das relações entre as orações num período de subordinação adverbial.

Sendo assim, citamos abaixo um exemplo da oração subordinada, depois principal [O. S => O. P], e dois casos da ordem oração principal, depois subordinada [O. P => O. S], sendo que, no exemplo (50), podemos perceber que a oração condicional parece expressar, adicionalmente, uma função de ressalva e polidez.

(48) Ela pode estudar **onde que** ela **QUISER**. (INF 09 L 375)

(49) **Se FIZER**, eu **como** até, como diz o pobre, empanzinado. (INF 02 L 201)

(50) O Estreito não está mais com prédios mais altos porque eles não deixaram fazer, agora pode fazer até cinco, seis, sete, oito andares, **se QUISER**. Mas antigamente não podia fazer não. (INF 16 297)

09) Tempo/modo do verbo da oração principal

Buscamos, com o controle deste grupo de fatores, verificar quais os tempos verbais mais frequentes nas orações principais que compõem os períodos em que se encontram as orações com FS. Na quantificação geral dos dados, será muito significativo examinarmos quais as configurações modo/temporais mais típicas das construções sintáticas com FS, até para, futuramente, fazermos comparações com outras pesquisas afins, que descreveram a estrutura dessas construções, como os trabalhos de Neves (1999; 2000), ou ainda Gibbon (2000): esta última observou o uso do *futuro do presente* na oração principal em construções em que havia FS na subordinada, e também com as próprias descrições gramaticais tradicionais.

Podemos afirmar que o fato de o verbo da oração principal estar no *futuro do presente do indicativo* será relevante para constataremos se o período expressa ideia de futuridade.

As formas verbais encontradas serão assim denominadas:

- verbo no futuro do presente do indicativo⁶⁰ (FI);
- verbo no presente do indicativo (PI);
- verbo no imperativo (IMP);
- verbo no infinitivo (INF)
- verbo no presente do subjuntivo (PS);
- outro.

(51) Se tu me **ofereceres** um churrasco, jamais eu **VOU DEIXAR** o churrasco em troca 'duma' mesa. (INF 16 L323)

(52) Aí eu disse pra velha: “E olha, marinho, já sabe, marinho, em cada porto que chegar quer uma mulher. Comigo, **se ela quiser É assim**.” (INF 06 L 617)

⁶⁰ Nesse caso, estamos nos referindo também às formas perifrásticas de FI, formadas pelo verbo *ir* no presente mais outro verbo no infinitivo, uma vez que as outras não são frequentes na língua oral.

(53) Se o teu filho **brigar** com outra criança tu não **PULES**. (INF 16 L1310)

(54) Porque todo governo nunca olhou pela classe média. Você já viu [**se eu for candidato a vereador, CHEGAR lá?**] É difícil. (INF 02 L 276)

(55) É, lembranças. E a Ana Paula, [**se tu quiseres que eu FALE sobre a Ana Paula?**] (INF 11 L 437)

10) Perfil semântico do verbo da oração principal

Procuramos, neste grupo de fatores, diferenciar os verbos que aparecem na oração principal, com base na hipótese de que predominarão, nesse contexto, verbos que se distanciam do protótipo de verbo comum – altamente transitivo, do ponto de vista sintático-semântico, por expressar uma ação e possuir um agente e um paciente –, ou seja, de que serão mais frequentes os verbos de modalidade e de estado, ou outros de baixa transitividade. A justificativa para tal hipótese se ancora no fato de que, como esses períodos se encontram sob domínio das modalidades deôntica ou epistêmica, o contexto deve se harmonizar semanticamente, em termos de modalização, de modo que verbos que representem ações prototípicas e que projetam modalidade *realis* sobre seus complementos serão pouco frequentes.

Esta hipótese foi inspirada no trabalho de Poplack (1992)⁶¹, que constatou ser o uso do subjuntivo em orações subordinadas (em detrimento do indicativo) favorecido quando os verbos da oração principal são volitivos (principalmente), emotivos e de opinião.

O critério utilizado para realizar esta diferenciação se inspira na proposta de Givón (2001, p. 118-161) sobre as classes de verbos associadas à modalidade⁶². Para o autor, os verbos que projetam escopo *irrealis* em seus complementos são sempre os verbos marcados na língua (portanto os menos frequentes). Por outro lado, a grande maioria dos verbos são transitivos típicos que projetam sempre escopo *realis*; de maneira geral, eles são identificados por

⁶¹ Nesse estudo, a autora analisa o uso do subjuntivo no francês do Canadá, observando a variação de formas de indicativo em que contextos que antes eram de domínio do subjuntivo, utilizando-se da abordagem da sociolinguística variacionista.

⁶² Givón apresenta sua proposta priorizando as construções com complementos oracionais. Como nesta pesquisa não há nenhuma restrição sobre o tipo sintático do verbo da oração principal, adaptaremos a classificação do autor aos objetivos desta dissertação.

envolverem um evento terminado ou em rápida mudança num tempo real, e por possuírem (i) um agente ativo, intencional, deliberado; (ii) um paciente concreto que é afetado, que sofre algum tipo de mudança. Pretendemos, pois, averiguar se os verbos da oração principal projetam (inerentemente) escopo *irrealis* ou *realis*, independente do tempo/modo verbal no qual estejam conjugados. A hipótese subjacente, como já foi dito, é de que haverá mais verbos que apresentem algum matiz de *irrealis*.

Sendo assim, com a ideia de *continuum* em mente, vamos estabelecer cinco tipos de verbos, assim identificados neste trabalho: *verbo comum*, *verbo transitivo menos prototípico*, *verbo de estado*, *verbo modal* + *verbo* e *verbo de modalidade*.

Sob o rótulo de ‘verbos comuns’, estamos agrupando a grande maioria dos verbos, geralmente verbos tidos como de atividade, realização, dinamismo ou mudança, que estão enquadrados entre os intransitivos e os transitivos prototípicos de Givón. Por exemplo, *quebrar*, *correr*, *construir*, *limpar*, *ajudar*, *pintar*.

Já, o grupo de verbos menos prototípicos, refere-se aos verbos que se diferenciam do protótipo semântico de evento transitivo, porém, assumem a estrutura sintática das orações transitivas. É o caso, por exemplo, dos verbos com sujeito dativo (*dative-subject*) – em que os sujeitos são participantes conscientes no evento, porém, sem qualquer intenção de iniciá-lo –, por exemplo, os verbos *ver*, *ouvir*, *saber*, *sentir*. Muitos desses verbos, quando possuem um complemento oracional, funcionam como *P. C. U verbs*. Também é o caso dos verbos de posse – embora a posse seja mais um estado do que um evento, sem um agente ou paciente típico –, por exemplo, os verbos *ter*, *possuir*.

Com o grupo verbos de estado, estamos englobando apenas os verbos de cópula, pois representam estados (permanentes ou temporários) do sujeito, que é também o paciente nessas orações de cópula. Os verbos mais comuns são os verbos *ser* e *estar*.

Sob o rótulo ‘verbos de modalidade’, estamos enquadrando os verbos que lexicalmente já são inerentemente *irrealis*, como *gostar*, *querer*, *procurar*, *sonhar*, *esperar*, *pensar*, *acreditar*, *achar*, *precisar*, *poder*, *dever*. Entretanto, quando algum desses verbos estiver atuando como um verbo auxiliar modal, ele será enquadrado no grupo ‘modal+verbo’.

Dessa forma, a distribuição dos verbos utilizada no trabalho corresponde aos seguintes fatores:

- verbos comuns: (in)transitivos mais prototípicos;
- verbos transitivos menos prototípicos;
- verbos de estado;
- verbos modais + verbos;
- verbos de modalidade.

Para melhor ilustrar essa ideia, apresentamos um exemplo para cada um dos casos.

(56) [**Verbo comum**] Se ele voltar, ela **VAI ATRASAR** o serviço. (INF 14 L 37)

(57) [**Verbo menos prototípico**] Se eu tiver seis meses de carteira assinada, eu já **TENHO** direito a seguro-desemprego. (INF JOV 32 P. 4)

(58)[**Verbo de estado**] **SEJA** ela o nível que for (INF16 L740)

(59) [**Verbo modal + verbo comum**] E deu, se a pessoa *quiser* cantar uma música ali *e quiser* dançar ali, **PODE DANÇAR**, né? (INF 32 P. 2)

(60) [**Verbo de modalidade**] Se quiser conseguir, **CONSEGUE**. (INF 17 L 1262)

O objetivamos também, com o estabelecimento deste grupo de fatores, realizar uma quantificação sobre os tipos verbais presentes na oração principal, de forma a retratar uma 'panorama geral' sobre esses verbos;

11) Perfil semântico do verbo no FS

O mesmo objetivo e a mesma justificativa apresentados para o grupo anterior são válidos também para este grupo de fatores. A diferença, obviamente, é que agora nosso foco é o verbo no futuro do subjuntivo na oração subordinada. Dessa forma, os fatores analisados serão os mesmos, com exceção do item 'verbo modal mais outro verbo', que não será mais averiguado, pois agora só interessa saber o perfil do verbo no FS, estando ele como auxiliar ou como principal. Uma vez que o verbo no FS, tanto como um auxiliar modal, ou como um verbo de

modalidade, é um verbo *irrealis*, e isso é o que importa para a pesquisa. Dessa maneira, os fatores são assim representados, novamente:

- verbos comuns;
- verbos transitivos menos prototípicos;
- verbos de estado;
- verbos de modalidade.

12) Se o verbo no FS é auxiliar ou principal

- verbo principal;
- verbo auxiliar;
- verbo híbrido (geralmente é um verbo principal menos prototípico, que parece funcionar como auxiliar).

Verificaremos a hipótese de que muitos verbos no FS funcionam como auxiliares, principalmente, auxiliares modais, e isso seria uma função relevante para o FS. Parece interessante observar se o FS ocorre mais em verbos principais, ou auxiliares.

Verbo Auxiliar [AUX]

(61) Escola de segundo grau onde ela **QUISER estudar**, que a gente paga pra ela. (INF 11 L 494)

(62) E agora quando tu **QUISERES fazer** uma, né? (INF JOV 27)

(63) Se **PUDER se baixar** pra homem ver, ficar a perna mais bonita, pra ser cantada. (FLN 16 L 203)

(64) A Flávia, enquanto ela, né, **PUDER aguentar** o estudo dela, vai.

Verbo Principal [PRI]

(65) Se não **TRABALHAR** não come. (INF 6 L 582)

Se **DER** certo, ainda a gente tem esperança. (INF 10 L338)

Verbo Híbrido [HIB]

(66) Se **FOR** pra **COMPRAR** disco, entre brasileiro e estrangeiro, prefiro comprar estrangeiro. (INF 10L 391)

(67) Se eu **CHEGAR** a me **APOSENTAR**, talvez seja pela idade, né, meus planos é ir pra casa, porque eu tenho aquela filha. (INF 07 L 558)

13) Regularidade da forma verbal de FS da oração subordinada

- regular;
- irregular;
- irregular (regularizada).

A hipótese inicial seria de que, ao invés de usar os verbos irregulares no FS, o falante tenderia a regularizar essas formas com base no paradigma do infinitivo pessoal, ou usar outras formas verbais, como do PI. No entanto, parece que é preciso levar em conta a frequência com a qual um verbo irregular é recorrente na língua. Isso porque se um verbo irregular tiver um uso muito frequente, talvez o falante tenda a usá-lo no FS, por essa forma já estar automatizada. Por exemplo, percebemos que as formas verbais *for*, *quiser* e *tiver* apareceram recorrentemente nos dados pesquisados do Varsul. Então, se um verbo irregular não for muito frequente, como *propuser/retiver*, o falante tenderá ou a regularizar sua forma para *propor/conter* (fazendo analogia com os verbos regulares), ou usar a forma do presente do indicativo “propõe” “contém”. Essa ideia está baseada principalmente na hipótese de Bybee (2001;2007), dentre outros autores, como Philips (2001)⁶³, de que a elevada frequência de certos itens verbais irregulares na língua faz com que a mudança sonora ou analógica não os atinja. Assim, os verbos irregulares com usos mais recorrentes seriam mais resistentes a sofrerem mudanças. Tentaremos investigar melhor o assunto.

Ademais, especulamos se a própria recorrência das construções com FS no português não está diretamente relacionada à frequência (devido ao significado do item verbal lexical) de certos verbos irregulares no discurso. Assim, a frequência de uso de certos verbos acaba por tornar certas construções frequentes também, sendo que algumas dessas construções parecem quase que cristalizadas, transmitindo um sentido mais específico, por exemplo, as

⁶³ Philips (2001, p. 129) questiona que talvez os verbos irregulares tenham listagem lexical.

construções *seja como for, seja como Deus quiser*, assim como certas construções cristalizadas com FS no espanhol (os únicos casos de FS em espanhol).

Dessa forma, procuramos investigar duas hipóteses. A primeira seria: se a irregularidade de certas formas verbais no FS causaria a baixa ocorrência dessas formas nos resultados, visto que elas poderiam ser pouco conhecidas pelos falantes. A segunda seria: se, pelo contrário, a irregularidade dessas formas no FS poderia influenciar na alta ocorrência dessas formas nos dados, devido à possibilidade de essas formas terem adquirido uma dada autonomia semântica em função da sua própria irregularidade. Entretanto, ressaltamos que hipóteses como essas merecem ser averiguadas em amostras bem maiores do que a desta pesquisa.

Segue o exemplo (68), com a presença de dois verbos irregulares, o exemplo (68) com a forma *dar*, que está ‘regularizada’⁶⁴ (a forma irregular seria *der*), e o exemplo (69), com um verbo regular.

(68) Se **TIVER** alguém comigo, mesmo se **FOR** a inútil da minha irmã, está bom. (INF JOV 26)

(69) Ela assim: “Ah! mas de repente dá alguma coisa em ti”, que eu tenho um problema assim, não tem? Daí [se **DAR** alguma coisa.. .] (INF JOV 28)

(70) [Se eles **PASSAREM** pela dor de um parto, ele não vão aguentar, são capazes de morrer.] (INF 17 L 1227)

14) Item lexical verbal da oração subordinada

- verbo *ser*;
- verbo *ir*;
- verbo *querer*
- demais verbos.

⁶⁴ *Regularizada*, porque o falante faz analogia com a forma ‘dar’, do paradigma do infinitivo pessoal. A maioria dos verbos, os regulares, possui as formas do infinitivo pessoal e do FS idênticas no português, por isso a ‘regularização’ ocorre.

Esse fator será controlado em todas as ocorrências, pois parece merecer um tratamento especial devido à elevada frequência com que esses itens lexicais aparecem nos dados.

De início, percebemos que o verbo no FS *for* apresenta homonímia, pois expressa dois sentidos: *ser* e *ir*. Perguntamo-nos, então, como o falante lida tão bem com esse fenômeno, o que nos remete à importância do contexto na significação das palavras. Segundo, porque, a partir de um breve olhar nos dados do Varsul, observamos que a forma verbal *for* é extremamente frequente nas entrevistas. Os dados abaixo dão uma mostra da recorrência dessa forma verbal em seus dois usos.

(71) É um assunto que não me sai da cabeça. Seja com quem **FOR**, que eu esteja conversando, ele me volta assim naturalmente, tu entendes? (FLN 11 L 737)

(72) Só pra quando **FOR** pra decidir a taça, aí eu gosto de ir. (FLP 10 L 510)⁶⁵

(73) E se Deus **FOR** negro? (FLN 25)

(74) Hoje não, hoje é uma coisa que se a gente **FOR** tudo bem, se não for também não faz diferença pra gente, né? Mas a Festa da Laranja era ótimo. (FLN 26)

(75) É legal ter turista no estado, tu conheces novas pessoas assim, faz novas amizades quem sabe fica conhecido de alguém, no fim quando tu **FORES** passar, por exemplo, (na Argentina) os argentinos vêm muito pra cá, né? (FLN 27)

(76) Só se **FOR** pra ficar tomando refrigerante, porque eu sou totalmente contra bebidas alcóolicas. (FLN 27)

(77) Não, para o cachorro, ele fez foi um bebedouro lá e um comedouro pra se a gente **FOR** pra praia, a comida vai caindo devagarzinho, sabe? (FLN 27)

Sobre o item lexical *querer*, é fundamental realizarmos a quantificação das ocorrências com este termo, uma vez que é muito grande a recorrência desta

⁶⁵ Outro caso: Se **FOR** uma advogada, eu vou querer saber muito da vida da pessoa pra saber realmente o que ela foi no passado (FLN 25)

forma verbal no FS *quiser*, o que pode ajudar da identificação de funções desse tempo/modo verbal, que seria a de um auxiliar modal, com um sentido de marcar volição, ou uma forma de polidez, noções relacionadas à modalidade deôntica.

(78)Aí eu peguei, olhei pra ele e disse: “Olha, João, eu vou te dizer uma coisa: [**se tu algum dia, QUISERES ver o teu filho, tu pode ir,**] mas pra morar dentro de casa, pra viver mais lá dentro de casa, eu não te quero mais. (INF 03 L 965)

(79) INF: Assar. Os temperinhos, [**quem QUISER, assim, imediato que faz, já pode botar folhinha de salsa, de alfavaca, dá aquele gostinho assim no peixe**] (INF 07L 996)

(80)Aí eu falei pra ele, vê só: “Que é o seguinte: tu vais ficar aí dentro de casa, mas só vai ter uma coisa: nós vamos viver como marido e mulher. Tu ficas no teu canto e eu vou ficar no meu. [**Tu fazes o que tu QUISERES,**] [**e eu faço o que eu QUISER**]. ” Daí que era pra evitar aquela discussão dentro de casa, né. (INF 03 L 792)

(81) Não tem dúvida. Tem o camarão, tem o peixe, [**se não QUISER, faz uma sopa só de batata, faz um café mais reforçado, né?**] (INF 07 L 1087)

Este grupo de fatores está relacionado ao anterior, uma vez que pode vir a justificar se as formas irregulares ou regulares mais frequentes, tiveram sua alta frequência, em função do próprio sentido lexical do item verbal, não tanto pela forma em si.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, discutiremos os resultados obtidos na pesquisa. Foram encontradas 252 ocorrências de FS no total, sendo 65 dados de 9 informantes da faixa etária A (mais de 50 anos), 77 de 9 informantes da faixa B (25 a 49 anos), e 110 ocorrências de 10 informantes da faixa C (14 a 24 anos)⁶⁶.

O capítulo está dividido em três seções, conforme o modo como foram organizados os grupos de fatores: na primeira parte, os grupos que investigam dados do contexto comunicativo maior; na segunda, que os grupos de dados referentes às construções sintáticas com FS; e por fim, na última seção, os grupos que investigam dados sobre as formas verbais no FS.

Na sequência, passamos à apresentação e discussão dos dados, priorizando uma análise ancorada no raciocínio abduutivo, em que observamos o resultado obtido, invocamos um ponto teórico e inferimos que algo pode ser o caso. Alguns questionamentos de ordem conceitual são, então, lançados e desenvolvidos.

A discussão obedecerá à ordem em que os grupos estão organizados no capítulo da metodologia.

4.1 GRUPOS DE FATORES CONCERNENTES AO CONTEXTO COMUNICATIVO

Como foi visto na metodologia, os grupos de fatores (1), (2), (3) e (4) objetivam uma análise voltada ao contexto comunicativo maior em que surgem as orações com FS.

⁶⁶ Em anexo, encontram-se tabelas que apresentam o total das ocorrências conforme cada grupo de fatores, distribuídas por faixa etária.

GRUPO 1. CARACTERIZAÇÃO DISCURSIVA		
Contexto discursivo A	74	29, 36%
Contexto discursivo B	120	47, 61%
Contexto discursivo C	58	23, 01%
GRUPO 2. PRESENÇA DE EXPRESSÕES <i>IRREALIS</i> [EI] E PREDICAÇÕES SUBJETIVAS [PS]		
<i>Na fala do informante:</i>		
A) presença de [+EI] + [+PS]	121	48, 02%
B) somente [+EI]	81	32, 14%
C) somente [+PS]	17	6, 74%
D) ausência de [-EI] e [-OS]	33	13, 09%
<i>Na pergunta do entrevistador:</i>		
E) presença de [+EI]	86	34, 12%
F) ausência de [- EI]	166	65, 87%
GRUPO 3. GRADIENTE (<i>IR</i>)<i>REALIS</i> NO CONTEXTO		
[+I] mais <i>irrealis</i>	123	48, 80%
[R-I] <i>realis-irrealis</i>	80	31, 74%
[+R] mais <i>realis</i>	49	19, 44%
GRUPO 4. MARCAS DE FUTURO E DE HABITUAL		
[+FUT]	67	26, 58%
[+HAB]	71	28, 17%
[+FUT +HAB]	3	1, 98%
[-FUT – HAB]	111	44, 04%

Tabela 1. Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores concernentes ao contexto comunicativo

4.1.1 Caracterização do contexto discursivo com FS

A proposta de analisar este grupo de fatores consiste em averiguar nas entrevistas sociolinguísticas, se existe um contexto discursivo no qual as construções com FS sejam mais recorrentes. Para tanto, realizamos uma diferenciação no discurso – do contexto maior em que se encontra o FS – em predominantemente argumentativo, (ou descritivo/narrativo (B), ou mais emotivo (C).

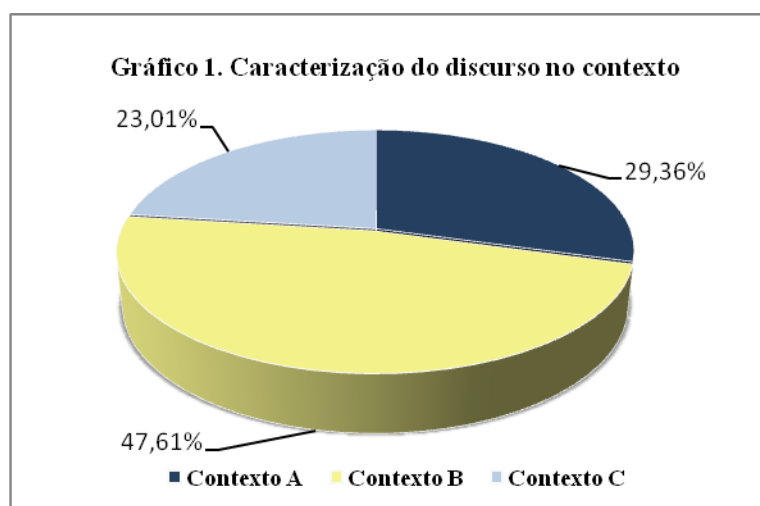
A hipótese inicial era de que o FS ocorreria predominantemente em contextos argumentativos (A), porque nesses contextos, uma oração com FS estaria servindo mais adequadamente à funcionalidade (de argumentar) do discurso maior em que está inserida. Em outras palavras, se o discurso maior se presta a argumentação, em que o falante procura convencer seu interlocutor de sua opinião, então o uso do FS também contribuiria com este objetivo, através da expressão de uma situação num mundo hipotético e posterior ao tempo da enunciação.⁶⁷ Nesse sentido, temos o trabalho de Gryner (1990, p. 280), em que a autora defendeu que o enunciado hipotético pode servir à argumentação como uma estratégia, favorecendo exemplos de validade de posição assumida pelo locutor ou fornecendo razões que sustentem a posição do locutor. Podemos melhor ilustrar essa ideia da autora, através uma ocorrência encontrada, em que o período com o FS funciona exatamente com o propósito de servir como exemplo *de validade da posição* do falante:

(82) É, por incrível que pareça, se você FOR analisar, eu não vou lhe garantir, não vou lhe garantir, não na Prefeitura hoje, eu acho que o médico na Prefeitura está ganhando, já melhoraram um pouquinho. Mas **[se eu PEGAR o salário de um médico na Fundação Hospitalar de Santa Catarina, nível inicial, e PEGAR o salário de um gari, de cinco, seis anos na Comcapo, comparando as funções, capaz do gari estar ganhando mais do que o médico.]** (INF 21 L 1237)

⁶⁷ Nesse sentido, temos o trabalho de Gryner (1990, p. 280), em que a autora investigou se o enunciado hipotético pode servir à argumentação como uma estratégia, favorecendo exemplos de validade de posição assumida pelo locutor ou fornecendo razões que sustentem a posição do locutor.

Mas, contrariando a nossa expectativa, os resultados apontaram para o predomínio do contexto discursivo B (marcado pela exposição de algo, uma mera descrição ou narração de um fato), que foi o contexto presente em 120 ocorrências de FS. Os outros dois tipos, o contexto A (marcado pela forte expressão de uma opinião, onde o falante argumenta a favor de seu ponto de vista) e contexto C (marcado por desejo, anseios, intenção e preferências do falante) ocorreram quase na mesma proporção. O contexto tipo A esteve presente em 74 ocorrências e o tipo C em 58 delas.

O gráfico 1 pode sintetizar melhor esses números encontrados, em termos de porcentagem.



Primeiramente, chama a atenção o fato de o FS ter aparecido tão frequentemente nos contextos do tipo B, visto que, em tese, os discursos A e C seriam os mais *irrealis*, aqueles nos quais o falante expressaria mais sua subjetividade. Isso mostra que a função da oração com FS, notadamente a de expressar a possibilidade de um evento ocorrer, de codificar uma hipotética no discurso, se realiza mesmo quando o falante está descrevendo, expondo ou narrando um acontecimento, ou seja, quando seu discurso é composto por asserções majoritariamente factuais. Isso reflete a relevância do uso desse tipo de dispositivo (conjunção subordinativa mais FS) para marcar o *irrealis* indicando incerteza em qualquer contexto discursivo.

Há uma ressalva a ser feita em relação à natureza da amostra analisada, que pode ajudar a esclarecer esse resultado. A maioria das entrevistas sociolinguísticas do Projeto Varsul foram conduzidas de forma a estimular o informante a produzir narrativas sobre sua vida, com o intuito de que ele pudesse, assim, usar uma linguagem mais próxima do vernáculo. Desse modo, pode-se pensar que a predominância do contexto B em nossos dados se deve, em grande parte, à própria natureza dessas entrevistas, que propicia esse tipo de discurso.

Contudo, não há uma implicação direta entre a recorrência de um certo tipo de contexto e a recorrência de um certo tipo de construção. Ou seja, não é porque predominam trechos narrativos/descritivos – que são de caráter mais factual –, que também devem predominar construções com FS. Pelo contrário, se pensarmos que o domínio do FS é principalmente o contexto sintático de condicionais, como até os resultados desta pesquisa corroboram,⁶⁸ isso vai de encontro a várias ideias difundidas na literatura de que as condicionais com FS funcionam como estratégias de argumentação, predominando em discursos argumentativos. Estamos, pois, diante de um resultado bastante instigante e, aparentemente, paradoxal.

O que podemos argumentar é que esses discursos tipo B, também são afetados pela *intrusão* da perspectiva/subjetividade do falante, portanto não são apenas meras descrições (fieis aos fatos) ou narrativas informativas. Até mesmo as narrativas em terceira pessoa não escampam da imposição da perspectiva do autor, no caso, representada pela própria fala do narrador, ou ainda pela fala das personagens no texto, segundo Givón (2002).

Para ilustrar essa afirmação, mostramos no exemplo 1, a seguir, como um contexto discursivo do tipo B, mesmo sendo uma narrativa em terceira pessoa, contém diversas expressões apenas internamente acessíveis⁶⁹, que marcam a perspectiva, a subjetividade do enunciador. Essas expressões estão grifadas. Tratam-se de predicções subjetivas [PS] (estão em negrito e itálico) e expressões *irrealis* [EI] (apenas em negrito), que não deixam de ser predicções subjetivas, sendo que a diferença entre elas reside no fato de que as EI inserem escopo *irrealis* nos termos que as seguem. No caso, esses termos, sob escopo *irrealis*, estão entre colchetes.

⁶⁸ Na descrição dos resultados do grupo de fatores 6 será mostrado que o uso do FS foi mais frequente nas orações subordinadas do tipo adverbial condicional.

⁶⁹ No capítulo da metodologia foi dada a definição de predicções internamente- mentalmente acessíveis.

(83) INF: Tem uma menina que *é apaixonada* em outro, aí ela fica no quarto *pensando* nele. Outras pessoas já, um pai de uma moreninha **já não gosta**. Que o pai da moreninha **quer** [que bote o uniforme delas mesmas, né?] Que elas já vêm com outro uniforme. A outra, uma é a diretora que **explica pra** [os alunos **estudarem**]: "Que **se** [vocês **não ESTUDAREM**, [vocês **não passam** de ano, vocês **têm** [que fazer um exame.]]" *É isso* aí. (INF JOV 28 P. 1)

É interessante notar como o escopo *irrealis* dos termos vai aumentando, e se amalgamando, com o número crescente de EI no contexto, e, principalmente, notar como um simples trecho narrativo pode expressar, de forma indireta, a subjetividade na linguagem.

Essa subjetividade é o que caracteriza a linguagem humana, se revelando, por vários mesmos, na interação comunicativa, e até em textos escritos. Por isso, para GIVÓN (2002, p. 297), *a proposta de construção de uma linguagem lógica formal proíbe a mistura de meta-níveis – as perspectivas – durante o mesmo discurso lógico*.

Nesse sentido, uma análise linguística formal, distancia-se muito da realidade do fato linguístico, que se realiza somente *na* e *para* a enunciação, em consonância com a concepção dialógica bakhtiniana⁷⁰.

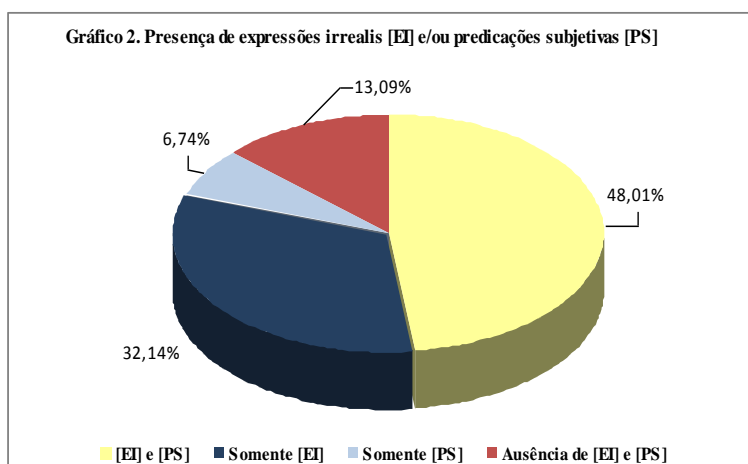
Para finalizar esta subseção, apresentamos mais um caso de contexto B, com uma narração, só que em primeira pessoa, o que torna mais fácil de visualizar a subjetividade do falante narrador-personagem. Novamente, vemos um contexto cheio de EI no exemplo 84:

(84) Aí ele **disse** [que tudo que eu **precisasse** [financeiramente, eu **podia** [procurar ele.]]] Aí eu falei pra ele que não. Financeiramente a Rafaela **não estava precisando** [de nada]. O que ela **estava precisando** [era de amor de pai que ela não teve.] Aí ele **disse**:["Então, tá. Toda oportunidade que tu **TIVERES** [de me mostrar, tu me **mostras**. "] Aí a Rafaela **coitada**, tinha médico todo mês (INF 20 L 15)

⁷⁰ (Cf.) Bakhtin (1979).

4.1.2 A presença de expressões *irrealis* [EI] e outras predicções subjetivas [PS] nos contextos de uso de FS

Conforme apontam os resultados na tabela 1, o FS esteve presente em 202 contextos comunicativos onde havia, pelo menos, uma expressão *irrealis*, isto é, em 80,15% das ocorrências, mais especificamente em 48,01% contextos com EI e PS, e em 32,14% em contextos com apenas EI. É o que pode ser visto no gráfico 2:



Esses números representam que o fator *outra EI no contexto* é bem significativo para o surgimento das orações com FS. Isso, somado ao fato de que houve apenas 13% de contextos com ausência de outras expressões *irrealis* e predicções subjetivas, pode significar que o uso do FS ocorre com muito maior frequência em discursos com alguma marca da modalidade *irrealis*, ou de alguma outra expressão da subjetividade, da perspectiva do falante, conforme havíamos hipotetizado.

Nesse momento, podemos tecer duas considerações. Primeiramente, com base em afirmações de Bybee *at al.* (1994, p. 213), poderíamos dizer que o FS tende a aparecer em contextos harmônicos com o seu sentido modal, ou, em outras palavras, contextos que já criam um ambiente marcado pelos sentidos de modalidade como incerteza, possibilidade. Em segundo lugar, a partir de Givón (2002, p. 263), diríamos que as EI tendem a aparecer junto com outras EI num

contexto, uma favorecendo o surgimento de outra. Assim, quanto mais EI houver num contexto, mais *irrealis* ele vai se tornando.⁷¹

Quanto aos tipos de EI encontrados, os mais frequentes foram de expressões *irrealis* A (verbos *irrealis*), seguidos por expressões *irrealis* D (tipos de orações *irrealis*) e depois por expressões *irrealis* C (itens lexicais *irrealis*) e, por fim, tipos de EI B (advérbios *irrealis*). Notadamente, a maioria dos contextos em que apareceram os advérbios *irrealis* foram os mais *irrealis*, por haver muitas outras EI nos trechos, como é possível ver no exemplo (86), que está no final desta seção, no qual o advérbio epistêmico *realmente* aparece duas vezes⁷².

Como o intuito de distinguir essas expressões *irrealis* foi o de examinar qual o grupo de EI que seria mais presente nos contextos, estando relacionado com o surgimento de FS, diremos que os verbos *irrealis* foram os mais significativos para a criação de um contexto harmônico com o uso do FS. Observamos, ainda, que foram muitos os casos em que havia outras orações *irrealis* no mesmo contexto, inclusive orações com FS, como podemos ver no trecho a seguir. Em negrito estão os verbos *irrealis*, e em negrito e colchetes as orações *irrealis*.

(85) INF: Governo que paga, né? Mas tu **podes** dar a folha pra mim fazer. Agora [**se tu me BOTARES pra rua**] tu **tens que** dar a folha. E agora [**se tu não me BOTARES**] [**e eu PEDIR**] as contas, aí tu dá, [**se tu QUISERES**], [**se tu FORES uma boa patroa**], né? Agora [**se não FORES**], daí não dá, né? (INF JOV 32 P. 4)

No que diz respeito à presença de EI na pergunta do entrevistador, os resultados encontrados são um tanto diferentes dos esperados, pois prevíamos um maior número de elementos modais na fala do entrevistador, que poderiam funcionar como gatilho para o informante continuar modalizando sua fala, propiciando, assim, o aparecimento de construções com FS. Segundo o resultado, em cerca de 34% das ocorrências havia presença de alguma EI na fala do entrevistador, o que mostra que, em 66% dos casos, a modalidade *irrealis* foi inserida no contexto pelo próprio informante. O que chamou mais a atenção foi

⁷¹ Poderíamos usar uma analogia simplista para explicar o aumento do domínio *irrealis* no contexto: quanto mais sal se coloca na comida, mais salgada ela fica. Assim, quanto mais EI houver no contexto, mais *irrealis* ele se torna.

⁷² Um caso de contexto mais *irrealis* com a presença de advérbio *irrealis* pode ser visto em seguida, na análise dos resultados do próximo grupo de fatores, no exemplo (87), onde o advérbio *talvez* aparece só no final do contexto.

que, nos dados em que havia EI já na pergunta do entrevistador, o contexto de fala do informante geralmente acabou sendo mais fortemente *irrealis*, com várias EI, o que, de certa forma, está em consonância com nossa hipótese inicial. É o que podemos observar no exemplo (86):

(86) ENT: E o que o senhor **acha**, Seu Alcino, da situação do trabalhador hoje, com as medidas econômicas do novo presidente?

INF: Agora, ele **precisa**, o Plano, e eu **acho** que pra fazer uma análise desse tipo, **não precisa** entender muito de economia, ele **precisa** de alguns ajustes. Eu **acho** que saiu o dinheiro todo de circulação e que o retorno desse dinheiro está sendo muito devagar. E eu **tenho a impressão** de que nós **vamos ter, realmente**, [se não **HOUVER** um ajuste do Plano, adequadamente, nós **vamos ter** recessão,] **realmente**⁷³, já estamos tendo e **vamos ter** mais desemprego, **vai haver** dificuldade séria. (INF 21 L 439)⁷⁴

Podemos perceber que a presença do verbo *achar*, um verbo não-factivo, de modalidade inerente, na fala do entrevistador, induz o falante a alinhar seu discurso no domínio *irrealis*, pois obviamente, uma opinião não é um fato, mais sim um pensamento subjetivo.

4.1.3 Gradiente *realis-irrealis* no contexto

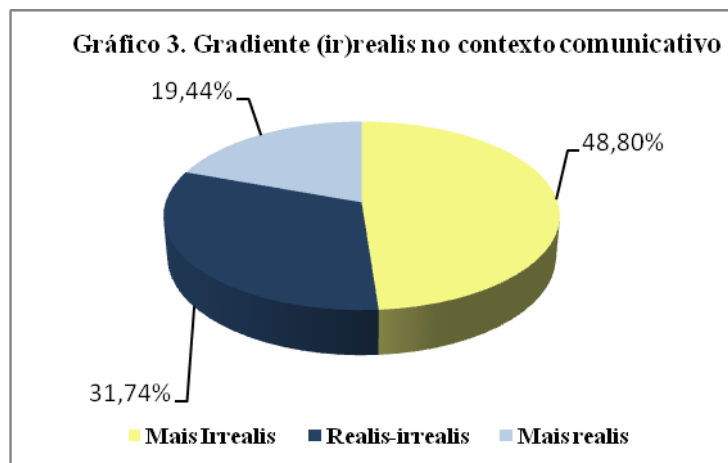
Este grupo de fatores está em sintonia com o grupo anterior, já que quanto mais EI houver no contexto, mais *irrealis* ele será.

Como foi previsto, os resultados obtidos apontam para o aparecimento das orações com FS principalmente em contextos com mais asserções *irrealis*, depois em contextos *realis-irrealis*, compostos por ambas as asserções *realis* e *irrealis*, e por último, em contextos mais *realis*.

Os resultados encontrados estão representados no gráfico 3.

⁷³ Presença de um advérbio epistêmico *irrealis*.

⁷⁴ Em negrito estão todas as expressões *irrealis*.



Novamente, percebemos que o domínio funcional de uso do FS se estabelece no campo do *irrealis*, seja mais fortemente ou mais moderadamente, dado que ao somarmos as ocorrências dos contextos mais *irrealis* com as dos *realis-irrealis* chegamos à percentagem aproximada de 80% de ocorrências que apareceram em um dos dois casos.

Apresentamos, abaixo, um exemplo em que é possível observar como o contexto vai se tornando cada vez mais não-factual. Em negrito estão as EI, e em itálico as construções com FS.

(87) INF: A gente está notando essa falta de respeito em noventa e oito por cento, só dois por cento é que. Ah, e são pessoas que estão se afastando. [1] [*Não adianta você ensinar pra criança o 'bê-a-bá', se não DER a ele educação.*] Ele **pode** ser um bom professor, um bom matemático, um bom pai de família, mas [2]*[se ele não TIVER educação, ele está perdido.*] É, a liberdade é necessária. Hoje, o pai **pode** falar com a mãe, o pai **pode** falar com os filhos assuntos que no meu tempo eram tabus. É, coisas que nós temos **necessidade** de saber. Eu sempre digo pras pessoas o seguinte: “Se o mundo **tivesse** conhecimento o porquê da nossa permanência aqui e o que ocorreu, e que eles têm conhecimento disso através das escrituras, **talvez**⁷⁵ hoje o mundo **não estivesse** como está.” [3] [*Se você SOUBER que está aqui numa missão, segundo o espiritismo, vocês está aqui porque Deus mandou, católico.*] É, mas [4] [*se você SOUBER a causa disso, o mundo talvez hoje estava...*] (INF 13 L 1248)

⁷⁵ Como foi comentado na seção anterior, os advérbios *irrealis* tenderam a surgir em contextos mais *irrealis*, o que pode apontar que esse tipo de EI marca fortemente o não-fato no discurso.

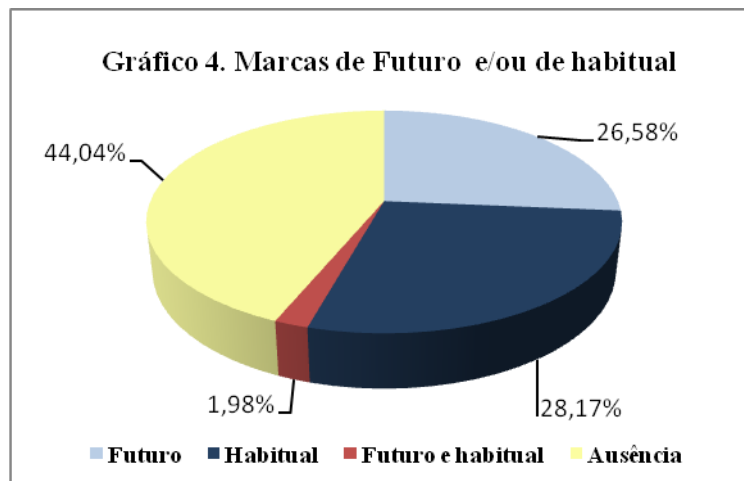
É possível notar que o contexto anterior à primeira construção com FS [1] é mais *realis*, ou seja, formado por asserções *realis*, enquanto no contexto anterior à construção com FS [2], já há a presença da oração [1] e de um verbo *irrealis* (*pode*), tornando 'um discurso *realis-irrealis*'. Por fim, nos períodos com FS [3] e [4], o domínio *irrealis* já está fortemente marcado, pois o contexto anterior está composto de vários termos *irrealis*: as duas orações condicionais com FS, vários verbos *irrealis*, um item lexical nominal *irrealis* (*necessidade*), além do advérbio *irrealis talvez*.

Por último, destacamos uma conexão observada entre os contextos [R-I] e a forte presença de predicções subjetivas [PS]. No grupo anterior vimos que a percentagem de contextos com PS e expressões *irrealis* [EI] giraram em torno de 30% dos casos, sendo que, justamente a maioria desses contextos com predicções subjetivos e expressões *irrealis* foram os contextos categorizados, neste grupo de fatores, como sendo *realis-irrealis* [R-I]. Parece, então, que podemos traçar uma correlação: devido às PS marcarem a subjetividade do falante, sem chegar ao ponto de projetar escopo *irrealis* em termos, elas favorecem contextos que se enquadram numa interface *realis-irrealis* [R-I]; enquanto em função de as EI além de marcarem a perspectiva do falante, ainda impõem escopo *irrealis* nos termos seguintes, elas se enquadram em contextos mais *irrealis* [+I], uma vez que aumentam o sentido não-factual do discurso. Podemos nesse momento, voltar ao exemplo anterior e notar que no início do contexto comunicativo, nas primeiras asserções há algumas predicções subjetivas, que estão sublinhadas. Assim, o discurso parece estar caminhando num *continuum realis => realis-irrealis => irrealis*.

4.1.4 Marcas de futuro e de habitual no contexto

Procuramos examinar a presença de marcadores de futuridade e de habitualidade nos contextos, pois hipotetizamos que a expressão dessas noções no discurso pode influenciar numa interpretação mais temporal ou mais habitual para oração com FS.

Os resultados podem ser visualizados de maneira mais completa no gráfico 4 a seguir:



Os dados encontrados refletem que em quase metade dos contextos (44%) não esteve presente nenhum desses marcadores. Por outro lado, ao somarmos os contextos com expressões que marcam futuro e os contextos com expressões que marcam tempo/aspecto habitual, chegamos ao percentual de 56,73% de contextos que apresentam ao menos um dos dois marcadores ocorrendo com FS. Esse é um número significativo, tendo em vista que, nas entrevistas, há evidente recorrência de marcadores de passado e de presente (sem ser habitual) em função das próprias perguntas dos entrevistadores levarem os informantes a contarem fatos acontecidos ou a darem opiniões quaisquer sobre a atualidade.

Para melhor ilustrar essa ideia de que as marcas temporais no contexto podem contribuir para a expressão temporal do período com FS, mostramos um exemplo em que a do tempo/aspecto habitual é transmitida explicitamente no contexto, através do termo *sempre*.

(88) Eu procuro *sempre* assim, o mesmo horário pra jantar e tal, mas não tenho muita frescura com comida [e o que TIVER eu como] e gosto bastante de comer. (INF JOV 30 P. 21)

Entretanto, em relação a nossa hipótese inicial, os resultados demonstram que devido a não-presença de marcas da habitualidade e futuridade em muitos contextos (44%), boa parte da interpretação (a)temporal de uma

oração com o FS é adquirida pela própria construção sintática com FS, sem muita influência do contexto.

4.2 GRUPOS DE FATORES RELATIVOS À CONSTRUÇÃO COM O FS

Os resultados investigados relativos aos grupos de fatores (05), (06), (07), (08), (09), (10) estão representado na tabela 2, e serão discutidos em seguida.

GRUPO DE FATORES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Grupo 5. Modalidade proposicional		
Epistêmica	177	46, 03%
Deôntica	75	29, 76%
Grupo 6. Tipo de oração subordinada		
Adverbial Condicional	185	73, 44%
Adverbial Temporal	34	13, 49%
Adjetiva	32	12, 69%
Outra	1	0, 39%
Grupo 7. Traço (a)temporal no período		
Temporal	134	53, 17%
Atemporal	87	34, 52%
Atemporal Adjetiva	30	11, 90%
Outra	1	0, 39 %
Grupo 8. Ordem das orações no período		
Oração subordinada=>oração principal	193	76, 50%
Oração principal=> oração subordinada	44	17, 46%
Não se aplica	15	5, 95%
Grupo 9. Tempo do verbo da oração principal		
PI – presente do indicativo	164	65, 07%
FI – futuro do presente do indicativo	47	18, 65%
PS – presente do subjuntivo	10	3, 96%

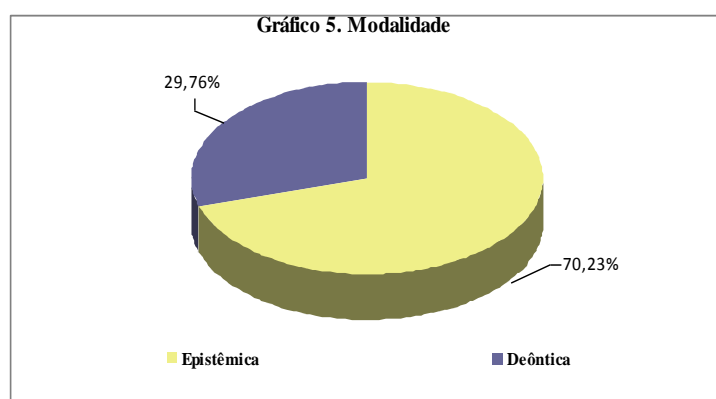
IMP – imperativo	8	3, 17%
INF – infinitivo	7	2, 77%
Outro	1	0, 39%
Não se aplica	15	5, 95%
Grupo 10. Traço semântico do(s) verbo(s) da oração principal		
Comum	123	48, 80%
De modalidade	29	11, 50%
Menos prototípico	20	7, 93%
De estado	30	11, 90%
Modal + outro verbo	35	13, 88%
Não se aplica	15	5, 95%

Tabela 2. Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores relativos à construção com FS

4.2.1 Modalidade Proposicional

Investigar a modalidade nas proposições com FS foi um dos principais objetivos do trabalho, visto que os sentidos expressos pela oração com FS, e pelo próprio FS estão em estreita relação com os sentidos modais marcados pelo período sintático.

Nossa hipótese inicial era a de que haveria grande predomínio da modalidade epistêmica nas ocorrências, e, de fato foi o que aconteceu. A modalidade epistêmica esteve presente em 70% das proposições analisadas, como demonstra o gráfico 5:



Com essa análise, tencionamos verificar se o sentido modal atribuído ao FS se estabelece em decorrência da atuação da modalidade proposicional. Dessa forma, podemos afirmar que o FS em proposições epitémicas possui uma força modal mais voltada a marcar a possibilidade, probabilidade ou (in)certeza de um evento ocorrer, como indicam os exemplos (89) e (90)

(89) Porque se **PEGAR** ele hoje no outro dia **vai** ter mais dois pra vender. (INF JOV 30) [Ideia de possibilidade epistêmica]

(90) Se não **HOUVER** um ajuste do Plano, adequadamente, nós vamos ter recessão, realmente, já estamos tendo e vamos ter mais desemprego, vai haver dificuldade séria. (INF 21 L 539) [Ideia de probabilidade]

Já, o FS em enunciado com nuances modais deônticas, ajuda a assinalar a intenção, a manipulação do falante para com o seu interlocutor. Esses enunciados tendem a ser manipulativos em algum grau (podendo ser formados por comandos, atos de fala indiretos). Como foi visto, Givón (2009) sintetiza que a modalidade deôntica com o que o falante deseja que o outro faça, como mostram os exemplos, abaixo:

(91)“Não cria o teu filho assim. Se o teu filho **BRIGAR** com outra criança, tu não **pules**. ” (INF 16) [Conselho, exortação => fraca manipulação]

(92) Tudo que você **TIVER** que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você **deve** fazer. (INF 16 L 294) [Exortação => fraca manipulação]

Podemos perceber nos trechos acima que o sentido de possibilidade, incerteza está mantido nas proposições acima com FS, (91) e (92) respectivamente, no entanto, ele é enfraquecido pela noções deônticas que se sobrepõem no enunciado. A atitude do falante de tentar convencer diretamente o interlocutor para realizar algo se sobrepõe a noções semânticas advindas de outros termos do contexto, como através do operador lógico *se*, que assinala um mundo possível para a proposição. Nesses casos, enfatizamos a força pragmática da modalidade interação comunicativa.

Ressaltamos, assim, que o contexto foi um grande aliado na classificação da modalidade. Em consonância com essa ideia, está o fato de haver verbos modais, como é o caso do inglês, por exemplo: *must*, *may* e *should*⁷⁶, que possuem ambos os sentidos de modalidade orientada ao agente e epistêmica, que só se diferenciam pelo contexto, de acordo com Bybee *at al.* (1994, p. 195).

Para desenvolver melhor essa ideia do poder do contexto na interpretação dos sentidos modais que se inter-relacionam, podemos observar um último exemplo, com a presença de atuação de várias forças modais.

(93) INF: Na medida do **possível**, sempre dando a força pra ele. [**Mas no momento que ele não QUISE estudar, aí eu não posso forçar também, né?**] (INF 10 L 650)

Identificamos, em (93), a presença de nuances modais: volição (*quiser*) e poder⁷⁷ (*posso*), com sentido deôntico, que se inter-relacionam na expressão da atitude/comprometimento do falante em relação ao que está dizendo. A proposição: *aí eu não posso fazer nada*, que é a predicação principal do período, revela que há condições externas (no caso, a vontade de outra pessoa) compelindo, associadas à intenção interna do agente, que sente necessidade e obrigação de incentivar o outro (no caso, o filho do informante)⁷⁸. Podemos dizer que, a asserção principal exprime a modalidade deôntica (orientada ao agente), o próprio falante. O agente tem consciência de que as condições externas, representadas pelo conteúdo da outra proposição: *Mas no momento que ele não quisera estudar* –, ou seja, a vontade do outro, codificada pelo verbo no FS *quiser* –, são forças fora do alcance dele. Desse modo, a oração com FS expressa uma possibilidade: *ele não querer estudar*, e como foi visto, possibilidade é, um sentido modal epistêmico. Assim, o item lexical *quiser*, apesar de possuir sentido deôntico de volição, atua com o resto dos termos da oração subordinada para marcar a modalidade epistêmica de possibilidade. Por fim, é interessante destacar

⁷⁶ Basicamente, esses verbos significam *dever* e *poder*.

⁷⁷ Podemos fazer uma reflexão em relação ao verbo poder com sentido deôntico. É provável que o verbo *poder*, assim como no inglês o verbo *may*, tenha tido seus primeiros usos para expressar a modalidade deôntica (orientada ao agente), com os sentidos de ‘ser forte, poderoso, hábil, ou melhor, ter força/autoridade/capacidade para realizar algo’, como é o caso do sentido do enunciado acima (93), ou ainda desses exemplos: *Eu posso sentar na área vip. /Eu posso cantar na escada mais alta*. Assim, desse sentido ‘orientado ao agente’ o verbo *poder* teria desenvolvido o sentido de possibilidade epistêmica, como pode ser visto nesses casos: *Pode chover amanhã/As casas podem desmoronar com a chuva*.

⁷⁸ Essa informação foi recuperada pelo contexto, pois o entrevistador perguntou ao informante se ele possuía planos ou se gostaria que acontecesse alguma coisa na vida de seus filhos.

que, todas essas 'forças modais' atuam em conjunto, se amalgamam, na imposição do domínio *irrealis* no contexto.

Essa afirmação está em consonância com a concepção de Bybee *at al.* (1994, p. 294), de que o uso do modo subjuntivo em orações subordinadas, como é o caso de muitas línguas românicas, justifica-se pela força modal que as formas verbais nesse modo transmitem, e que está em harmonia com a força de outros elementos modais presentes na maioria dos contextos sintático-semânticos em que as formas de subjuntivo se apresentam.

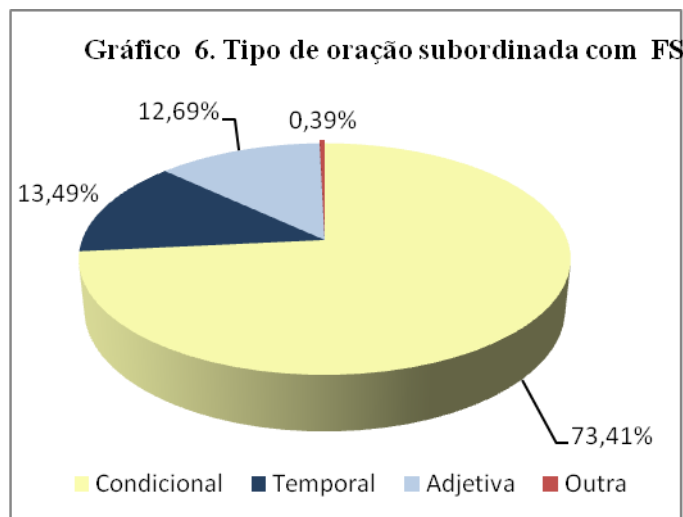
Assim, um último olhar sobre o exemplo (93) revela ainda a presença de duas expressões que contribuem para essa *harmonia modal*, estabelecendo uma interface com a noção de tempo: o advérbio de frequência *sempre* (que também é um traço aspectual) e a expressão temporal *no momento em que*. O primeiro codifica o traço de habitualidade/atemporalidade no contexto, e o segundo, o traço de futuridade/temporalidade, sendo que ambas as noções são *irrealis*. Esse exemplo se mostra, dessa forma, um típico contexto de atuação do domínio funcional denominado por Givón de TAM, tempo-aspecto-modalidade.

Com essa análise, podemos evidenciar a interconexão entre modalidade inerente de verbos, modalidade proposicional e coerência discursiva – que, segundo Givón (1995), é como a gramática da modalidade se manifesta no discurso.

4.2.2 Tipo de oração subordinada com FS

Os resultados encontrados confirmam as descrições de gramáticas normativas e de usos do português que dizem ser as subordinadas adverbiais condicionais, os contextos sintáticos mais frequentes de uso de FS.

É o que pode ser visto no gráfico 6.



Podemos notar que o FS aparece na mesma proporção nas orações subordinadas adverbiais temporais e nas subordinadas adjetivas, em torno de 13% em cada uma, sendo que, juntas, representam quase que 30% dos resultados, um valor expressivo, se considerarmos que o uso do FS é quase sempre citado na literatura como pertencente ao domínio das condicionais⁷⁹.

Sobre a função do FS em cada um dos tipos oracionais, a partir da análise dos resultados, diríamos que o uso do FS em orações temporais é muito semelhante ao das condicionais, atuando no domínio funcional de condicionalidade. Poderíamos dizer que há uma semelhança semântica entre as conjunções *quando* e *se*, conforme observa Gryner (1990):

A proximidade semântica entre a conjunção condicional ‘se’ e a temporal ‘quando’ é apontada com frequência nos estudos sobre as condicionais em diversas línguas. Em português, ela tem levado inúmeros autores a interpretar estas condicionais como um tipo de oração temporal. Ao mesmo tempo, inversamente, certos tipos de temporais introduzidos por ‘quando’ são frequentemente analisadas como condicionais. (GRYNER, 1990, p. 237)

No entanto, o FS nas temporais carrega uma noção modal de maior certeza e probabilidade, muitas vezes acompanhada pela transmissão da ideia de habitualidade, que permeia o *continuum realis-irrealis*, que pode ser expressa pelo *quando*. Já, nas condicionais, a ideia de dúvida é que permeia mais o FS.

⁷⁹ Na revisão da literatura sobre o assunto, não encontrei nenhum trabalho sobre FS em orações adverbiais temporais e adjetivas.

De maneira geral, nas temporais, é perceptível que há um grau menor de incerteza na atitude do falante, que parece estar mais comprometido com o seu enunciado. Parece haver maior probabilidade de um evento ocorrer, quando este está na oração principal de uma construção com subordinada temporal, do que nas condicionais, como exemplifica o trecho a seguir:

(94) INF: Não tentei o vestibular não tem nada, assim, que, né? um curso, assim, que me atraia, então eu prefiro trabalhar e [**quando DER vontade de fazer**], e [**se DER vontade**] eu vou fazer. Porque não adianta nada tu fazer alguma coisa assim, por exemplo, fazer direito ou fazer medicina ou fazer outro cursos, engenharia, **se** [tu não tens vocação ou tu não gostas de fazer por fazer.] (INF JOV 30 P. 1)

Podemos dizer que, ao usar a oração *Quando der vontade de fazer*, o falante está se comprometendo mais em cumprir a asserção da oração principal *eu vou fazer*, conseqüentemente há maior probabilidade do evento *fazer o vestibular* ocorrer na realidade. Por outro lado, ao usar a oração *Se der vontade*, ele está se comprometendo menos em realizar a ação *fazer* da oração principal e, por conseguinte, há uma probabilidade menor, ou melhor, há uma possibilidade do evento ocorrer.

O dado acima é interessante, pois evidencia que há matizes semânticos diferentes na temporal (*quando der vontade de fazer*) e na condicional (*se der vontade*) já que o falante adiciona uma informação à outra.

Essa diferença sutil entre as duas pode ser mais bem percebida nestes exemplos fabricados (95) e (96), uma conversa fictícia entre dois falantes A e B:

(95)A: Quando nós casarmos, vamos ter que se mudar, não? (Probabilidade)
B: Sim, se nós casarmos, vamos ter que se mudar. (Possibilidade)

(96)A: Se nós casarmos, vamos ter que se mudar, não? (Possibilidade)
B: Sim, quando nós casarmos, vamos ter que se mudar. (Probabilidade)

Em ambos os casos (94) e (95) com as condicionais, o falante se compromete menos com a verdade da sua fala, transmitindo menos certeza de que o evento vá ocorrer.

Neste momento, podemos retomar o seguinte ponto teórico, já visto: de que as condicionais com *se* e adverbiais com *quando* compartilham a lógica geral das condicionais. Conforme Givón (1984), numa interpretação condicional,

o falante possui expectativas epistêmicas menores em relação à verdade eventual do conteúdo da oração condicional, enquanto, numa interpretação temporal, o falante presumivelmente tem altas expectativas.

Além disso, podemos citar a escala com o *continuum* de certeza epistêmica nos ambientes *irrealis* de orações adverbiais em inglês, apresentada por Givón (2001):

Alta certeza

(a) **Irrealis ‘when’**

When she comes, we will consider it.

[*Quando ela vier, nós consideraremos isso.*]

(b) **Irrealis ‘if’**

If she comes, we will/may consider it.

[*Se ela vier, nós poderemos considerar isso.*]

(c) **Subjuntivo ‘if’**

If she ever came, we would/might consider it.

[*Se ela ao menos viesse, nós poderíamos considerar isso.*]

(d) **Contra-factual ‘if’**

If she had come, we would have/might have considered it.

[*Se ela tivesse vindo, nós teríamos considerado isso.*]

Baixíssima certeza

(Givón, 2001, p. 324)

Essa escala é interessante porque mostra os meios dos quais o falante pode se utilizar para codificar sua (in)certeza num enunciado condicional, que, no caso do inglês, seria a utilização dos verbos modais. Cabe destacar nesses exemplos que na oração temporal (a) o falante parece transmitir maior certeza a sua asserção, pois possui maiores expectativas de que o evento (*considerar isso*) ocorra, do que em relação à condicional (b). Já, no exemplo (c), fica claro como o falante possui expectativas muito baixas de que o evento ocorra (o (d), não nos interessa por ser um evento passado).

Com base nessa escala, podemos desenvolver uma outra para o português, mais relacionada diretamente com a expressão de futuro e modalidades *irrealis*.

Alta certeza

(a) Eu vou comprar o livro amanhã. [alta certeza]

(b) Amanhã, quando eu sair, eu vou comprar o livro. [alta probabilidade]

(c) Amanhã, se eu sair, eu vou comprar o livro. [probabilidade-possibilidade]

(d) Talvez amanhã eu compre o livro. [mera possibilidade]

(e) Se eu saísse amanhã, eu compraria o livro. [baixa certeza]

Baixíssima certeza

Podemos perceber que, em todos os casos, a asserção é uma só: *comprar o livro*. No exemplo de escalaridade acima, em (a), por não haver nenhuma condição, fica claro que o falante se compromete mais em realizar o evento proposto. Temos aí uma proposição futura *irrealis* de alta certeza (do evento ocorrer). No caso (b), há uma condição para o evento futuro se realizar (*quando eu sair*), porém, muito provável de acontecer devido à conjunção *quando*, que imprime uma noção mais referencial e específica ao evento, podendo, por exemplo, ser substituída por *no momento (em) que, na hora (em) que*. Por isso, temos também uma asserção futura *irrealis*, só que numa expectativa de menor certeza, advinda da oração subordinada, apesar de haver alta probabilidade do evento acontecer. Já, no exemplo (c), há também a mesma condição para o evento ocorrer, porém, devido ao operador lógico *se*, a proposição adquire um valor condicional mais forte, permeando a noção de possibilidade epistêmica. Trata-se também de um enunciado futuro, que se situa numa interface probabilidade-possibilidade do evento ocorrer. Finalmente, nos exemplos (d) e (e), temos também a modalidade *irrealis*, só que, no primeiro caso, o advérbio *talvez*, juntamente com o presente do subjuntivo, transmite a ideia de mera/pequena possibilidade do evento ocorrer, pois o falante passa muita dúvida a sua asserção. Por outro lado, no caso (e), é notável a baixa expectativa do falante em relação ao evento ocorrer, visto que ele utiliza os tempos verbais do imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito do indicativo.

Essa discussão serve para maior compreensão do ambiente de atuação do domínio funcional do FS, que, como podemos ver, faz fronteira com o domínio de outras formas verbais *irrealis*, como, por exemplo, o presente e o pretérito do subjuntivo.

Ainda, sobre o principal ambiente de atuação do FS, as condicionais, é preciso tecer algumas considerações sobre o tipo de condicionais nas quais o FS

aparece: são as ditas condicionais potenciais/eventuais, que se diferenciam das condicionais factuais e contrafactuais.⁸⁰

Muitos autores têm estudado o uso do FS, e também do presente do indicativo, nesses ambientes de condicionais eventuais. Citamos, como exemplos, os trabalhos Gryner (1990; 1996), Ferrari (2005), Neves (1999; 2000) e Reis (2009).

Em poucas palavras, diremos que as construções condicionais potenciais/eventuais são aquelas em que a prótase é marcada pela eventualidade de um fato, que, se for satisfeito, o enunciado da apódese será tido com certo. Essas condicionais são naturalmente implicativas, pois *a condição enunciada implica o estado de coisas que está na predicação nuclear da frase*, afirma Neves (1999, p. 526).

Entretanto, a implicação não leva a uma relação causal obrigatoriamente, pois há muitas construções potenciais que não possuem relações implicativas, mas de ressalva, condição necessária e suficiente, conforme os dados encontrados:

(97) **IMPLICAÇÃO.** [Se tu **FORES** de pé], tu vais passando. (INF JOV 32)

(98) **RESSALVA.** As roupas são de marca, são mais caras, mas dá até pra comprar [se a gente **TIVER** dinheiro], né? (INF JOV 32)

(99) **CONDIÇÃO NECESSÁRIA E SUFICIENTE.** E agora onde é que nós vamos trabalhar? [Só se ele **ACEITAR** nós de novo.] (INF JOV 32)

Há também autores que chamam estas condicionais de hipotéticas, como Mateus, Brito, Duarte & Faria (1989, p. 301). De acordo com estes, o conteúdo proposicional de prótase especifica o mundo real epistemicamente não-acessível ao intervalo de tempo da enunciação em que se verifica o conteúdo proposicional da apódese. Ademais, segundo Gryner (1990, p. 234), é facilmente

⁸⁰ As condicionais eventuais são diferentes das condicionais *contrafactuais*, nas quais o valor de verdade é firme, negativo, e estados ou eventos envolvidos podem ter ou teriam tido um valor de verdade – se outros estados ou eventos fossem verdadeiros. São diferentes também das condicionais *factuais*, nas quais, segundo Neves (1999, p. 508), o enunciado da prótase condicional factual é tido como real, e a partir daí o enunciado da apódese é entendido como uma consequência necessária, e também real.

possível de identificar uma condicional potencial pela possibilidade de acrescentar a expressão *por acaso* no enunciado, e pela possibilidade de se usar a variante futuro do subjuntivo na prótase.

Para a autora, a proposição potencial caracteriza-se por não pressupor a afirmação nem a negação do fato anunciado. Nessa direção, Ferrari (2005, p. 4) observa que há uma relação entre tempo verbal expresso na prótase e a postura epistêmica do falante, que é uma consequência da noção e da suposição que o falante possui sobre a realidade da prótase. Com uma postura de maior certeza/comprometimento, o falante usa o presente do indicativo na prótase, e com uma atitude de incerteza, o falante usa o FS, nas prótases condicionais.

A título de ilustração, é interessante dizer que Neves (1999) encontrou, nas prótases dessas condicionais, os seguintes tempos verbais aqui citados em ordem decrescente, conforme o número maior de ocorrências: futuro do subjuntivo, presente do indicativo, presente do subjuntivo⁸¹.

Sobre o FS em adjetivas, ele parece ser empregado para transmitir principalmente a noção de dúvida, de uma incerteza relacionada à não-referencialidade e a indefinidade do sintagma nominal (SN), se afastando da codificação de temporalidade, de futuridade, embora a oração relativa⁸² esteja situada em um momento posterior ao momento de fala. Vejamos o exemplo 3, no qual a dúvida parece advir do SN não referencial *qualquer coisa*.

(100) INF: Eu faço pizza. Ah, eu faço qualquer coisa aí. O que **PEDIR** eu faço. (INF JOV 27 P. 2)

Para encerrar a discussão destes resultados, destacamos que houve apenas uma única oração com FS em toda a amostra que não era condicional ou temporal ou relativa, mas se tratava, aparentemente, de uma oração substantiva objetiva indireta, sem preposição, e está abaixo transcrita, em destaque, no trecho:

⁸¹ Mais especificamente, em universo de 35 dados, Neves encontrou 22 ocorrências de FS, 10 ocorrências de PI, 02 de presente do subjuntivo e 01 com verbo elíptico. A explicação fornecida pela autora para esta alternância se assenta na modalidade: o uso do PI na prótase é associado a uma ‘possível verdade’ dos conteúdos (cuja ocorrência é mais provável), e o uso do FS à sua ‘possível falsidade’ (cuja ocorrência é menos provável).

⁸² As orações relativas são subordinadas encaixadas, que funcionam como modificadores de nome no sintagma nominal. Como bem observa Pimpão (1999, p. 95), *as noções de referencialidade e definitude dos sintagmas nominais são centrais no tratamento das cláusulas relativas sob o escopo de estratégias Linguísticas indutoras de irrealis*.

(101) ENT: E se tu arranjares outro emprego, aí se tu saíres do emprego, vais viver de novo do seguro-desemprego, assim?
INF: Não. [**Depende quanto tempo eu TIVER, né?**]
ENT: Mas é por exemplo, é...
INF: Se eu TIVER seis meses de carteira assinada, eu já tenho direito ao seguro-desemprego. (INF JOV 32)

Essa construção merece atenção porquanto em todas as descrições pesquisadas sobre o uso do FS em orações subordinadas, inclusive em gramáticas normativas, nada foi dito sobre o uso do FS em substantivas. Além dos três tipos de subordinadas já discutidos, alguns autores citam que o FS pode aparecer, salvo que, mais raramente, em subordinadas proporcionais.

No caso do dado acima, cogitamos a hipótese de que tenha havido uma reestruturação sintática. É possível que essa construção tenha surgido a partir de uma oração adjetiva como a que segue: *Depende do tempo que eu tiver*. Dessa maneira, haveria aí uma oração relativa embutida: *Depende do tempo o qual eu tiver*, segundo a gramática tradicional. Como encontramos somente um dado desse tipo na amostra analisada, deixamos aqui apenas esse registro, a ser retomado em pesquisas futuras.

4.2.3 Traço (a)temporal no período

Esse grupo de fatores procurou averiguar se o período com FS expressa (sendo que, nessa expressão o FS contribui consideravelmente) um traço temporal, situando o evento em um tempo específico codificado na informação proposicional, ou se o evento não é situado temporalmente, sendo considerado, portanto, como 'atemporal', como se o evento se estendesse na linha do tempo.

Nossa hipótese inicial era a de que a forma do FS não expressa um valor temporal, como o de futuro, de maneira inerente, mas absorve muito o valor temporal, assim como os valores modais, do contexto próximo,

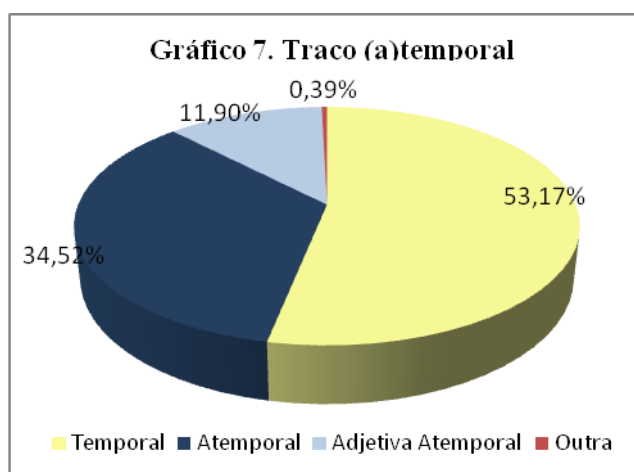
principalmente em decorrência da construção sintática. Na verdade, acreditamos que a noção mais concreta expressa pelo FS é a de um tempo anterior, nos moldes da definição de Bybee (1984, p. 150): *o anterior é uma flexão usada para assinalar uma situação ou evento que é relevante para outra situação ou evento*. Assim, parece que o FS funciona como uma espécie de ‘futuro anterior’.

Entretanto, essa ideia de anterioridade talvez seja passada pela própria construção sintática na qual o FS aparece – principalmente posposto às conjunções *se* e *quando*, que já projetam o evento no mundo hipotético – somada ao fato do verbo da oração principal estar no futuro ou presente do indicativo (diferentemente das construções condicionais e temporais com verbos no passado). A grande diferença dessas adverbiais com verbos no indicativo, como nesse caso: *Quanto eu caminho, sempre encontro o João/ Se ele estuda, pode conseguir um emprego bom*, e as com o verbo no FS, parece ser o grau de certeza no julgamento do falante, que nesses casos é de alta certeza, diferentemente das adverbiais com FS.

Dessa forma, temos razões pertinentes para dizer que a expressão temporal do FS depende de fatores como o tipo de conjunção subordinativa, ou o tempo do verbo da oração principal, podem influenciar no sentido que o FS expressa.

Na amostra analisada, podemos afirmar que houve um leve predomínio de marcação temporal nos períodos investigados (53%), ocorrendo também uma quantidade expressiva de expressão de atemporalidade, muito relacionada à presença de marcas habituais ou ideias ditas genéricas nos contextos.

O gráfico 7 pode demonstrar melhor o percentual encontrado.



Apresentamos alguns dados encontrados:

- (102) [**Temporal**] O dia em que **NASCER** a minha filha, já foram tantas Camila, e de repente eu não vou poder botar. (INF 20 L 1014)
- (103) [**Temporal**] Se tu não **GANHARES**, eu vou na Carlos Correa contigo. (INF 20 L793)
- (104) [**Atemporal**] Vai tudo do pensamento, da força do pensamento, se **QUISER** conseguir, consegue. (INF 17 L 1262)
- (105) [**Atemporal**] Tu precisas de uma força, não só pra tu também quando **PRECISARES** sair e deixar, né? (INF 20 L 923)
- (106) [**Adjetiva Atemporal**] Eu posso andar com terno, com blazer, o que **FOR**. (INF 19 L 879)
- (107) [**Adjetiva Atemporal**] Então eu respeito todas as demais, seja ela que tipo **FOR**]. (INF 21 L 298)

Como podemos ver na amostragem acima, quando o FS está numa oração relativa, ele marca mais nuances modais de dúvida e incerteza, em virtude do caráter não-referencial do SN, não atuando no domínio da temporalidade, por isso, nesses casos, os períodos foram classificados como 'atemporais adjetivos'. São os casos dos exemplos (106) e (107).

Entretanto, quando o FS aparece em adverbiais condicionais ou temporais, ele contribui na expressão da (a)temporalidade da construção. Nos exemplos (102) e (103), as construções marcam um momento temporal definido, uma condição particular/específica para um evento ocorrer, como em: *O dia em que nascer a minha filha* (condição específica), *eu não vou poder botar* (evento). Enquanto que, nos exemplos (104) e (105), as construções expressam uma condição mais genérica para um evento acontecer, isto é, esse evento pode se realizar a qualquer momento em que uma condição se satisfaça, como em: *Quiser conseguir* (condição não-específica, habitual), *consegue* (evento), de modo que se pode interpretar a frase assim: *Sempre que alguém quiser conseguir, consegue*.

Um outro exemplo interessante, que expressa o caráter atemporal e genérico que uma condicional com FS pode atingir, funcionando como uma 'verdade eterna', um 'pensamento comum', é o próximo (108):

(108) "Pega um copo que tem leite e faz xixi, se **TALHAR** o leite é porque tu estás grávida. " (INF 20 L975)

Esse enunciado representa quase que um conhecimento do senso comum, uma verdade, permitindo a leitura: *Toda vez que o leite talhar, é porque a mulher está grávida.*

Com base na análise aqui proposta, podemos considerar que o FS atua junto com os outros elementos da construção na expressão da modalidade e temporalidade transmitida pela construção. Desse modo, o FS teria como função expressar uma condição, em um tempo específico, que geralmente está relacionado com tempo futuro, ou em um tempo genérico, muitas vezes, ligado com o tempo/aspecto habitual, ou com uma 'verdade perene, comum'. E, segundo os resultados encontrados, o FS está mais em consonância com a expressão da temporalidade, pois, conforme os percentuais, 53% dos períodos passam um valor temporal ao contexto.

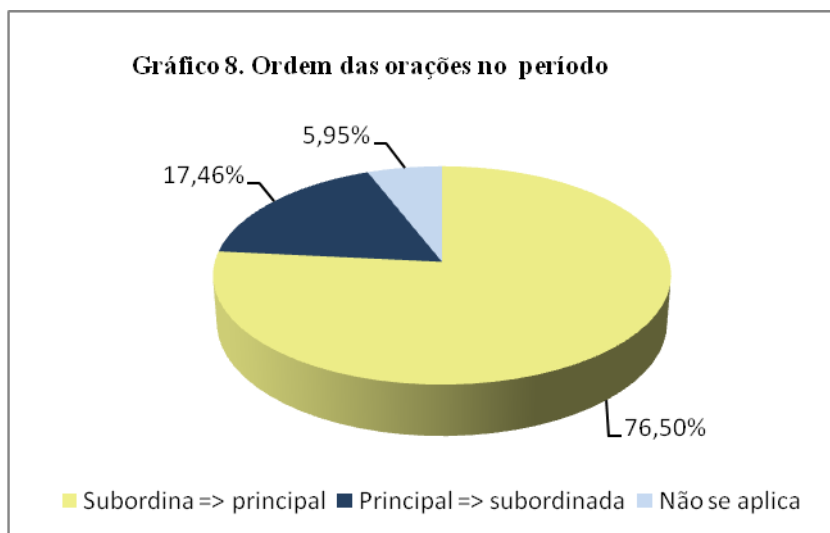
A partir disso, podemos responder ao questionamento levantado na metodologia sobre se função do FS está mais para marcação temporal ou modal da seguinte forma: uma vez que o FS nas adverbiais estudadas sempre expressam uma condição, e condição está relacionada à possibilidade/probabilidade – sendo que estas são noções de modalidade – afirmamos que o FS sempre transmite nuances modais (até mesmo nas adjetivas), porém, nas adverbiais, ele pode contribuir para expressão da temporalidade (quase sempre ligada com futuramente), ou da atemporalidade.

4.2.4 Ordem das orações no período

De acordo com os resultados, a grande maioria das orações subordinadas com FS está anteposta às principais, aproximadamente 77% delas,

sugerindo que o contexto prototípico de uso das orações com FS seja o de oração antecedente.

Abaixo, ilustramos com o gráfico 8 os resultados em percentuais.



É muito provável que esse resultado tenha ocorrido em função do predomínio de condicionais, seguidas por temporais⁸³, pois essas construções, geralmente, obedecem à ordem lógica: antecedente e consequente. Isso porque, há entre elas, normalmente, uma relação de implicação, em que a condição para realização (oração subordinada) implica uma consequência/resultado (oração principal). De acordo com Neves (1999), a construção condicional apoia-se numa hipótese. Tal ordenação reflete o princípio icônico da ordem sequencial, em sua face semântica da ordem linear (GIVÓN, 1991)⁸⁴, segundo o qual a ordem das orações no discurso tende a corresponder à ordem temporal ou cronológica dos eventos descritos.

Abaixo, exemplificamos algumas ocorrências encontradas que podem ilustrar essas ideias:

⁸³ Analisando dados do Varsul/Florianópolis, Gorski (2000) encontrou 80% de orações adverbiais temporais antepostas, salientando ser esta a ordem preferencial para codificar a relação de temporalidade em enunciados orais prototípicos.

⁸⁴ Princípio posteriormente rebatizado como “Regras de sequência”, que recobre a faceta “Ordem de ocorrência e ordem reportada: A ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem linguística dos eventos” (GIVÓN, 1991, p. 35).

(109) Se tu não **PASSARES**, vais ter que sair. " (INF JOV 32)

(110) Quando ele **VER** como é que é, aí eu acho que ele vai se arrepender.
(INF 10 L 657)

(111) Lasanha, eu como se **TIVER** farofa. (INF JOV 27 P. 1)

(112) Diversão é uma coisa que de repente pra mim só se **PINTAR**, só se **TIVER** em cima da hora. (INF JOV 26 P. 6)

(113) O que **PEDIR** eu faço. (INF JOV 27)

(114) Agora não acredito que todo o dinheiro estava investido, seja em que papel **FOR** (INF 21 L 513)

Os exemplos (109) e (110) estão na ordem de maior recorrência nos dados: oração subordinada como anteposta e principal como posposta. Eles apresentam uma relação natural de implicação, em que o falante expressa primeiramente a condição, a do exemplo (106), *Se tu não passares*, que implica uma consequência ocorrer, *Vais ter que sair*. E, esta relação obedece à ordem temporal, cronológica na qual os eventos têm que ocorrer.

Já, nos dados (111) e (112), existe uma relação de implicação mais suave, menos explícita, e o que parece prevalecer é que a oração subordinada, nesses casos, expressa uma ressalva em relação ao proposto na oração principal. Por exemplo, em (111), a asserção é *lasanha, eu como*, e a ressalva: *se tiver farofa*. Essa ressalva parece ser mais bem captada na entonação no discurso oral. Ademais, em (111) e (112) temos construções com referentes topicalizados (*lasanha, diversão*), o que leva, por pressão informacional, à posposição da oração subordinada.

Esses casos ilustram uma situação tipicamente funcional de motivações em competição: ora é o ‘princípio semântico da ordem linear’, ora é o ‘princípio pragmático da ordem e importância’ – segundo o qual a fatia de informação mais importante é colocada na frente (GIVÓN, 1991; 2001) – que orienta a codificação desses enunciados no fluxo discursivo.

Finalmente, os exemplos (113) e (114) mostram, respectivamente, a ordem oração subordinada depois principal, e oração principal depois subordinada, em adjetivas. Nesses dois casos, não há uma relação de implicação entre as orações, pois oração adjetiva qualifica/modifica/relativiza o evento da oração principal. A ordenação, em ambos os dados, provavelmente obedece à

continuidade do fluxo discursivo, estando em jogo aí o princípio do dinamismo comunicativo (informação dada precede informação nova)⁸⁵.

Destacamos que, em quase todas as orações adjetivas, a oração subordinada ocorreu posposta à oração principal, o que indica não só que a própria configuração sintática dessas construções propicia a posposição da subordinada, mas também que a atuação do FS nesse tipo de construção se difere da função nas adverbiais. No caso das adjetivas, uma outra motivação parece entrar em competição na ordenação das orações: a pressão estrutural da configuração sintática das relativas.

4.2.5 Tempo do verbo da oração principal do período com FS

O tempo/modo verbal da oração principal mais comum nos dados foi o presente do indicativo (PI), seguido pelo futuro do presente do indicativo (FI).

Esse resultado já era esperado. Todavia, a grande diferença percentual entre as ocorrências no PI (65%), bem mais frequentes, e as ocorrências no FI (18%), foi o que surpreendeu, uma vez que considerávamos, com base em descrições gramaticais, que o verbo principal no PI e no FI ocorreria relativamente na mesma proporção.

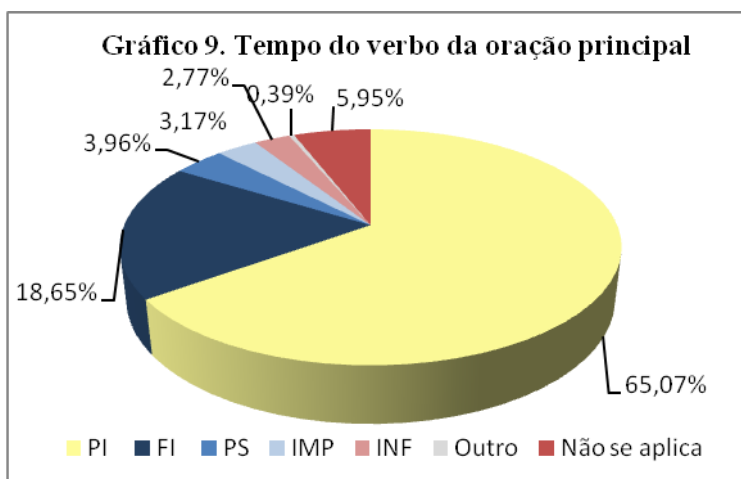
Poderíamos relacionar a alta presença de verbos no tempo presente nas orações principais dos dados analisados com a própria função desempenhada por boa parte das proposições com FS, que é de hipotetizar uma situação em que, para um evento futuro ocorrer, seja necessário que se satisfaça uma condição (dita pela oração com FS). Como a hipótese do falante é baseada em seu conhecimento de mundo, na maneira como as coisas ao seu redor se constituem, seria apropriado que ele usasse um tempo verbal que codificasse a constituição das coisas no mundo, seja essa constituição física, lógica, psicológica ou social. E, segundo Bybee *at al.* (1994 p. 152), há muitos autores que defendem a ideia

⁸⁵ Como podemos ver pela recuperação de informações do contexto maior do exemplo (19): *Agora não acredito que todo o dinheiro que estava investido, [seja em que papel FOR], seja em over, em open, ou caderneta de poupança, de todas as empresas, sejam pequenas, médias ou grandes empresas, fosse especulação imobiliária.* (INF 21 L 513)

de que o presente simples descreve principalmente como o nosso mundo é feito, tal como as coisas que podem acontecer nele. É o caso do exemplo (115) abaixo, em que o falante usa o presente simples para expressar uma quantificação (opinião) epistêmica em relação a pessoas no mundo:

(115) Então, há uma transformação muito grande, mas tudo parte do princípio da educação. [Se **TIVER** educação, **tudo é aceito**] Eu acho assim, certo? Quer dizer, na vida profissional, na vida do casal. (INF 13 L 1258)

O gráfico 9 ilustra a percentagem desses dois tempos verbais nos dados, assim como a de outros tempos verbais encontrados, como o presente do subjuntivo (PS), o imperativo (IMP), o infinito (INF).

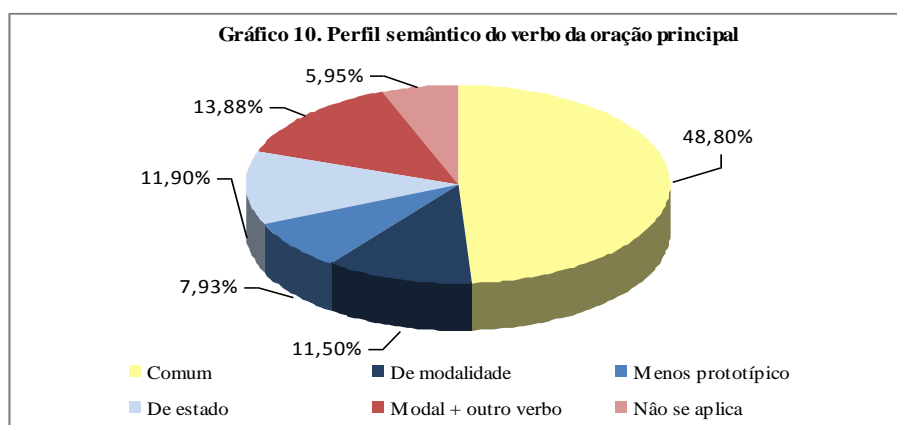


Observamos que, em toda a amostra, apareceu apenas uma ocorrência com outro tempo verbal que não fosse os acima citados, nesse caso era um verbo no pretérito imperfeito do indicativo. Fora isso, é necessário dizer que o percentual referente aos casos em que essa análise 'não se aplica' (5,95%), diz respeito aos dados em que o verbo da oração principal não foi proferido pelo falante, apesar de poder ser inferido através de informações extras do contexto, ficando subentendido.

4.2.6 Perfil semântico do verbo da oração principal

Na análise dos dados, identificamos que cerca de 49% dos verbos da oração principal são do tipo 'comum', aqueles tidos como os mais prototípicos por envolverem ação, atividade, e possuírem um agente ativo e um paciente afetado. Entretanto, se agruparmos todos os outros tipos de verbos investigados tidos como não-comuns, eles representam perto de 51% da amostra.

Os percentuais estão mais bem detalhados no gráfico 10, a seguir.



Apesar do número relativamente expressivo de verbos não-comuns, esperávamos ter encontrado mais verbos desses grupos, principalmente os verbos de modalidade e modais, ou seja, os *irrealis*, devido à influência de forças modais no contexto. No entanto, retomando o grupo de fatores anterior, verificamos a ocorrência expressiva de verbos no futuro do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo, o que tona qualquer verbo *irrealis*. Isso provavelmente explica o não-predomínio de verbos 'não-comuns' na oração principal, pois o contexto *irrealis* já está instaurado mediante outros recursos. Um traço modal no verbo principal seria um elemento modalizador a mais no contexto do FS.

Com essa análise, podemos evidenciar a pertinência de se investigar em os tipos semânticos dos verbos da amostra, como objetivou esse grupo de fatores, pois pode refletir, de maneira explícita, a interconexão entre modalidade

inerente de verbos, modalidade proposicional e coerência discursiva – que, segundo Givón (1995), é como a gramática da modalidade se manifesta no discurso, como podemos conferir pelo exemplo abaixo:

(116) Aí eu peguei, olhei pra ele e disse: “Olha, João, eu vou te dizer uma coisa: [se tu algum dia **QUISERES** ver o teu filho, tu **PODES IR**,] mas pra morar dentro de casa, pra viver mais lá dentro de casa, eu não te **quero** mais.
(INF 03 L 965)

Há nesse contexto uma inter-relação entre os sentidos modais de volição e poder, expressos pelos verbos *quiseres*, *podes* e *quero*, que co-atuam na expressão da modalidade (deôntica) *irrealis*.

Por fim, como o objetivo de testar esse grupo de fatores era principalmente o de poder retratar um panorama, através de quantificações, de quais são os tipos verbais mais frequentes na oração principal, podemos, assim, concluir que o uso do FS ocorre mais frequentemente em contextos sintáticos em que os verbos da oração principal projetam escopo *realis*, apesar de ser significativo fato de que muitos desses verbos, mesmo estando em proporção menor que os comuns, sejam verbos de estado ou menos prototípicos. Para uma síntese conclusiva mais abrangente sobre o perfil dos verbos das orações principais que estão no período com o FS, seria necessário uma amostra de dados maior, o que é uma pretensão para pesquisas posteriores.

4.3 GRUPOS DE FATORES RELATIVOS AO VERBO NO FS

As ocorrências analisadas referentes aos grupos de fatores (10), (11), (12) e (13) podem ser contempladas através da tabela 3.

GRUPOS DE FATORES	Número de ocorrências	Percentual
Grupo 11. Traço semântico do verbo FS		
Comum	111	44, 04%
De modalidade	55	21, 82%
Menos prototípico	38	15, 07%

De estado	48	19, 04%
Grupo 12. Verbo no FS como auxiliar, principal ou híbrido		
Principal	209	82, 93%
Auxiliar	33	13, 09%
Híbrido	10	3, 96%
Grupo 13. Morfologia regular do FS		
Regular	89	35, 31%
Irregular	156	61, 90%
Irregular 'regularizada'	7	2, 77%
Grupo 14. Item lexical do verbo no FS		
Querer	43	17, 06%
Ir	10	3, 96%
Ser	47	18, 65%
Outro	152	60, 31%

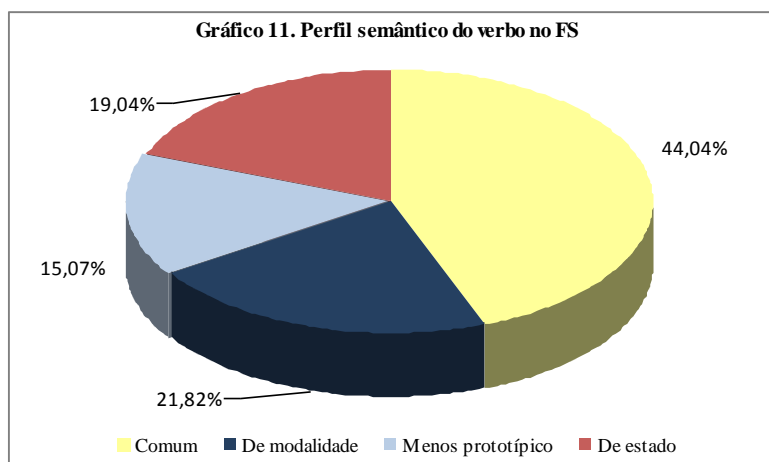
Tabela 3. Distribuição dos dados com FS referentes aos grupos de fatores relativos ao verbo no FS.

4.3.1 Perfil semântico do verbo no FS

O objetivo da investigação deste grupo de fatores foi de realizar uma diferenciação entre os perfis semânticos dos verbos no FS para quantificarmos a frequência com que cada um dos tipos de verbos analisados aparece nas ocorrências, com ênfase na análise da recorrência dos verbos de modalidade.

Os resultados indicam que os verbos comuns foram os mais frequentes (111 ocorrências = 44%). Mas, podemos dizer que houve um número expressivo de verbos de modalidade (55 ocorrências = 21, 82%), posto que, o universo destes verbos (de modalidade) é bem menor do que o dos verbos ditos comuns.

O gráfico 11 demonstra a percentagem desses dois tipos e dos demais, encontrados na amostra:



Em comparação ao grupo de fatores anterior, que também investigava a caracterização semântica do verbo – no caso, o da oração principal – a presença de verbos tidos como não-comuns no FS foi pouco maior, atingindo cerca de 56% das ocorrências, ou seja, 5% a mais do que os verbos não-comuns na oração principal, uma quantidade não significativa.

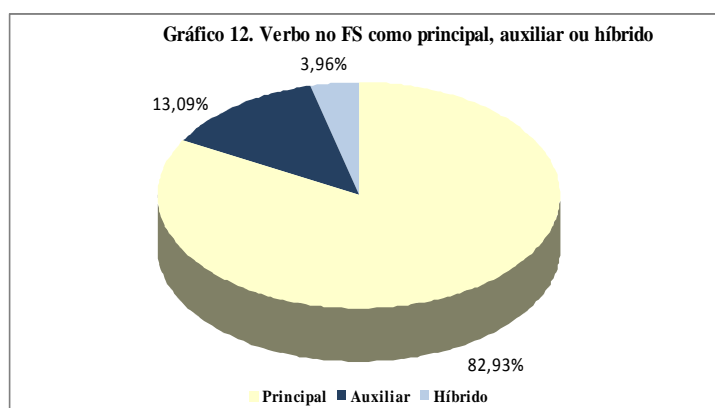
No entanto, torna-se um pouco complicado traçarmos comparações entre os dois grupos no que se refere à modalidade *irrealis*, já que há uma grande diferença entre os verbos no FS (da oração subordinada) e os verbos da oração principal, haja vista que, obviamente, todos os verbos no FS tornam-se naturalmente *irrealis*, enquanto que os verbos da oração principal são *irrealis* apenas quando estiverem conjugados no futuro do indicativo ou no presente do subjuntivo ou no imperativo.

De maneira geral, podemos afirmar, com base nesses resultados, que o uso do FS ocorre principalmente em verbos comuns, no entanto também aparece com relativa frequência em verbos de estado e de modalidade, mostrando talvez que a sua força modal, oriunda da flexão de subjuntivo, já é suficiente para efetivar sua função de operador *irrealis* no discurso.

4.3.2 Verbo no FS como principal, auxiliar ou híbrido

Esse grupo de fatores evidencia que o domínio do FS se assenta basicamente no seu uso como verbo principal, apesar de o uso do FS como auxiliar modal também apresentar uma certa recorrência.

O gráfico 12 apresenta, com mais detalhes, o percentual dos dados analisados.

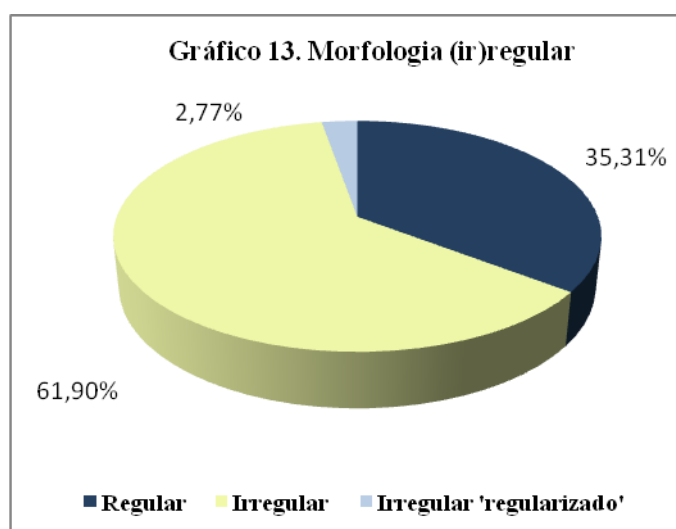


Com esse grupo de fatores, o intuito era verificar qual a frequência de codificação do FS como verbo auxiliar (ou mesmo como híbrido), esperando-se que esse uso fosse bastante recorrente, o que poderia apontar para uma função adicional do FS: a de atribuir ou reforçar o caráter modal do auxiliar. Contudo, os dados encontrados não permitiram confirmar essa hipótese devido à elevada frequência do FS como verbo principal.

Ademais, a maioria das ocorrências do FS como verbo auxiliar tratava-se do verbo *querer*, além de alguns casos dos verbos *poder* e *ter*, que funcionam perfeitamente como auxiliares modais, em outros tempos verbais no português, ou seja, um fato relacionado mais com à natureza lexical desses verbos do que com a conjugação dos mesmos no FS.

4.3.3 Forma verbal do verbo no FS como regular, irregular ou regular 'regularizada'

Os resultados encontrados indicam que houve uma alta frequência de verbos irregulares no FS, em relação aos regulares, conforme mostra o gráfico 13:



Com esse grupo de fatores objetivou-se verificar duas hipóteses: (i) se a irregularidade de certas formas verbais no FS causaria a baixa ocorrência dessas formas nos resultados, visto que elas poderiam ser pouco conhecidas pelos falantes; (ii) se, pelo contrário, a irregularidade dessas formas no FS poderia influenciar na alta ocorrência dessas formas nos dados, devido à possibilidade de essas formas terem adquirido uma dada autonomia semântica em função da sua própria irregularidade.

Uma ressalva deve ser feita: como em nossa amostra trabalhamos com um número relativamente pequeno de dados, isso não nos permite confirmar uma hipótese, ou desenvolver uma ideia mais generalizante sobre o paradigma do FS em português, o que deixaremos para realizar em futuras pesquisas.

Contudo, a partir dos percentuais evidenciados no gráfico, podemos hipotetizar que muitas formas irregulares no FS, devido as suas altas frequências lexicais na língua, como é o caso do *puder, tiver, estiver, quiser, for* (verbos que

por razões cognitivas e pragmáticas acabam sendo muito utilizados no discurso), passaram a se manter no português, 'carregando' consigo as construções subordinadas em que aparecem, em função de suas frequências elevadas de uso.

Em consonância com Bybee (1985, p. 56), diremos que a frequência de uma palavra influi na sua autonomia, em sua 'armazenagem' na memória de forma mais independente, e também determina a capacidade de uma forma resistir à mudança morfofonêmica, inclusive a mudança por analogia, que seria o caso do FS, já que muitos falantes realizam analogia com o infinito pessoal e 'regularizam' muitas dessas formas irregulares.

A questão da frequência seria uma alternativa também para explicar por que o paradigma do FS permaneceu em português, isto é, a sua permanência se deve à frequência de uso que deve ter havido.

No entanto, é difícil entender como uma forma verbal permanece em uma língua e erode em outra, como é o caso do FS no espanhol. Em outras palavras, o que leva uma mudança a se efetivar numa língua-irmã, como é o caso do espanhol em relação ao português, e não em outra, é uma questão que vem instigando os linguistas há muito tempo, principalmente, os que se dedicam à área da sociolinguística e da dialetologia. É preciso admitir que a *história da línguas não está submetida a princípios universais, constantes e necessários. Como produto da atividade humana, as línguas submetem-se às contingências e vicissitudes da própria vida concreta dos homens.* (MARGOTTI, 2003, p. 4)

Em outras palavras, entender como e porque se dá a mudança linguística foge ao alcance deste trabalho, assim como procurar correlações socio-históricas que influenciaram no fim do uso do FS, no espanhol.

Finalmente, é preciso ressaltar que o paradigma de FS em português deriva do pretérito perfeito do indicativo e tem como forma básica a 2^a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, menos a desinência *-ste*. Desse modo, as formas irregulares do pretérito, como em 'tu *tiveste*', mantêm sua irregularidade no FS, 'tu *tiveres*'.

Disso resulta que (i) a autonomia das formas irregulares do FS é relativa, uma vez que as mesmas estão relacionadas por derivação com as formas do perfeito do indicativo, que são as verdadeiras formas básicas, pois não podem ter sido derivadas de outras; e (ii) a formas irregulares no FS se mantêm também em função da alta recorrência dessas formas no pretérito perfeito do indicativo, que é um tempo/modo verbal de uso extremamente frequente, mais até do que os tempos do subjuntivo.

A seguir, apresentamos alguns exemplos nos quais os falantes realizaram a dita 'regularização' de formas irregulares, observando que os informantes mais jovens, os da faixa etária C (15 a 24 anos), foram os que mais fizeram isso.

(117) INF: Que eu tenho um problema assim, não tem? Daí [se **DAR (der)** alguma coisa.. .] (INF JOV 28P 17 P. 3)

(118) INF: Gosto de tudo quanto é tempero. Assim, né? Fruta, essas coisas. [Tudo o que **VIR (vier)** eu como.] (INF 32 P. 2)

(119) INF: "Ah, ele está falando assim, ele vai botar nós pra rua. [Se eu **TRAZER (trouzer)** a carteira amanhã, ele vai ter que assinar.]" (INF JOV 32 P. 4)

(120) INF: Lá não, agora lá dentro eles podem fazer, [quando **SER (for)** preso eles não precisam comprar], eles podem fazer, né? fazer em casa, né? (INF JOV 28 P. 30)

(121) INF: [Quando ele **VER (vir)** como é que é, aí eu acho que ele vai se arrepender.] (INF 10 L 657)

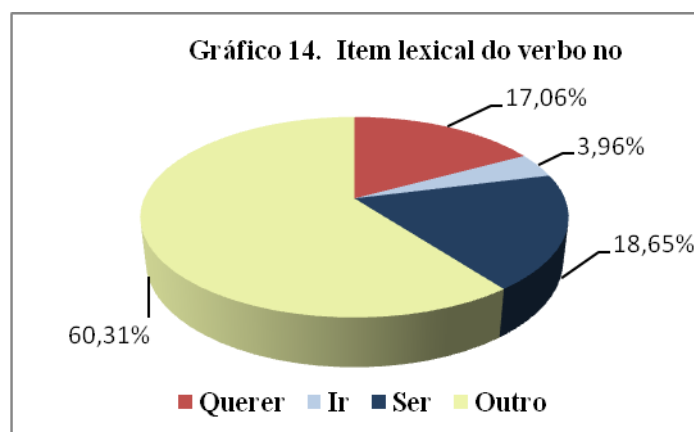
Convém registrar, entretanto, que esse baixo índice de regularização (2, 77%) não coincide com os resultados de um estudo de Reis (2008, p. 10), em que foi realizado um teste com crianças e adolescentes, no qual eles tinham que preencher lacunas em frases, com as formas no FS⁸⁶. Tanto na amostragem de Reis, que era pequena, como na de Macedo (1980), que era extensa, os resultados foram próximos: cerca de apenas um terço dos estudantes usou 'corretamente' as formas irregulares, o restante utilizou formas regularizadas, ou até de presente ou futuro do indicativo. Contudo, observamos que, em ambas as pesquisas foram utilizados testes que continham vários verbos irregulares não-frequentes, como *compuser*, *retiver*, *mantiver*, o que pode ter levado ao alto índice de 'regularização' por parte dos falantes.

⁸⁶ Este teste foi retirado da tese de Macedo (1980), em que a autora fez uma pesquisa sociolinguística com estudantes do Rio de Janeiro, para investigar se eles usariam as formas irregulares ou as 'regularizadas'. Segue um exemplo deste teste: Sei que você não **faz** bobagens. Me avise se esta menina _____ algo.

4.3.4 Item lexical do verbo no FS

Esse grupo de fatores foi investigado com o intuito de quantificar a frequência dos itens lexicais verbais: *ser*, *ir* e *querer*, devido à grande recorrência das formas *for* e *quiser* nos dados.

De fato, a presença dessas formas foi relativamente expressiva, como aponta o gráfico 14:



Esses resultados indicam que a frequência de uso de certos itens lexicais no discurso pode favorecer a sua alta recorrência em pesquisas, como esta, o que pode levar a enviesamentos de análise, segundo Bybee (2007). Por exemplo, não adiante afirmar que as formas irregulares foram as mais frequentes nesta pesquisa, por isso seriam as mais usadas. O que ocorre, é que a maioria das formas irregulares encontradas foi de verbos lexicalmente muito frequentes no discurso humano, por serem cognitivamente mais úteis. Por exemplo, a maioria dos falantes sente mais necessidade de expressar uma vontade, um desejo, e com isso, utilizam o verbo *querer* (que fica *quiser*), do que, por exemplo, expressar que uma música foi criada, usando o verbo *compor* (que fica *compuser*), ou que algo está dentro, contido em um recipiente, usando o verbo *conter* (*contiver*).

A título de ilustração, quantificamos a porcentagem em que cada outro verbo irregular apareceu na mostra, de forma a verificar se esses verbos encontrados têm alta frequência de uso. Depois das formas *quiser* e *for*, o verbo

fizer foi o mais recorrente (11, 90% dos caos), seguido do verbo *der* (4, 36%), dos verbos *disser* (1, 98%) e *estiver* (1, 98%). Por fim, os verbos *fizer*, *puder*, e *souber* ocorreram, cada um, em 1, 19% da amostra, conforme os ados.

Contudo, para maiores conclusões sobre esse fator é necessário um estudo com um *corpus* maior e mais diversificado, o que pode ser possível em trabalhos futuros.

Cabe, por fim, observar que o falante lida muito bem com a homonímia expressa pelo verbo *for*, pois ele usa habilmente essa forma ora com o sentido de *ser*, ora com o sentido de *ir*. Como vemos a seguir:

(122) ENT: Para o cachorro ele não montou nada?

INF: Não. Não, para o cachorro, ele fez foi um bebedouro lá e um comedouro pra [se a gente **FOR** pra praia, a comida vai caindo devagarzinho], sabe? (INF 29 P 22 L 2)

(123) ENT: O senhor foi indicado então para administração hospitalar?

INF: Achava que não era a pessoa indicada. Mas ele insistiu e disse: “Olha, tem uma equipe de São Paulo, lá, do Professor Odair Pedroso, [se **FOR** necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um cursos.]” (INF 21 L 269)

No primeiro exemplo, a ideia de moção é inferida pelo presença do adjunto adverbial de lugar *pra praia*, enquanto no segundo caso, a ideia de estado é adquirida pela presença da predicação subjetiva, *necessário*. Observamos ainda que essa homonímia é encontrada também no tempo primitivo, o perfeito do indicativo, como podemos perceber em: *Fui ao shopping/Já fui muito bonita*.

Em se tratando de homonímia ainda, vale por fim registrar uma ocorrência em que o falante pronuncia *tiver*, mas se referindo ao verbo *estar*, não ao verbo *ter*:

(124) ENT: De repente. É e tu quando vais ao shopping, tu passas no cinema também? Gostas de ir ao cinema?

INF: Adoro, principalmente se (es)**TIVER** passando um filme do Van Damme. (INF JOV 29 P 10 L 6)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, de caráter retrospectivo, avaliativo e programático, retomamos, resumidamente, as etapas do trabalho, enfatizando os principais resultados, avaliando o alcance e as limitações da pesquisa e propondo desdobramentos para investigação futura.

A partir de um olhar funcionalista, buscamos estudar o uso do FS no português falado, destacando as motivações semântico-pragmáticas, advindas dos contextos discursivos, para o uso das orações com FS.

Para tanto, investigamos o uso do FS considerando diferentes contextos, do nível macro para o nível micro, em relação ao escopo dos dados dessa forma verbal: desde o contexto discursivo mais amplo, passando pelos enunciados/períodos sintáticos, pelas orações subordinadas, até chegar ao próprio item verbal – diferentes níveis que funcionam de maneira articulada. Essa abordagem está em consonância com o pressuposto de Givón de que as forças semântico-pragmáticas, representadas pela gramática da modalidade, atuam em conjunto através (i) da modalidade inerente ao verbo (lexical) ou advinda das flexões de subjuntivo e/ou futuro; (ii) da modalidade proposicional, em virtude das configurações oracionais (semântica proposicional); (iii) da perspectiva pragmática entre falante e ouvinte (coerência discursiva) durante a interação comunicativa.

Além disso, procuramos articular essas motivações funcionais com as forças estruturais, de caráter morfossintático, ao estudar questões concernentes à ordem das orações no período, e à própria morfologia do paradigma de FS. Mais precisamente, na análise morfológica de FS em si, enfatizamos a questão das formas irregulares de FS, posto que essas foram as ocorrências mais frequentes, propondo justificativas de caráter funcionalista, embasadas principalmente em trabalhos de Bybee.

Consideramos, pois, a existência de motivações em competição no processo de codificação linguística, no sentido de que diferentes princípios atuam numa “arena interativa”, onde subsistemas em competição se ajustam dinamicamente num compromisso eclético (GIVÓN, 1995, p. 9). Em outras palavras, consideramos que (i) no âmbito mais funcional, forças de natureza semântica interagem e competem com forças de natureza pragmática; assim

como, (ii) no âmbito mais estrutural, diferentes níveis gramaticais interagem e competem no condicionamento de determinados usos; e, ainda, consideramos que (iii) existem constantemente pressões funcionais competindo com pressões estruturais.

Para levar a cabo a tarefa acima delineada, esta pesquisa se organizou conforme descrito a seguir. Primeiramente, na introdução, apresentamos a proposta de trabalho juntamente à fundamentação teórica funcionalista, de linha norte-americana. Dentro desse campo teórico, utilizamos, para a discussão, no decorrer da pesquisa, principalmente os trabalhos de Givón (2001; 2002), Bybee (1984) e Bybee *at al.* (1994). Além disso, ressaltamos a utilização de uma abordagem metodológica que prioriza o raciocínio abduativo, que busca proceder de um resultado observado, invocar uma lei e inferir que algo pode ser o caso – o que tentamos realizar no decorrer da pesquisa.

Ainda na introdução, expusemos os objetivos da pesquisa, que, em suma, buscam (i) analisar os contextos de uso do FS a partir de uma análise discursiva ampla, de forma a ser possível aventar um domínio funcional para o FS em português; (ii) investigar a estreita relação entre subjuntivo e modalidade *irrealis* através da atuação de forças semântico-pragmáticas; além de (iii) discutir questões mais morfossintáticas relativas a tipo de oração subordinada, ordem das orações no período, e até a morfologia (ir)regular do FS – de maneira que isso tudo pudesse influenciar em seu uso.

Sendo assim, apresentamos uma hipótese inicial de que a função mais específica do FS seria de contribuir com a significação do não-fato ou atitude *irrealis*, reforçando sentidos como: dúvida, incerteza, desejo (normalmente atribuídos ao subjuntivo), e projeção futura e hipotética para a situação (sentidos normalmente atribuídos ao tempo futuro).

No capítulo dois, apresentamos a revisão teórica, que se desdobra em duas seções. Na primeira, discorremos sobre a origem do FS no português; apontamos algumas descrições gramaticais sobre o seu uso; e, ainda, discutimos sobre o significado das formas gramaticais em geral. Na segunda seção, apresentamos a base teórica na qual se assenta este trabalho, que se fundamenta na ideia de domínios tipológicos funcionais, enquadrando-se aí o domínio funcional da modalidade, que, por sua vez interage com as categorias tempo e aspecto. Dentro dessa perspectiva, discorremos sobre várias concepções teóricas acerca da modalidade, além de mostrar a distribuição da modalidade na

gramática. Por fim, discutimos a relação entre subjuntivo, futuro e modalidades *irrealis*, por ser esse o campo de atuação do FS.

No capítulo da metodologia, detalhamos a composição de nossa amostra: 28 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Florianópolis, oriundas do banco de dados Varsul. Também apresentamos os 14 grupos de fatores que foram controlados para analisarmos o *corpus*, os quais foram propostos para se verificar a hipótese inicial, vista acima, que acabou se desdobrando em três mais específicas: (i) a primeira previa que o uso das orações com FS deveria ocorrer prioritariamente em contextos do domínio *irrealis*, compostos por várias expressões *irrealis*, presentes em trechos de discurso argumentativo; (ii) a segunda afirmava, principalmente, que o FS apareceria, na grande maioria dos casos, em orações condicionais, e antepostas à principal, e que essas proposições expressariam sentidos modais mais epistêmicos; (iii) e, conforme a terceira hipótese, os principais verbos no FS seriam os ‘não-comuns’, com destaque aos de modalidade e de estado, e os com morfologia irregular, com destaque para as formas *for* e *quiser*. Como veremos a seguir, a maioria dessas hipóteses foram confirmadas atestadas empiricamente.

Logo após, no capítulo quatro, que discussão e análise dos resultados, testamos os verificamos a atuação dos 14 grupos de fatores, que foram agrupados reunidos em três seções. Uma, para tratar dos grupos de fatores (1, 2, 3, 4) concernentes ao contexto discursivo maior; outra para discorrer sobre os grupos (5, 6, 7, 8, 9, 10) relativos ao período com o FS; e uma última, para discutir os grupos de fatores (11, 12, 13 e 14) relacionados ao verbo no FS. Dessa maneira, os principais resultados encontrados foram esses que expomos a seguir.

Sobre os resultados dos grupos que investigavam o contexto discursivo, destacamos que:

- (i) o contexto discursivo mais frequente não foi o do tipo A (argumentativo) – que era o esperado –, o qual esteve em 29% de ocorrências, mas foi o B (expositivo, narrativo), presente em 47% dos dados, talvez em função da própria natureza da entrevista do banco Varsul, que privilegia o discurso narrativo;
- (ii) em 80% dos contextos com uma oração com FS, havia também ao menos uma expressão *irrealis* (EI), em conformidade com nossa expectativa inicial, sendo que, em

48% desses contextos ocorreu também, no mínimo, uma predicação subjetiva (PS), o que indica a consonância entre FS e contextos de alta subjetividade em que atuam outras forças modais *irrealis*;

- (iii) cerca de 50% dos contextos eram mais *irrealis* [+I], outros 30% ficavam na interface *realis-irrealis* [R-I], e aproximadamente 20% eram compostos apenas por asserções *realis* [+R], mostrando, mais uma vez, que o domínio do FS se estabelece no domínio *irrealis*, como havíamos hipotetizado;
- (iv) o FS ocorreu em 26% de contextos com marcas de futuridade, e, em 28% com marcas de habitualidade, revelando que este grupo de fatores não foi muito significativo para a caracterização do domínio funcional do FS, apesar de fornecer algumas indicações sobre a relação entre FS e temporalidade.

No transcorrer da análise, notamos algumas correlações entre esses grupos de fatores. Os contextos do tipo C (emotivos, volitivos) foram, em sua grande maioria, mais *irrealis*, e apresentaram várias marcas de futuridade, e, enquanto os contextos discursivos B (expositivos), apesar de, em sua maioria terem sido mais *irrealis*, caracterizaram-se também como contextos *realis-irrealis*, e somente *realis*. Já, os contextos discursivos A (argumentativos) se destacaram por apresentar contextos mais *irrealis* e *realis-irrealis* quase que na mesma proporção, e por conterem elevado número de predicações subjetivas.

Em relação aos dados associados aos grupos de fatores que examinaram as proposições com FS, ressaltamos os resultados seguintes.

- (i) a modalidade proposicional, mais recorrente foi a epistêmica (70% das ocorrências), corroborando nossa hipótese inicial segundo a qual os julgamentos epistêmicos do falante seriam os mais comuns nas orações com FS, pois estão relacionados ao grau de (in)certeza que o falante assinala em seu enunciado;
- (ii) num segundo momento, destacamos que (a) a oração subordinada prototípica é realmente a condicional, uma vez

que ela foi o tipo de oração presente em cerca de 73% das ocorrências, ratificando a hipótese levantada; (b) a função do FS em orações adjetivas está mais relacionada à expressão de incerteza, diferentemente do FS nas adverbiais, que contribui principalmente para a codificação dos sentidos modais de possibilidade, probabilidade, e também da temporalidade, pois o traço temporal foi o mais frequente nos períodos com FS (53%), o que indica ser o domínio funcional do FS relacionado à marcação de temporalidade, muitas vezes entrelaçada com futuridade; (c) a ordem das orações que prevaleceu no período foi a seguinte: oração subordinada com FS => oração principal, ocorrendo em quase 80% dos casos, o que vai ao encontro da hipótese inicial, talvez em virtude do predomínio das adverbiais, que possuem uma lógica de implicação entre oração antecedente e consequente;

- (iii) no que diz respeito aos verbos da oração principal, podemos afirmar, com bases nos dados analisados, que (a) o presente do indicativo é o tempo típico dessas construções que possuem o FS na oração subordinada sob seu escopo, aparecendo em 65% dos casos, seguido pelo futuro do presente do indicativo (18%), o que implica dizer que as orações principais expressam mais uma 'constituição de coisas no mundo', do que realizam (explicitamente na flexão verbal) uma projeção futura; (b) contrariando as nossas expectativas, os tipos verbais semânticos bem mais frequentes na oração principal foram os verbos ditos comuns (que projetam escopo *realis*), presentes em quase 50% dos dados. Nossa suposição inicial era de que haveria um número mais expressivo dos outros verbos, principalmente os modais ou de modalidade, mas os demais tipos verbais somaram 44%;
- (iv) quanto à forma verbal FS na oração subordinada, verificamos (a) em relação ao tipo semântico do verbo, a ocorrência de grande número de verbos também do tipo comum (44%), e também um número expressivo de verbos

de modalidade (22%). Essa quantidade significativa de verbos de modalidade é uma identificação explícita da relação entre verbos inerentemente *irrealis*, e contextos *irrealis*; (b) em relação ao estatuto gramatical do verbo, a constatação de que 83% dos verbos no FS eram principais na oração subordinada, indicando que a atuação do FS como auxiliar modal é pouco significativa;

- (v) no que tange à (ir)regularidade do verbo, verificamos que 63% das formas de FS encontradas na amostra são irregulares, fato que chamou a atenção, confirmando uma das hipóteses levantadas, que considera o fato de ser a frequência de uso um fator importante para a manutenção da irregularidade de alguns itens lexicais no paradigma do FS, e de que a própria irregularidade dessas formas as deixa um pouco mais independentes em relação às formas regulares⁸⁷, o que justificaria a alta frequência de irregularidade encontrada. Por fim, ressaltamos o fato de que as formas verbais *quiser* e *for* (no sentido de ser), foram os itens lexicais mais frequentes no FS, cada um ocorrendo em cerca 18% dos dados.

Finalmente, a partir das quantificações realizadas, articuladas com os pontos teóricos percorridos na revisão teórica e na própria discussão da metodologia e na análise dos dados, podemos esboçar o padrão principal de atuação/uso do FS (no português oral) em dois domínios:

- 1) **No contexto discursivo** → o FS atua como um dos *meios/formas de expressão* de um domínio conceitual complexo: o da modalidade *irrealis* – uma megacategoria subdividida em deôntica e epistêmica –, uma vez que se trata de uma forma de futuro e de subjuntivo, ou seja, duplamente *irrealis*. Sua atuação não é isolada, mas quase sempre em conjunto com outras *expressões irrealis* no

⁸⁷ Isso pode significar que o falante associa mais as formas irregulares ao FS, do que as regulares, uma vez que ele não partiria de um paradigma (o do FS) para chegar à forma, mas da forma (que é muito frequente), correlacionando-a diretamente ao paradigma.

contexto⁸⁸, o que o torna harmonicamente modal. Ainda, estando junto a uma oração subordinada adverbial, o FS expressa uma condição, uma situação anterior, para um evento ocorrer, que leva a ideia de possibilidade/probabilidade⁸⁹; e estando junto a uma oração adjetiva, expressa atitudes de dúvida, incerteza, advindas basicamente do SN não-referencial.

- 2) **Na proposição** → quando está nas condicionais e temporais, o FS transmite a ideia de um evento anterior a outro evento (expresso pelo verbo da oração principal), e essa noção de anterioridade somada a de não-factuality⁹⁰ é que contribui para a expressão de futuridade atribuída à marcação do FS; quando está nas adjetivas, ele modifica/qualifica o evento principal distanciando-se de noções temporais. Nas adverbais, ainda, o FS transmite, em conjunto com outros elementos da construção, traços temporais ou atemporais, quase sempre relacionados com futuro e habitual, respectivamente. Além disso, como todo marcador de modo, o FS expressa o julgamento/comprometimento do falante com o seu enunciado, tomando toda a proposição como seu escopo, ou seja, ele é um dos principais atuante na expressão da modalidade dentre os elementos do enunciado. Contudo, ressaltamos que, como foi visto, a expressão da modalidade advém de outros dispositivos, não só o das formas gramaticais de *irrealis*⁹¹, mas do próprio item lexical. Nesse sentido constatamos que, devido à maior frequência de verbos comuns no FS, e à atuação do FS quase sempre como verbo principal, esses outros meios não influenciam muito

⁸⁸ O FS se apresenta quase sempre com conjunções subordinativas que são *irrealis*, além do que nossos resultados apuraram que em 80% dos contextos havia ao menos uma expressão *irrealis* (além da conjunção subordinativa).

⁸⁹ Outras atitudes deonticas, que vêm a caracterizar a proposição como deontica, não advém da estrutura lógica da condicional/temporal, mas de outros elementos, como por exemplo, itens lexicais.

⁹⁰ A noção não-factual é sempre atribuída a todas as formas de subjuntivo.

⁹¹ Como as formas de subjuntivo e de futuro.

na marcação do *irrealis* pelo FS, que se dá pela sua flexão, como veremos a seguir.

A partir do exposto acima, consideramos então que a flexão verbal de FS, ou melhor, o seu sufixo flexional pode carregar (i) os sentidos semânticos de incerteza, probabilidade, possibilidade atribuídos às formas gramaticais de subjuntivo que marcam a modalidade epistêmica⁹²; (ii) os sentidos de intenção, e projeção futura (leve) atribuídos às formas gramaticais que marcam o tempo futuro e a algumas modalidades deônticas. Ainda, pode transmitir grande força modal em enunciados deônticos que envolver algum grau de manipulação do falante em relação ao interlocutor. No entanto, ressaltamos que é muito difícil descrever exatamente o que o FS significa no português, posto que, como qualquer outra forma gramatical de subjuntivo, ele carrega um sentido geral de não-asserção. Com isso, o FS 'absorve' mais especificamente o sentido do contexto em que ocorre.

Finalmente, alertamos que, devido ao fato desta pesquisa ter utilizado uma amostra de dados relativamente pequena, os resultados devem ser vistos com certa cautela. Nesse sentido, não nos possibilitam o levantamento de hipóteses mais amplas e mais gerais sobre o uso do FS em português. Acreditamos, no entanto, que a convergência verificada entre as hipóteses testadas é um indicativo de confiabilidade na análise aqui realizada, e de que estamos no caminho certo.

Pretendemos em futuras pesquisas trabalhar com um *corpus* maior e mais diversificado, incluindo também textos de modalidade escrita além de investigar outros grupos de fatores, para que assim possamos traçar um panorama mais amplo e empiricamente atestado acerca do uso do FS no português do Brasil. Outro desdobramento desta pesquisa consiste em dispensarmos um tratamento variacionista aos dados, verificando os contextos de ocorrência do FS como forma variante do futuro do indicativo, ou mesmo de outras formas verbais.

⁹² Acrescenta-se aí a noção de possibilidade *root* (raiz, primária, pequena), categorizada por Bybee *at al.* (1994, p. 184), como uma noção pertencente a modalidade orientada ao agente (deôntica).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática Latina**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BACK, Ângela. **A multifuncionalidade da forma verbal SSE no domínio tempo, aspecto e modalidade**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BAKHTIN, Mikhail, (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1979.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1980.

BYBEE, Joan L. **Frequency of use and the organization of language**. New York: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, Joan L. **Irrealis as a grammatical category**. *Anthropological Linguistics* 40, 1998, p. 257-271.

BYBEE, Joan L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, Joan L. PERKINS, Revere, PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World**. Chicago: University of Chicago Press. 1994.

BYBEE, Joan L. PERKINS, Revere, PAGLIUCA, William. **The semantic development of past tense modals in English**. Symposium on Mood and Modality, UNM, Albuquerque, 1992.

- BYBEE, Joan, William Pagliuca and Revere Perkins. Back to the Future. In: Traugott and Heine (eds.). **Approaches to gramaticalizaiton**, 1991, p. 17-58.
- BYBEE, Joan, FLEISCHMAN, Suzanne. **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- BYBEE, Joan, HOPPER, Paul. (eds.) **Frequency and emergency of linguistic structure**. Amsterdam, Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2001.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 40. ed. Petrópolis, 2007.
- CEGALLA, Domingos P. **Novíssima gramática da lingual portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of theory of syntax**. Cambridge: Massachusetts:, 1965.
- COATES, Jennifer. **The Semantics of Modal Auxiliaries**. London: Croom Helm, 1983.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC Fename, 1980.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís. **Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, Carlo E, MOURA, Francisco M. **Gramática**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- FERRARI, Lilian. **Modalidade e condicionalidade no português do Brasil**. In: Recort – revista de linguagem, cultura e discurso, n. 3, 2005.
- FLEISCHMAN, Suzanne. **The Future in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FREITAG, Raquel M. K. **A expressão do passado imperfectivo em português: variação/gramaticalização e mudança.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GIBBON, Adriana. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2000.

GIVÓN, Talmy. **The genesis of syntactic complexity: diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GIVÓN, Talmy. **Context as other minds.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

GIVÓN, Talmy. **Bio-linguistics: The Santa Barbara Lectures.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

GIVÓN, Talmy. **Syntax.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 1 e 2.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Irrealis and the subjunctive.** Studies in Language, 18. 2, 1994.

GIVÓN, Talmy. **English Grammar.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional typological introduction.** v. 1 e 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional typological introduction.** v. 2. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GIVÓN, Talmy. **Evidentiality and epistemic space.** Studies in Language, 6. 1, 1982.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar.** New York: Academic Press, 1979.

- GÖRSKI, Edair. **Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais.** Letras de Hoje, v. 35. Porto Alegre: PUCRS, 2000. p. 97-120.
- GÖRSKI, Edair *et al.* Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino (org.) **Variação e mudança no português falado na Região Sul.** Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 217-268.
- GÖRSKI, Edair. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- GREENBERG, Joseph. **Language Universals,** The Hague: Mouton, 1966.
- GRYNER, Helena. **A variação tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- GRYNER, Helena. **Variação modal como estratégia argumentativa.** In: MACEDO, A., RONCARATI, C. e MOLLICA, M. (orgs). *Variacao e discurso.* Rio de Janeiro: Rempo brasileiro, 1996
- HEINE, bernd, KÖNIG, Ekkehard. Gramatical Hybrids. In: Dressler, W. U; Kastovsky, D; Pfeiffer, O. E; Franz, R. (orgs.). **Morphology and its demarcations.** Amsterdam, Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2004. p. 81-96.
- HEINE, Bernd, KUTEVA, Tania. **The genesis of grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, Paul, TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- INFANTE, Ulisses & NICOLA, José de. Gramática contemporânea da língua portuguesa. Editora Scipione: São Paulo, 1997.
- LABOV, William. Narrative pre-construction. In: Michael Bamberg (ed.). **Narrative, state of the art,** p. 37-45, 2006.
- LYONS, Jonh. **Semantics.** Cambridge University Press, Cambridge, 1977.

MACEDO, Alzira. **O uso do futuro do subjuntivo em português: regularização de uma forma verbal.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

MARGOTTI, Felício. W. **Abordagem empirista em trabalhos de variação sociolinguística.** In: Linguagem (em)Discurso, vol 4. n. 1. Tubarão: Editora da UNISUL, 2003. p. 149-166.

MATEUS, Maria H M.; BRITO, Ana M.; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel. **Gramática da Língua Portuguesa.** 3ª. ed. Editorial Caminho: Lisboa, [1983] 1989.

NEVES, Maria H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H de M. (org.) **Gramática do português falado. V. VII.** São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; Campinas: Ed. da Unicamp. 1999. p. 497-544.

NEVES, Maria H. M. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NUNES, José J. **Crestomatia Arcaica: exertos da literatura portuguesa.** Rio de Janeiro, 1984.

OLIVEIRA, Mariângela. R. & VOTRE, Sebastião. J. **Resenha de *Functionalism and Grammar, Givón (1995)*.** In: DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada. vol 3. n. 2. São Paulo, 1997.

PALMER, Frank. R. **Modality and the English modals.** London: Cambridge University Press, 1979.

PALMER, Frank R. **Mood and Modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PIMPÃO, Tatiana. **Variação no presente do subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

PHILPS, Betty. Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, Joan, HOPPER, Paul. (eds.) **Frequency and emergency of linguistic structure.** Amsterdam, Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2001.

POPLACK, Shana. Variability, frequency and productivity in the *irrealis* domain of French. In: BYBEE, Joan, HOPPER, Paul. (eds.) **Frequency and emergency of linguistic structure**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

POPLACK, Shana. **The inherent variability of the French subjunctive**. In: *Current Issues in Linguistic Theory*. 74, 1992. p. 236-263.

REIS, Diana L. Variação **no uso do futuro do subjuntivo no PB: um estudo sociofuncionalista**. In: *Anais do VIII Encontro do Celsul*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

REIS, Diana L. **A atuação da modalidade em condicionais: um estudo caso**. Artigo não publicado.

LIMA, Carlos H. R. da. **Gramática normativa da língua portuguesa: prefácio de Serafim da Silva Neto**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSCH, Eleanor. **Natural categories**. *Cognitive Psychology*, v. 4, 1973. p. 328-350.

SACCONI, Luiz. **Gramática essencial da língua portuguesa: teoria e prática**. Atual editora: São Paulo, 1987.

SANTOS, M. L. **Semântica de condicionais e contexto**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SIMÕES, Maria C. P; STOEL-GAMMON, Carol. **The acquisition of inflections in Portuguese: a study of the development of person markers on verbs**. *Journal of child language*. n. 2. p. 53-6, 1979.

SPENCER, Andrew. **Morphological Theory**. Oxford: Blackwell, 1991.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

TRAUGOTT, Elizabeth, C. From etymology to historical pragmatics. In: Minkova and Robert Stockwell (eds) **Studies in the history of the English language: A millennial perspective**, eds. 19-49. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard (2005). The development of modal verbs. In: **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 2005, p. 105-151.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. 6 e. d São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Cantigas medievais portuguesas

Cantigas medievais portuguesas presentes na obra *Crestomatia Arcaica: exertos da literatura portuguesa*, de José Nunes (1984)

(1) E nũa mi ben queirades,
que me será de morte par,
se SOUBERDES, meu amigo,
ca poss' eu rê no no múd'achar
que a mi tolha deseio
de vós, hu vos eu ñ veio.
(I, pg. 191)

(2) E, sse **FEZER** [bon] tenpo e mha madre non FÔR,
querrey andar mui leda, por parecer melhor
e por veer meu amigo logu'i,

Fazede-mh ora quanto mal poderdes,
can non me guardaredes, pero **QUISERDES**,
d'ir a San Leuter falar com me[u] amigo.
(IV, p. 192)

(3) Mays dona que amig' **OUVER**
des oie mays (crea, per Deus)
non s' esforecen os olhos seus,
ca des oi mais no lh' é mester,
ca ia meus olhos uyu alguen
e meu bom talh' e ora ven
e vai-sse tanto que ss'ir quer.
(IX, p. 196)

(4) Hud' ay, mha madre, vee-lo meu amigo
que é coytdo por que ñ falar migo,

e yrei eu convosco, **se vós QUYSERDES.**

Tan coitado que morrerá, se me ñ VIR;
id' ay, mha madre, vee-lo por lo guarir,
e yrei eu cõvosco, **se vós QUYSERDES.**

Por que de morte me quer bê de coraçõ,
Ide vee-lo, mha madr', e guarrá entõ,
E yrei eu cõvosco, **se vós QUYSERDES.**
(XXII, p. 202)

(5) **Se** vos non **PESAR**, ende,
madr', irey hu m' atende
meu amigo no monte.
(XXIII, p. 203)

(6) Hu estava conmigo falando,
dix-lh' eu: que farey **se** vcs non **VIER**
ou **se** vosso mandad non **OIR**
ced'? enton jurou-me el chorando
que se veesse logo a seu grado,
se non, que m' enuyasse mandado.
(XXIV, p. 204)

(7) Baylemos nós ia todas tres, ay amigas,
so aquestas aueleneyras frolicas
e **quen FOR** velida, como nós, velidas,
se amiga **AMAR**,
so aquestas aveleneyras frolicas,
verrá baylar.

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqueste ramo destas avelanas,
e **quem FOR** louçana, como nós, louçanas,
se amigo **AMAR**,
so aqueste ramo destas avelanas

uerrá baylar.

Por Deus, ay amiagas, mentr' al non fazemos,
so aqeste ramo flolido bailemos,
e **quem** bem **PARECER**, como nós parecemos,
se amigo **AMAR**,
so aqeste ramo so l[o] que nós bailemos
verrá bailar.

(XXIX, p. 206)

(7) Eu, louçana em quant' eu viva **FOR**,
Nunca ia mays creerey per amor;
Poys [que] me mentiu o que namorey,
Nunca ia mays per amor creerey,
Poys que mi mentiu o que namorey.

(XXXVIII, p. 212)

(8) **Se** vos **PROUGUER**, madr', oi' este dia
hirey oi' eu fazer oraçon,
e chorar muit' em Sancta Cecília
destes meus olhos e de coraçõ
ca moyr' eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.

Se vos **PROUGUER**, madre, desta guisa
Hirey alá nhás candeas queimar
Eno meu mant' e na mha camisa
a Sancta Cecília, ant' o seu olhar,
ca moyr' eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.

Se me **LEIXARDES**, mha madr', ala' hir,
darei-vos ora o que vos farey:
punharey sempre ia de vos servir
e desta hida mui leda verrey,
ca moyr' eu, madre, por meu amigo,

e el morre por falar comigo.

(9) Non mi digades, madre, mal, **se eu FOR**
vee'lo sen verdad' e o mentidor
na ermida do soveral,
hu m' el fez muytas vezes coyad' estar.
(XLI, p. 214)

(10) Que trist' anda meu amigo,
por que me queren levar
d'aquí, e, **sse el FALAR**
no poder ante comigo,
nunca ia ledó será;
se m' el non VIR, morrerá.

Que trist' oie que ue seio!
e, par Deus, que pod' e val,
morrerá hu no iàz al.
se m'eu FOR e o no veio,
nunca ia ledó será;
se m' el no VIR, morrerá.

E, pero sôo guardada,
se soubess' ya morrer,
hi-lo-ey ante **VEER**,
ca ben ssey desta vegada
se m'el non VIR, morrerá.
(LXVII, p. 229)

(11) **Quando** meu amigo **SOUBER**
que m' assanhey por el tardar
tan muyto, **quand'** aquy **CHEGAR**
e que lh' eu falar no **QUYSER**,
muyto terra que baratou
mal, por que tam muyto tardou.

No tem agora el em rrem
muy gram sanha que eu d'el ey.
quand'el **VÊER**, com' eu serey
sanhuda, parecendo bem,
muyto terra que baratou
mal, por que tam muyto tardou.

E, **quand'** el **VIR** os olhos meus
e vir o meu bom semelhar,
e o eu ão **QUISER** catar,
nê m' **OUSAR** el catar dos seus,
muyto terra que baratou
mal, por que tam muyto tardou.

Quando m'el **VIR** bem parecer,
com'oi', eu sey que m' el verá,
e da coyta que por myn á
nã m' **OUSAR** nulha rrem dizer,
muyta terrá que baratou
mal, por que tem muyto tardou.
XXVI, p. 235)

(12) Hirey a lo mar vee'lo meu amigo;
Pregunta-lo-ey se **QUERRÁ** viver migo:
e vou-m' eu namorada.

